

DENILSON MARQUES

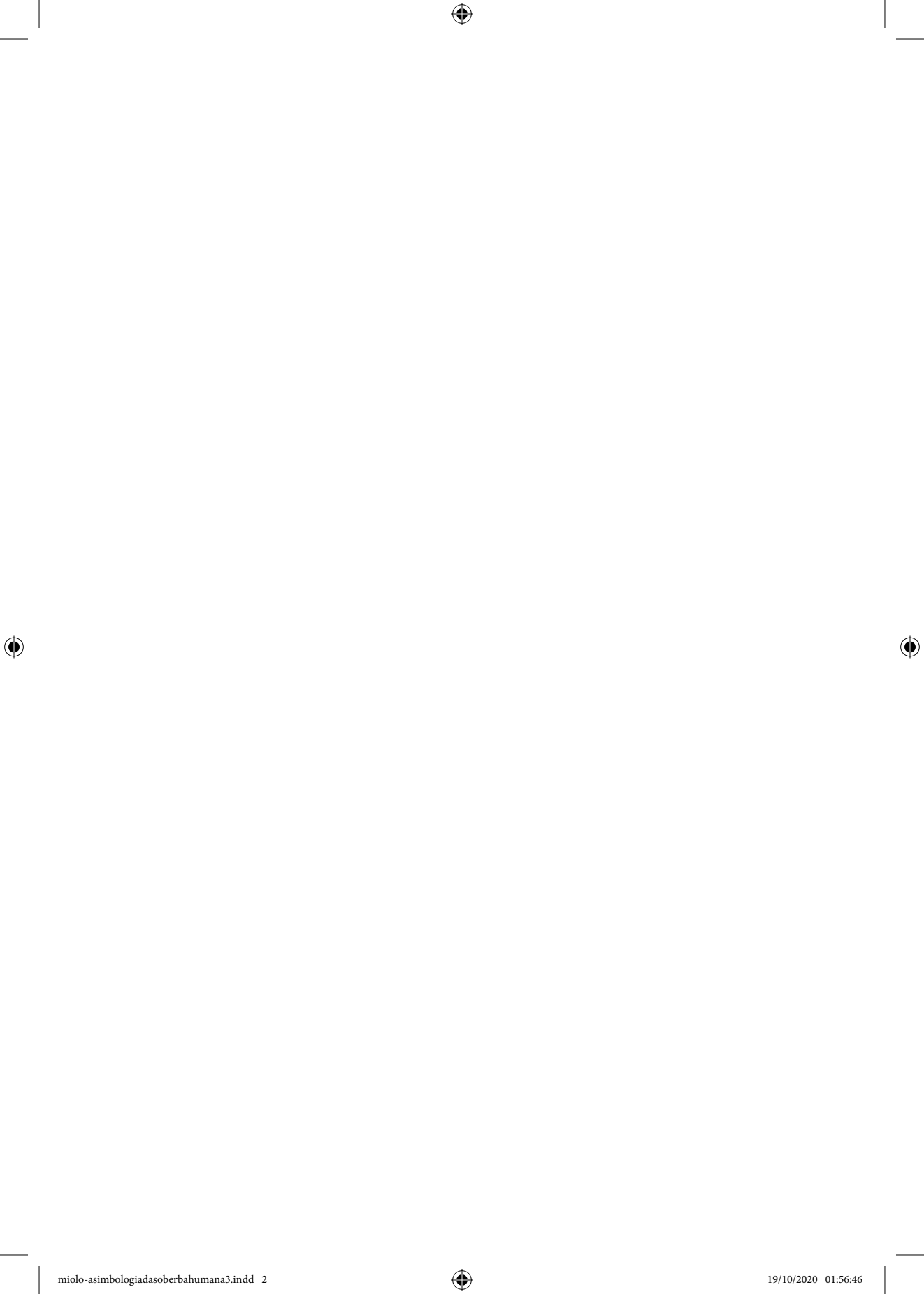


A  
SIMBOLOGIA  
DA  
SOBERBA  
HUMANA

Volume 3

*autografia*

A  
SIMBOLOGIA  
DA  
SOBERBA  
HUMANA



D E N I L S O N   M A R Q U E S

A  
SIMBOLOGIA  
DA  
SOBERBA  
HUMANA

Volume 3

*autografia*

Rio de Janeiro, 2020

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO  
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

---

M316s   Marques, Denilson

A simbologia da soberba humana, volume 3 / Denilson Marques. - 1. ed. - Rio de Janeiro : Autografia, 2020.

134 p. ; 23 cm

ISBN 978-65-5531-000-0

1. Homem (Teologia). 2. Teologia dogmática. 3. Antropologia teológica - Cristianismo. 4. Filosofia e religião. 5. Psicanálise e religião. I. Título.

20-65520

CDD: 210

CDU: 2-1

---

Meri Gleice Rodrigues de Souza - Bibliotecária - CRB-7/6439

*A simbologia da soberba humana: volume 3*

MARQUES, Denilson

ISBN: 978-65-5531-000-0

1ª edição, outubro de 2020.

Editora Autografia Edição e Comunicação Ltda.

Rua Mayrink Veiga, 6 – 10º andar, Centro

RIO DE JANEIRO, RJ – CEP: 20090-050

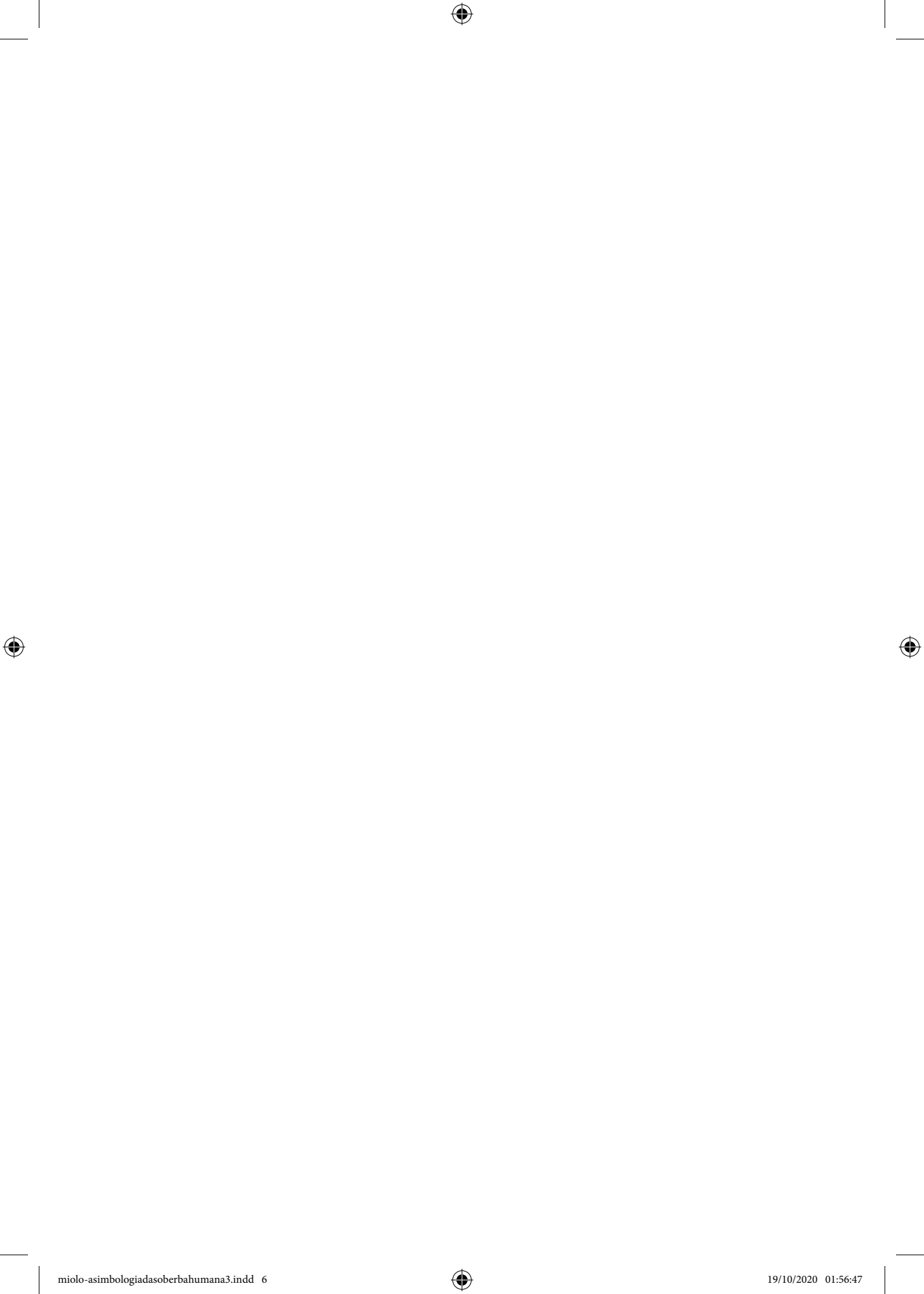
[www.autografia.com.br](http://www.autografia.com.br)

Todos os direitos reservados.

É proibida a reprodução deste livro com fins comerciais sem  
prévia autorização do autor e da Editora Autografia.

## Sumário

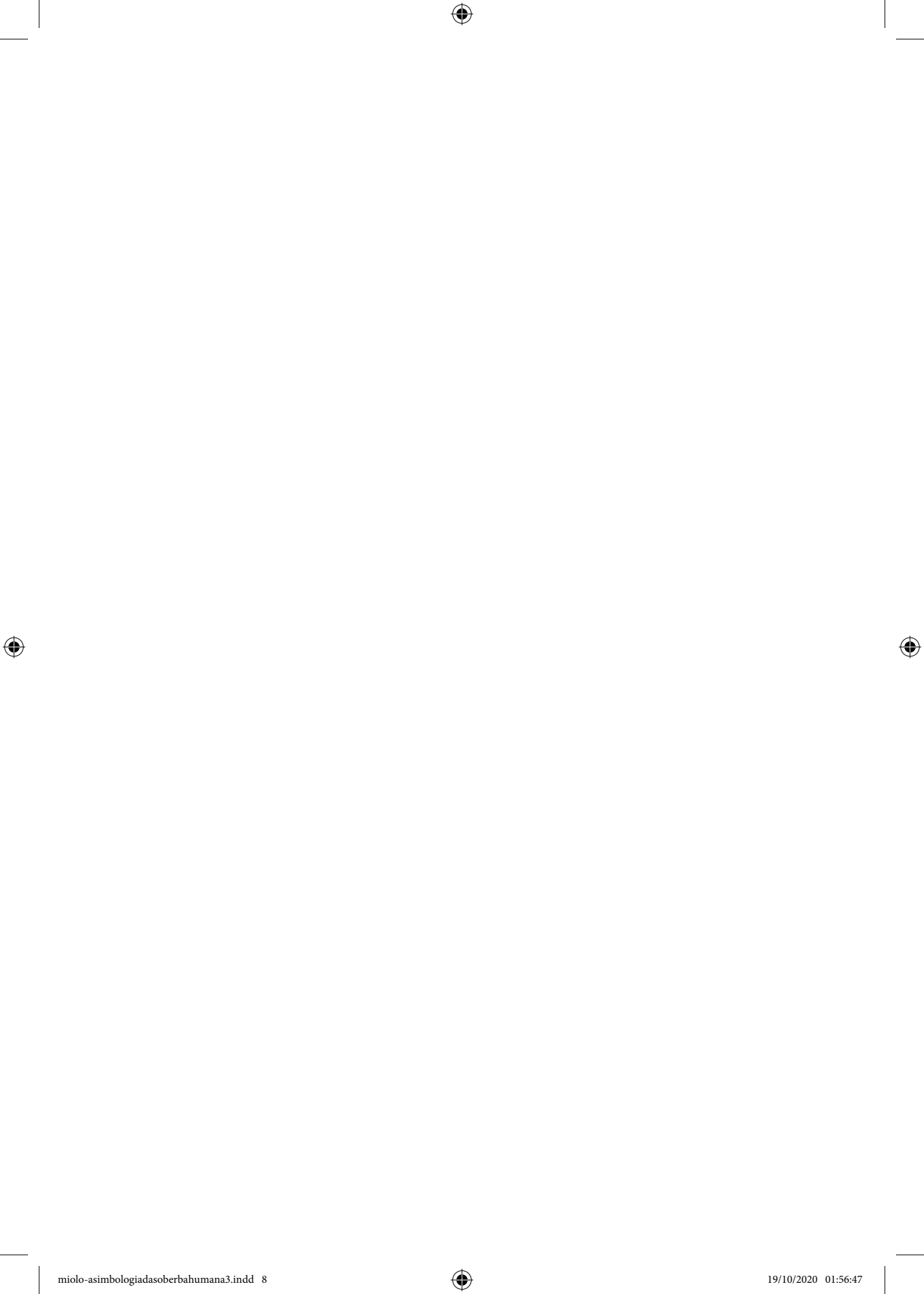
|                                                    |     |
|----------------------------------------------------|-----|
| INTRODUÇÃO .....                                   | 13  |
| ATOS DE DEUS .....                                 | 17  |
| ATOS DO PENSAR E EXISTIR .....                     | 55  |
| ATOS DA FÉ, ATIVADA E REATIVADA .....              | 59  |
| ATOS DA QUESTÃO DA SANTIDADE .....                 | 63  |
| ATOS DA POSSIBILIDADE DA VIDA ETERNA .....         | 67  |
| ATOS DO FIM DA INCERTEZA .....                     | 71  |
| ATOS DA QUESTÃO DA MORTE NÃO SER RAZÃO FINAL ..... | 77  |
| ATOS DA CELEBRAÇÃO DA VIDA .....                   | 89  |
| ATOS DA HERANÇA DE SI MESMO .....                  | 93  |
| NOTAS .....                                        | 117 |
| CONCLUSÃO .....                                    | 119 |
| REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....                   | 129 |



## Agradecimentos

Agradeço à produção deste livro a divina inspiração do Espírito Santo de Deus.

Aos meus familiares (esposa Edilene, filho Pablo e seus frutos: Micael e Pérola) e a todos os amigos que me acompanham na jornada no mundo das letras, motivo de uma inspiração sempre renovada e genuína. E, em especial, ao estimado amigo prof. Cristiano Mariella, Mestrando em Teologia-PUC/RIO, pelos sábios conselhos e orientações acadêmicas.



## Dados biográficos do autor

**DENILSON MARQUES**, pseudônimo Dante Negro, natural do Rio de Janeiro, escritor, poeta, ensaísta, artista plástico e design gráfico pela Control C, servidor público, formado na área de Ciências Humanas (Filosofia/UERJ e Teologia/IBADERJ), Psicanálise e Pós-graduação em Psicanálise pela SETEAD, participou das seguintes coletâneas de *Poesias e Contos, Grandes Talentos* (1993) pela Litteris Editora, *Devaneios* (1994) e *Mutações* (1995) pela Taba Cultural e a *Coletânea das 30 melhores Poesias de 2006*, pelo Jornal Koisas do Rio. Menção Honrosa no *Livro de Poesias, contos e crônicas dos Servidores do Estado do Rio de Janeiro* (2000 e 2010), publicado pela Fesp e *Antologia Poética do Grupo Meriti Fazendo Arte* (2005) e do *Prêmio de Poesia do Sesc/Tijuca* (2005).

Publicou seu primeiro livro de poesia *Canções dos jogos do amor* em outubro de 1998 e a 2ª edição no ano de 1999, em seguida os livros: *As desatenções do amor e da vida* (maio/2013 – 1ª edição), pela Letras e Versos Editora e *A celebração da amada* (nov./2013 – 1ª edição e dez./2014 – 2ª edição), pela Editora Multifoco; *Sonetos da maturidade* (abril/2016) pela Letras e Versos Editora, *Drummondianar, A arte de peneirar coisas no tempo* (nov./2018), *Simbologia da soberba humana – volume 1* (nov./2018 – 1ª Edição) e (maio/2019 – 2ª edição), pela Editora Autografia. *O espinho não fere a rosa*, Fontenele Edições, dez./19 e *Sonetos da Ilha do Amor e Maturidade*, Editora Autografia, ano 2020. Atualmente dedica-se a escrever e a pintar, transpondo também a poesia para suas telas.

## Contato com o autor

---

(21) 991442925 (Whatsapp) e 975281074

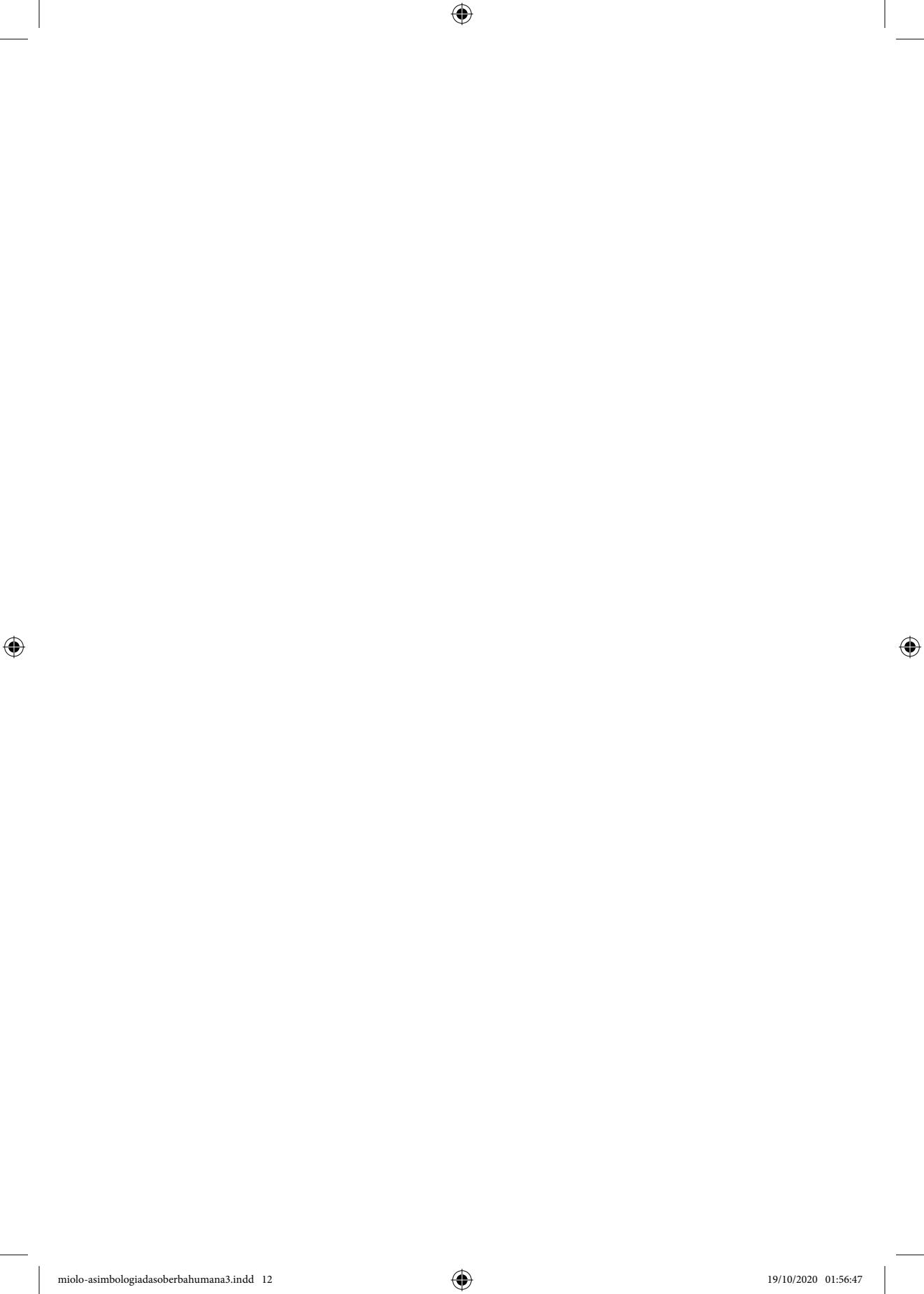
E-mail: [marquespoeta1963@gmail.com](mailto:marquespoeta1963@gmail.com)

E-mail: [dantenegro@gmail.com](mailto:dantenegro@gmail.com)

Facebook: Denilson marques da silva

Instagram: denilsonmaquespoeta

# Atos de Deus & dos homens



## Introdução

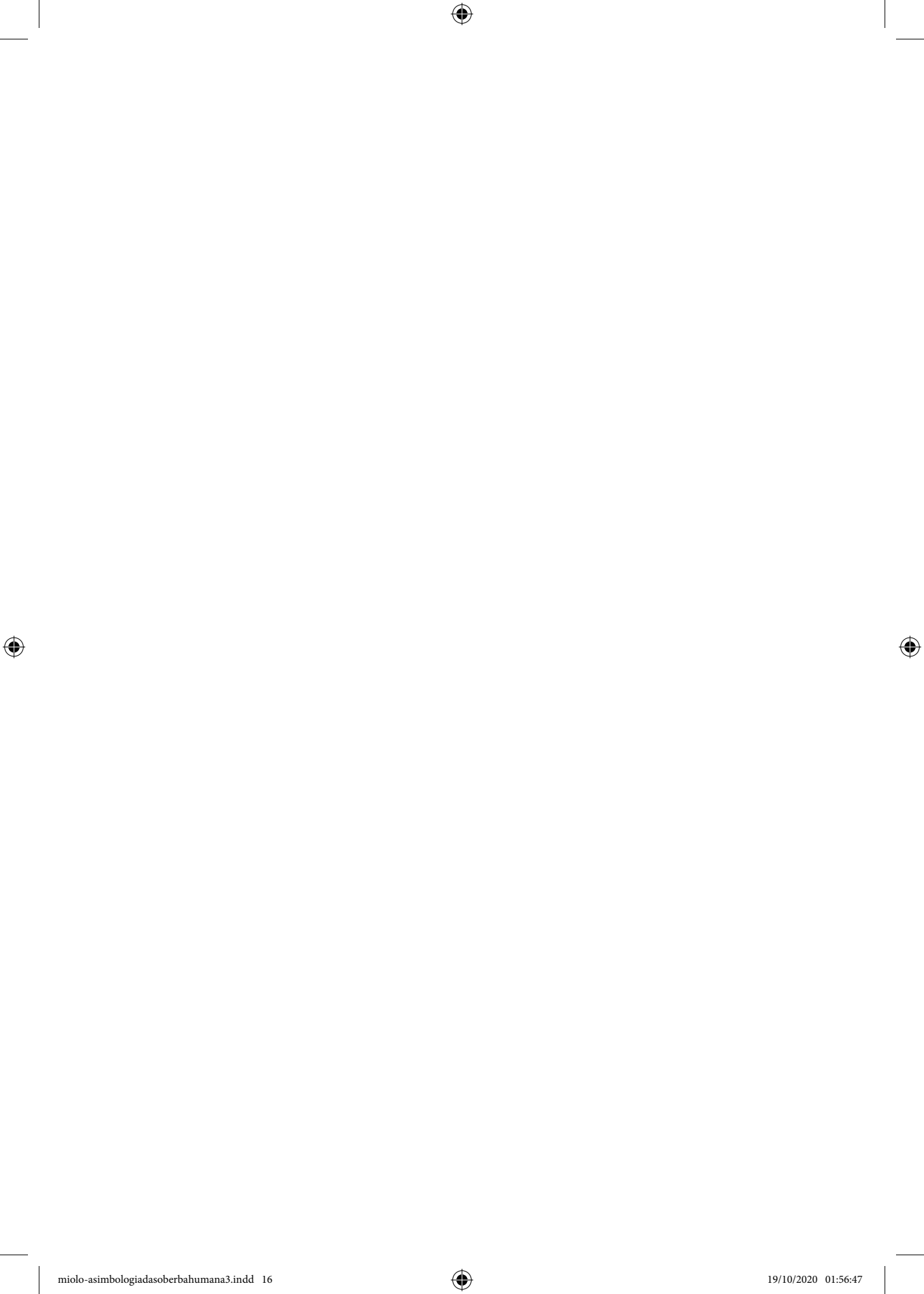
Neste livro demonstro que o desdobramento de pensar filosófico não é um bicho de sete cabeças, que a partir do momento que nos predispomos a desenvolver cada vez mais nossa capacidade mental, expande assim nosso conhecimento para alcançar patamares inimagináveis. Raciocinar é uma prerrogativa do ser humano que, através do ato do pensar, analisa a si próprio e tudo que o cerca, interagindo com a natureza e o Cosmo. Aproveito neste livro para demonstrar minha experiência com o movimento do pensamento filosófico ocidental, a priori buscando deleite na fonte da filosofia da Grécia antiga, articulando com o pensamento dos filósofos pré-socráticos até desembocar na filosofia da Idade Média, no ambiente dos Apologistas, de Santo Agostinho a Tomás de Aquino. Aqui não poderia deixar de mencionar inclusive uma influência salutar da filosofia contemporânea, onde diversos mestres no campo do saber demonstram à sua maneira de ver, entender e interpretar o mundo visível e invisível. E, nesta empreitada, descortinei a leitura do Tratado Teológico Político de Baruch de Spinoza, que muito me acrescentou o aprimoramento do discurso dialético, no desenrolar da trilogia da *Simbologia da Soberba Humana*, destarte o que não se encontra neste livro, em nível mais filosófico que teológico, se descortina no cenário das três seções, acerca dos assuntos elencados sobre Deus, o cosmo, o homem e a natureza. Num segundo momento busco vislumbrar nos paradigmas da existência humana o avanço para uma experiência em que analiso o homem dentro e fora do contexto

no campo da existência e sua posição como indivíduo perante a vida, os seres, a natureza, o destino, o universo e o Criador.

O homem como criatura, predestinada a viver e sofrer a ação do tempo, dos eventos, circunstâncias e idiossincrasias que sujeitam todos os seres vivos, meros mortais, neste caso sofre e se angustia do nascimento à morte, quanto mais toma consciência de si, da limitada natureza que tem. E aqui falar do homem no campo da existência sem falar de Deus é no mínimo falta de senso e sapiência para melhor discernir a particularidade e totalidade das coisas criadas, ao menos procurar entender que a razão do que somos, de onde viemos e para onde vamos está intrinsecamente relacionada com Aquele que tem soberania sobre toda Criação. E mesmo que não queiramos nos ater a conceitos ligados à religião, até porque Deus não inventou a religião, que é coisa do homem, ao menos, tocar na questão da espiritualidade que rege nossa maneira de ser e viver, considerando nossa essência mais sutil: a alma e o espírito, em todo caso, sem a consciência que temos e a noção de certo e errado, da nossa livre escolha, capacidade de pensar e agir com atributos que nos foram outorgados, nos coloca numa condição de superioridade diante de outros seres na gênese da Criação. Não obstante, considerar diferente disso tudo é no mínimo subordinar a natureza humana a uma categoria inferior, em relação a outros seres criados, ou achar que cadáveres podem falar.

Resolvi neste livro procurar não me apoiar em argumentos, usando a fala de outros pensadores, dispensando a priori determinadas citações, mesmo que pagando o preço de ser mal interpretado no meio acadêmico, considerando assim que tal iniciativa poderia atravancar minha linha de atuação para um pleno exercício do pensamento filosófico, dentro de um ponto de vista epistemológico, e por que não, teológico. Mesmo que se admita não haver associação plausível entre uma coisa e outra, mesmo que caíamos no lugar comum, mesmo que por pré-julgamentos ou pré-conceitos, especiólogos de plantão mencionem que faço a filosofia do senso comum. Enfim, se não houvesse a crítica, a

oposição, a diferença, com certeza estaríamos fadados à mesmice, fadados ao lugar comum da filosofia dos filósofos de carteirinha, que nada mais fazem que parafrasear o pensamento originário dos grandes mestres, através de citações e carência de articular algo que saiam de suas próprias mentes “sábias”, que possa ser no mínimo de bom gosto e nos provoque um pouco de interesse pela decantada filosofia formadora de pensadores e pensa/dores, pois me lanço, me projeto, me exponho e tenho a coragem de dizer não à fala de outros através do que digo, mas aquilo que somente posso mencionar na experiência das coisas, de tudo que nos cerca e vislumbramos e de alguma forma são impressas na vivência de cada um de nós, e melhor do que eu ou qualquer um outro, Sócrates, exercitou o livre pensar através da Maiêutica – o saber que vem do outro. Assim sendo, certamente a psicoterapia moderna soube usar muito bem os conceitos socráticos, na dinâmica do estudo, pesquisa e resultados positivos e interativos. Igualmente, pautado no entendimento que me foi atribuído não pela natureza e formação, mas por talentos e dons que advêm de Deus, início a obra em questão, e longe de qualquer comparação, e me dou ao luxo de citar o Apóstolo dos Gentios: “Ainda que eu tenha o dom de profetizar e conheça todos os mistérios e toda a ciência; ainda que tenha tamanha fé, a ponto de transportar montes, se não tiver amor, nada serei.” (1º Coríntios 13).



## Atos de Deus

### I

**D**eus disse: “Façamos o homem à nossa imagem, conforme nossa semelhança (Gn. 1:26). Logo, se Deus não mente, sou o que sou, mesmo além do que penso ser, melhor esclarece o poeta português Camões: “Transforma-se o amador na coisa amada.” Tal citação promove ou me autopromove a ser enquadrado, no mínimo, numa categoria excelente, inda que tal coisa me faça ser não sendo, como sou o que penso ser, tão somente a partir do que Ele disse, foi descrito e decretado. Se Nele penso e sou, sou a partir do que penso, ou do que fui construído, e pensar ou não pensar não interfere em nada partindo da matéria de que fui feito ou gerado. “Então o SENHOR modelou o ser humano do pó da terra, feito argila, e soprou em suas narinas o fôlego de vida, e o homem se tornou um ser vivente.” (Gn.2:7), isso faz eu ser ou não ser pelo que Deus é, independente do meu juízo ser perfeito sobre tal coisa, sobre o que julgo ou possa discernir. Se Nele pertenço, como sou! Sou nele inteiro e não fragmentado, se Ele me fez doutra forma do que disse, não é verdadeira Sua fala no que diz e nem o que Ele seja. Nele me faço pelo que fui feito sendo imagem e por moldar em mim Sua própria semelhança, **“Porque dele e por ele, e para ele, são todas as coisas”** – Romanos 11:36. Como lidar com isso de maneira simplória, se em tudo há complexidade para nosso entendimento, meu caminhar na terra e com Deus, sofrendo alices e declives.

O próprio Deus quis se fazer entender pela forma limitada que O compreendemos! Não por Ele ser limitado, mas porque não alcançamos Sua magnitude do Ser que é. Sem isso, não teríamos nenhuma referência que possamos distinguir entre o que somos e são os animais por não serem seres pensantes. Se, sou o que sou pelo que Deus é o que é, não sou eu o mesmo que Ele é, mas faz-me admirar e louvar pelo que Ele é. Minha expressão de ser já é na sua forma o louvor de Sua glória, pois o homem nesse cenário também é um ser, pequena criatura, um ponto no universo, que Deus escolheu ser Sua imagem e semelhança? Antes ou depois da criação? Estranho isso, né? Nunca estaremos satisfeitos com as respostas que chegam até nós, acerca da nossa existência de onde viemos, quem somos e para onde vamos. Sabendo de tudo isso, Deus fez os Dez mandamentos com Sua própria escrita para bem nos orientar e conduzir, assim fez as Escrituras Sagradas (Bíblia) como manual de vida. Se o primeiro casal não tivesse pecado haveria necessidade de Deus ter feito um plano B, traçar a história da humanidade pelo ponto de vista da salvação, fazer do verbo se fazer carne e habitar entre nós? O plano B que imaginamos já não era o plano A? Ainda na mente de Deus, ao fazer um ser tão frágil como somos, e o eleger ser o que é no nivelamento de imagem e semelhança, a saber “irmãos, que **a carne e o sangue não podem herdar o reino de Deus**” – 1º Coríntios 15:50. Tudo isso, devido a degeneração da raça humana? Ou processo de forja e transformação para um nível que não haveremos de alcançar nesta vida? Deus não é mentiroso, acerca de sermos o que somos, e do que haveremos de ser, conforme é relatado em 1º Coríntios 15:44 a 46:

... é semeado um corpo natural, contudo ressuscita um corpo espiritual. Ora, se há corpo natural, há também corpo espiritual. Da mesma forma, está escrito: “Adão, o primeiro homem, foi feito alma vivente”; o último Adão, no entanto, é espírito vivificante! Assim, não foi o espiritual que veio primeiramente, mas sim o natural; depois dele então, chegou o espiritual.

Tudo que foi exposto acima corrobora com a questão da salvação do homem, que é salvação de quê? Ou de quem? Tal questão nos

remete às interpretações teológicas do ato do pecado, Pecado Original, mas com a vinda de Cristo: “Onde abundou o pecado, superabundou a graça” – Romanos 5:20. E, se Deus é Deus, perfeito em si mesmo, onipotente, onisciente, onipresente, não precisava de mais nada, além de si, se basta por ser incriado e auto existente, se Ele existia só, ainda que admitamos a Trindade, três em um: Pai, Filho e Espírito Santo. Ver 1 João 5:6-12:

Este é aquele que veio por água e sangue, isto é, Jesus Cristo; não só por água, mas por água e por sangue. E o Espírito é o que testifica porque o Espírito é a verdade. Porque três são os que testificam no céu: o Pai, a Palavra, e o Espírito Santo; e estes três são um. E três são os que testificam na terra: o Espírito, e a água e o sangue; e estes três concordam num. Se recebemos o testemunho dos homens, o testemunho de Deus é maior; porque o testemunho de Deus é este, que de seu Filho testificou. Quem crê no Filho de Deus, em si mesmo tem o testemunho; quem a Deus não crê mentiroso o fez, porquanto não creu no testemunho que Deus de seu Filho deu. E o testemunho é este: que Deus nos deu a vida eterna; e esta vida está em seu Filho. Quem tem o Filho tem a vida; quem não tem o Filho de Deus não tem a vida.

Duma só força e vontade tal ATO de DEUS demonstrou que a criação é boa, que somos frutos dessa bondade e misericórdia. Destarte “pela fé reconhecemos que o mundo foi formado pela palavra de Deus e que as coisas visíveis se originaram do invisível” – Hebreus 11:3. Fez-nos superiores dentre o elenco dos anjos acima dos astros, sendo obra mais excelente, na criação habitável do nosso planeta preparado para vivermos bem, em condições favoráveis de vida, sermos a menina dos olhos do ETERNO. Onde nada existia emergiu a beleza de tudo que é, e de tudo que somos, quando ainda nada era então visível e, nós seres humanos, apenas habitávamos no centro da vontade e pensamento de Deus, pois “no princípio, Deus criou os céus e a terra. A terra, entretanto, era sem forma e vazia. A escuridão cobria o mar que envolvia toda a terra, e o Espírito de Deus se movia sobre a face das águas” (Gn.1:2).

## II

Não se entende Deus como pensamos e nem para se entender se presume que seja assim, Ser o que Ele é, ou que pensamos que poderia ser? E, se por achar devemos que poderia ser quando não é? Não da forma que é se forma há que tenha? Sob a ótica do que julgamos que Ele seja. Até porque “Deus é Espírito, e importa que os que o adoram O adorem em espírito e em verdade” – João 4:24. Ele é sem que tenha que se adequar ao que pensamos ou queremos, um Deus da forma que Ele é, a forma Dele ser e pensar, menos deveria importar, do que nós deveríamos nos importar em ser mais o que somos pra Ele, ou na posição que queria que estejamos do que então projetou para nós, de acordo com a Sua presciência. E que vontade e exigência é essa? De que maneira se pode discernir pelo que tão somente nos aproxima mais de Si? Diante daquilo que não conseguimos nós, humanamente falando, entender na real plenitude? Mas pela infinita bondade e misericórdia que tem ao se desfazer de Sua glória, conforme relata Filipenses 2:1-12:

“Portanto, se há alguma exortação em Cristo, se alguma consolação de amor, se alguma comunhão do Espírito, se alguns entranháveis afetos e compaixões, completai o meu gozo, para que tenhais o mesmo modo de pensar, tendo o mesmo amor, o mesmo ânimo, pensando a mesma coisa; nada façais por contenda ou por vanglória, mas com humildade cada um considere os outros superiores a si mesmo; não olhe cada um somente para o que é seu, mas cada qual também para o que é dos outros. Tende em vós aquele sentimento que houve também em Cristo Jesus, o qual, subsistindo em forma de Deus, não considerou o ser igual a Deus coisa a que se devia aferrar, mas esvaziou-se a si mesmo, tomando a forma de servo, tornando-se semelhante aos homens; e, achado na forma de homem, humilhou-se a si mesmo, tornando-se obediente até a morte, e morte de cruz. Pelo que também Deus o exaltou soberanamente, e lhe deu o nome que é sobre todo nome; para que ao nome de Jesus se dobre todo joelho dos que estão nos céus, e na terra, e debaixo da terra, e toda língua confesse que Jesus Cristo é Senhor, para glória de Deus Pai. De

sorte que, meus amados, do modo como sempre obedecestes, não como na minha presença somente, mas muito mais agora na minha ausência, efetuai a vossa salvação com temor e tremor. ”

Ele é sem que tenha que se adequar ou se enquadrar ao que pensamos ou queremos, Deus é Deus da forma que é e se apresenta como deseja e se faz demonstrar “pelo firme fundamento das coisas que não se veem e dos fatos que se espera” – Hebreus 11:1. Desta forma, o grande lance não é conhecer a Deus, como imaginamos que Ele seja, mas buscar conhecer nossa própria natureza e a constituição do que fomos feitos da maneira que nos formou “do pó da terra” – Gn. 2:7. Neste caso, nos dá pistas constante de que nós somos imagem e semelhança Dele. Não necessariamente na forma física ao nos formar de uma argila, elemento comum da natureza, melhor explicita Salomão em Eclesiastes 3:19-20. Mas temos com Ele relacionamento parecido que há entre pais e filhos? É o que nos instrui e orienta a sermos e estar em conformidade com a Sua palavra e vontade. Num primeiro momento a mensagem de forma literal esclarece dúvidas que temos e devemos nos esforçar para melhor compreender, embora não sejamos deuses ou coisa semelhante, em que nível ou esfera nos enquadra ou nos equaciona o Criador ser o que nós somos, sendo o que já devemos ser? Ainda ao nosso entendimento nos enquadra num lapso de tempo até ser dito que tudo está consumado quando ainda na duração do tempo não atingimos a estatura do varão perfeito que apóstolo Paulo menciona em suas epístolas – melhor vou descortinar tal assunto nos capítulos que se seguem. Ao menos nos distingue doutras criaturas, no caso, os animais, que não raciocinam e agem por instinto de sobrevivência, conforme foi supramencionado, mas acerca de nós, sempre se conjectura de uma maneira mais excelente:

... pergunto: Que é o homem para que com ele te importes? E o filho de Adão para que venhas visitá-lo? Tu o fizeste um pouco menor do que os anjos e o coroaste de glória e de honra. Tu o fizeste dominar sobre as obras das tuas mãos; tudo sujeitaste debaixo dos seus pés. – Salmo 8:4-6.

De fato somos seres mais excelentes, mas há no universo outros seres mais excelentes que nós? Superiores em tudo em relação a nós? Quando a Palavra de Deus não nos revela isso, salvo a condição inicial do Seu exército, que também os fez nossos conservos e produziu a todos ministros de Deus para nos servir desde a fundação dos mundos (dos céus e da Terra). Desta forma, por que motivo viria Jesus (“o verbo que se fez carne.” João 1) apresentar-se ao mundo na forma humana, não de anjo ou de animal, ou qualquer outro extraterrestre? Faz-nos crer, verdadeiramente, que somos imagem e semelhança de DEUS.

Tais palavras têm distinção e equivalência, ao ponto de eleger o homem como ser supremo, diante da criação, se deduzirmos que o homem é superior e mais especial que os animais, dos animais nunca poderia proceder se além do que quaisquer outros seres extraterrestres, a julgar os anjos, não outros seres em outros planetas, que a literatura bíblica não menciona, nem Deus revelou e nos revela, não parecido com tal interpretação humana, e nem há quem contradiga Sua própria palavra. Relatado é que no planeta Terra fez condições de vida favorável, que noutro planeta não há ecossistema e biodiversidade que melhor condiciona os reinos animal, mineral e vegetal, que assim também favoreça a raça humana de viver e sobreviver. Se em todo o universo o homem é o único ser na condição que Deus o colocou, a primazia mais bela e completa na Sua Criação, em que momento foi pensada esta criatura quando o próprio Criador a projetou no tempo da eternidade, antes ou depois de toda criação que fez? Já havia sido pensado dentro de Si próprio? Não tem como tentar adivinhar o pensamento Dele, ainda mais para aqueles que julgam não crer que Ele não existe, mas se existimos nós, existimos em nós próprios, oriundos de um Big Bang? Se não éramos nada, como o nada pode gerar o nada? Se passamos a ser algo, passamos a partir de um ATO ou atitude de alguém que nos formou pelo que hoje presumimos ser à luz da ciência e não de um Ser Todo-poderoso? E se este Ser em si próprio contém toda ciência? Nele habita toda sabedoria e presciência.

Bendito seja o Deus e Pai de nosso Senhor Jesus Cristo, que nos abençoou com todas as bênçãos espirituais nas regiões celestiais em Cristo. Porquanto, Deus nos escolheu nele antes da criação do mundo para sermos santos e irrepreensíveis em sua presença. E, em seu amor, nos predestinou para sermos adotados como filhos, por intermédio de Jesus Cristo, segundo a benevolência da sua vontade. Efésios 1:3-4.

A natureza humana tem um grande referencial no coração de Deus, e nem mesmo nós temos condição de compreender o potencial que nos foi predestinado, vejamos o que relata Romanos 8:29-30:

“Porque os que dantes conheceu também os predestinou para serem conformes à imagem de seu Filho, a fim de que ele seja o primogênito entre muitos irmãos. E aos que predestinou a estes também chamou; e aos que chamou a estes também justificou; e aos que justificou a estes também glorificou.” Efésios 1:5 e 11: “E nos predestinou para filhos de adoção por Jesus Cristo, para si mesmo, segundo o beneplácito de sua vontade... Nele, digo, em quem também fomos feitos herança, havendo sido predestinados, conforme o propósito daquele que faz todas as coisas, segundo o conselho da sua vontade.”

### III

**Deus nos fez** do pó da terra e ao mesmo tempo Sua imagem e semelhança? É claro que no pensamento de Deus já estávamos formados, e Seu pensamento e ideia são ATOS criadores, como a ação quando diz haver luz e houve luz, que Nele já havia! Por ser Ele próprio o Pai das Luzes: “Toda a boa dádiva e todo o dom perfeito vem do alto, descendo do Pai das luzes, em quem não há mudança nem sombra de variação” – Tiago 1:17. E neste caso quando tudo criou disse:

No princípio criou Deus o céu e a terra. E a terra era sem forma e vazia; e havia trevas sobre a face do abismo; e o Espírito de Deus se movia sobre a face das águas. E disse Deus: Haja luz; e houve luz. E viu Deus que era

boa a luz; e fez Deus separação entre a luz e as trevas. E Deus chamou à luz Dia; e às trevas chamou Noite. E foi a tarde e a manhã, o dia primeiro. Gn.1:1-5.

Se Nele somos, logo já brilhávamos Nele, antes da fundação do mundo, quando ainda formados em matéria não éramos e antes de termos sido formados na forma física éramos concebidos como uma mãe já anseia pelo filho antes de ser um embrião e o preconcebe no íntimo do seu ser e o gera e o projeta tal como o deseja? A antecipação de uma futura e pretensa mãe não se equipara ou compara com o que presumimos e podemos supor ser o anseio ou vontade de Deus, mas faz-nos deduzir o que ainda não existe e passa a existir, ou que em algum momento no inconsciente humano, já dá aquilo que se projeta como algo existente no âmago do coração humano imagina no de Deus? Se em Deus já éramos e somos, Ele nos escolheu pela força de expressão literal do que já nos tinha feito, como é dito: “Porém, vós sois geração eleita, sacerdócio real, nação santa, povo de propriedade exclusiva de Deus, cujo propósito é proclamar as grandezas daquele que vos convocou das trevas para sua maravilhosa luz” – 1 Pedro 2:9.

Se deveras é referido ao povo de Israel, tal fala não nos exclui por sermos menos excelentes, apesar do que possamos ser tal o “povo escolhido”? Se quando se refere ao homem tanto pela sua ancestralidade quanto pelo cenário do Cosmo em que ele é inserido, em que Deus promete não somente a Salvação em Cristo para um povo, uma nação, um indivíduo, mas demonstra que no lapso de tempo nós, quer seja ou não pela nossa vontade atual, perdemos algo que no início de tudo nos fora outorgado: “De maneira nenhuma; sempre seja Deus verdadeiro, e **todo** o homem mentiroso; (...) Porque **todos** pecaram e **destituídos** estão da **glória de Deus**” – Romanos 3:4 e 23. Em contrapartida, antes de nos ter feito do barro, pó da terra, e moldado este bonequinho que somos, já éramos e somos em Seu próprio Espírito: “Deus é Espírito.” O mesmo **Espírito testifica com o nosso espírito** que somos filhos de **Deus** – Romanos 8:16. Quando Deus sopra em nós o fôlego de vida,

sopra algo de si “**Ruah de Deus** (em hebraico é ... alento, **sopro**, vento, respiração, força, fogo).

Porquanto, aqueles que antecipadamente conheceu também os destinou para serem semelhantes à imagem do seu Filho, a fim de que Ele seja o primogênito entre muitos irmãos (...) E aos que destinou, a estes também chamou; e aos que chamou, a estes igualmente justificou; e aos que justificou, a estes também glorificou. Hino de vitória: Deus é por nós. (...) Nele, fomos também escolhidos, tendo sido destinados conforme o plano daquele que cria absolutamente tudo de acordo com o propósito da sua própria vontade – Romanos 8:29-30 e Efésios 1:11, consequentemente.

Este ATO de Deus em nós, ATOS da criação, nos possibilitou vida e ato de respirar como “ser vivente”, caminhar sobre a terra e posteriormente, peregrinar sobre ela. Neste caso, o nosso ser matéria é pura conexão para que possamos lidar com o mundo visível e sensível, ainda que não sejamos um corpo que possui um espírito, mas um espírito que possui um corpo. Assim nos revela de maneira diferente nosso papel no cenário e anfiteatro de Deus quando diz que somos espetáculos dos anjos – 1º Coríntios 4:9. Claro é! Com um propósito mais nobre do que imaginamos e podemos superar, até atingirmos a altura e estatura que Deus promove em nós na excelência da sua Criação, “até que todos cheguemos à unidade da fé, e ao conhecimento do Filho de Deus, a homem **perfeito**, à medida da **estatura** completa de Cristo” – Efésios 4:13. Assim temos em Cristo o rito de passagem para melhor compreendermos os critérios de sermos imagem e semelhança, sendo Ele o nosso referencial e ser arquétipo, o “primogênito da **criação**” em Colossenses 1:15.

## IV

**Sabemos que em função do pecado**, todos os seres humanos sofreram o efeito da degeneração humana em decorrência da expulsão do Jardim do Éden, pela desobediência e decorrente e consequente Pecado Original. Nos livros anteriores (volumes I e II) exemplifiquei tal ação com base nos textos bíblicos, em contrapartida demonstro que no cenário da Criação o homem não é um ser evoluído a partir dum contexto da Seleção Natural conforme cogitou Charles Darwin, no livro *A origem das Espécies*. A meu ver o homem não evoluiu desta forma, mas deixou de evoluir em detrimento do que ele era e foi formado, ou seja, descortinei que Adão e Eva eram seres mais excelentes que nós, ainda no Jardim do Éden, mas pós-Jardim, ao serem expulsos, já não eram os mesmos, na configuração da matriz inicial. Tudo mudou com o efeito QUEDA, que o primeiro casal sofreu, e antes o próprio Satanás no cenário do universo, ver Isaías 14:12-15:

Como caíste desde o céu, ó Lúcifer, filho da alva! Como foste cortado por terra, tu que debilitavas as nações! E tu dizias no teu coração: Eu subirei ao céu, acima das estrelas de Deus exaltarei o meu trono, e no monte da congregação me assentarei, aos lados do norte. Subirei sobre as alturas das nuvens, e serei semelhante ao Altíssimo. E, contudo, levado serás ao inferno, ao mais profundo do abismo.

Quando Deus, sendo eterno, fez de nós **seres imortais**, em virtude de um ato ou atitude, e não seguimos o decreto e orientação de Deus, perdemos também os poderes até então que nos fora atribuído na origem da Criação. O homem que antes era a “Coroa da Criação” é um ser que peregrina e que padece, que antes já era evoluído, sofre os efeitos do tempo e circunstâncias, padece de dor, sofrimento e morte. Antes projetado para ser um **ser imortal** torna-se um **ser mortal**, e diante do que era “benção, recebe a “maldição”, quando

Deus diz: “Multiplicarei os sofrimentos de teu **parto**; darás à luz com **dores**, teus desejos. Comerás o teu pão com o **suor** do teu **rosto**” – **Gn. 3:18-19**. E, configura em outra parte além da escolha errada que o homem fizera, para uma realidade agora para uma condicional, pós-Éden: “Tomo hoje por testemunhas o céu e a terra contra vós: ponho diante de ti a vida e a morte, a bênção e a maldição. Escolhe, pois, a vida, para que vivas com a tua posteridade” – Deuteronômio 30:19.

O que nos faz presumir que o homem foi projetado para *ser imortal* já começa no início de tudo que já foi projetado e elencado até aqui, e descrito essencialmente na Bíblia e, que em virtude disso, nos eleva a uma categoria que sequer poderíamos imaginar, até de sabermos nós, que não fomos projetados para envelhecer e morrer, ter doenças e sofrer como se Deus não nos amasse, pois nos ama e deu seu próprio Filho Unigênito, em resgate de muitos, em virtude da consequência universal do pecado que o homem cometeu, ainda que tentado por Satanás.<sup>1</sup> O plano e desígnio de Deus, ainda do Trono da graça quando decretou do alto da Sua providência divina para o destino do homem, e nenhum outro homem, a não ser o Filho do Homem, poderia cumprir tal missão, conforme o que abaixo é relatado:

Porque Deus amou o mundo de tal maneira que deu o seu Filho Unigênito, para que todo aquele que nele crê não pereça, mas tenha a vida eterna. Portanto, Deus enviou o seu Filho ao mundo não para condenar o mundo, mas para que o mundo fosse salvo por meio Dele. – João 3:16-17.

---

1. Ele é a **antiga serpente**, conhecida com o nome de diabo, ou Satanás, aquele que engana o mundo inteiro. – Apocalipse 12:9.

Poderia eu mudar todo enfoque a partir duma perspectiva diferente, talvez mais filosófica do que teológica, ou demonstrar menos a razão de vida por um olhar humano e romântico e trágico da trajetória que nos foi destinada, mas não seria sincero e nem se colocaria tudo em pratos limpos, como a própria Bíblia relata vitórias e derrotas do homem, e Deus em toda Sua majestade nada escondeu do homem, nada omitiu para que ele bem caminhasse no planeta preparado para viver, e viver bem! E dito é: “de que **se queixa**, pois, o **homem** vivente? Queixe-se cada um dos seus pecados” – Lamentações 3:39. Nos meus livros anteriores, procurei ser mais filosófico do que teológico, e percebi sensivelmente que não se deve procurar divisão entre uma coisa e outra. Mas o fato de eu pensar ou pensar além me leva a argumentar de novo o que trabalhei nos volumes anteriores e a ser repetitivo a pensar a partir de Descartes que demarcou na filosofia moderna, o COGITO, premissa exemplar de “Penso, logo existo!”. Nos alimenta a descortinar o fato de deduzir e pensar, a partir de saber que o nosso existir, trafega em dois conceitos primordiais, como se qualquer ser que existe não tenha plena consciência disso, que não tem a não ser que seja um ser pensante, entre um limite e outro, nos propõe um enigma que nos qualifica ou desqualifica por duas importantes vertentes do pensar, entre o que se discute por séculos na filosofia de que a ESSÊNCIA precede a EXISTÊNCIA ou a EXISTÊNCIA precede a ESSÊNCIA. Daí teríamos que descortinar vários pensadores no cenário filosófico até Descartes e Sartre. Mas não me ater a ser fantasioso e nem pretensioso demais para pôr ou impor saber, como se fosse dono de uma verdade, que sempre foi e ainda é na linha do tempo o grande problema e mistério do entendimento filosófico, talvez menos teológico, ou não precisar de divisão nenhuma para elevar uma tese que sustente tal argumento, sem que uma coisa possa ofuscar e/ou desmerecer a outra, cada um no seu patamar e nivelamento. Parece assim estar eu mudando de assunto, de

não querer falar mais dos assuntos relacionados e correlacionados a Deus, e fundamentalmente da questão primordial de sermos imagem e semelhança do Criador do universo. Daí voltamos ao assunto de que iniciei no *caput* dessa obra. Discutir ESSÊNCIA e EXISTÊNCIA nos remete a pensadores mais balizados para tal, dos pré-socráticos aos mestres da patrística e escolástica.

Não obstante, quando penso em ESSÊNCIA penso teologicamente falando naquilo que Deus me apresenta porque creio ser assim de forma espiritual e/ou sobrenatural. Não muito diferente EXISTÊNCIA que também se descortina em níveis diferentes do existir entre o que é permanente e transitório, se Deus é incriado e auto existente, não posso tratar de tal assunto e do que me remete a pensar em algo infinito, uma vez que sou limitado e finito. E, uma vez que sou dessa forma, eu próprio me pergunto se tenho em mim a EXISTÊNCIA ou ESSÊNCIA que presumo ter. Ou se eu sou tão somente a partir do que Deus me proporciona ser, como as demais coisas criadas, daí neste caso, se configura tal como disse Parmênides: “O ser é, e o não ser não é”. Tive melhor oportunidade e brilhantismo no que pude descortinar nas obras anteriores que produzi, para melhor falar de tais assuntos, sendo mais inspirado e mais técnico que a assertiva do momento me permitiu estar com menos afetação e agir de uma maneira mais racional para coordenar tais ideias, ainda que não fosse mais convincente que mestres mais doutos em tais assuntos (a exemplo de Lutero, Calvino e Armínio e etc.), pude assim incursionar e melhor discutir para tentar esclarecer acerca de assuntos que nos acompanham por toda a vida como a eterna questão: de onde viemos, quem somos e para onde vamos. Sempre nos acompanhará como tema central que nos impulsiona na alavanca de nossas crises existenciais.

Já tive oportunidade de querer ser mais sábio, de achar que por uma ótica teológica e filosófica poderia dizer ou tentar responder aquilo que em tese ninguém pode responder até hoje, não seria eu, simples mortal como todos os simples mortais são? O detentor de um saber que

definissem num livro toda história da humanidade pelo enfoque mais espiritual que antropológico, onde descortino acerca da ancestralidade do ser humano. Ainda que eu soubesse e tivesse dito o que até então não tivesse relatado, tão seguro de mim, digo agora menos do que sei, do que pensei saber um dia, e isso me conforta na seara do intelecto que tantas vezes foi dito e repetido pelo que Sócrates mencionou: “Sei que de tudo que sei nada sei” ou que Pascal nos faz pensar que “há mais mistérios entre os céus e a terra do que a nossa vã sabedoria possa saber”. Todo esse pensar, discutir, errar e acertar parece que me afasta do Ser supremo, quanto mais me aproxima saber que posso questionar e tenho liberdade de duvidar, de acreditar e não acreditar! Em contrapartida, ainda que eu presumo não acreditar em Deus, se fosse ateu não seria eu menos filho de Deus? Ou mais sou quando penso menos me aproximar e menos negar? O ato do filho pródigo relatado na Bíblia é uma grande revelação no campo da existência, motivo pelo qual se deduz, não é e nunca foi nosso Criador que nos abandona e se distancia de nós, mas somos nós que nos deixamos de nos qualificar a altura do que Deus no colocou e engendrou no cosmo, conforme a Bíblia relata:

Deus nos ressuscitou com Cristo e com ele nos fez assentar nos lugares celestiais em Cristo Jesus, para mostrar, nas eras que hão de vir, a incomparável riqueza de sua graça, demonstrada em sua bondade para conosco em Cristo Jesus. Pois vocês são salvos pela graça, por meio da fé, e isto não vem de vocês, é dom de Deus; não por obras, para que ninguém se glorie. Porque somos criação de Deus realizada em Cristo Jesus para fazermos boas obras, as quais Deus preparou antes para nós as praticarmos. – Efésios 2:6-10

E, se Deus não é Deus, eu não sou quem sou, imagem e semelhança de quem ou do que eu seria? Se eu não sou sendo, não sei quem sou, mas se tão somente, sei de mim enquanto indivíduo e ser social, não é suficiente para saber de mim além de uma árvore genealógica, mas da minha própria ancestralidade, e além do que sou por um fim

menos determinista, subjugado a nascer, crescer, envelhecer e morrer? Além disso poderia saber eu? Se preparado fui para ser além do que penso eu ser e saber, não ser a morte um fim em si mesmo? Se fosse tão somente a morte o fim de toda raça humana, porque estaria escrito, em nenhum outro livro a não ser a Bíblia “como aos homens está ordenado morrer uma só vez, vindo, **depois** disso o **Juízo**” – **Hebreus 9:27**. Parece assim que ESSÊNCIA e EXISTÊNCIA se perdem na seara de um pensar ou não pensar de maneira filosófica ou teologicamente falando.

Não vou entrar aqui em critérios e ATOS da salvação e dos ATOS da condenação, mas apenas ilustrar de que entre o Ser e o Nada que Sartre demonstra a seu modo, a meu ver o Ser nunca será Nada e o Nada se não for o vazio ainda é algo que contém alguma coisa, mas falar do nada e do vazio é complicado, como falar que as trevas é o que é, pela ausência de luz, ou de que o Mal existe pela ausência do Bem, com interpretação diferenciada escrito as letras iniciais em caixa alta, devido aos aspectos de natureza metafísica, tanto no âmbito teológico como filosófico, desde a Grécia antiga. Assunto que nos faz discutir e incurSIONAR desde uma eterna questão, que ocupou as obras de um grande mestre como Santo Agostinho. Mas, na própria Bíblia, já fora relatado por divina inspiração, dito é:

Eu irei adiante de ti, e endireitarei os caminhos tortuosos; quebrarei as portas de bronze, e despedaçarei os ferrolhos de ferro. Dar-te-ei os tesouros escondidos, e as riquezas encobertas, para que saibas que eu sou o Senhor, o Deus de Israel, que te chama pelo teu nome. Por amor de meu servo Jacó, e de Israel, meu eleito, eu te chamei pelo teu nome, pus o teu sobrenome, ainda que não me conhecesses. Eu sou o Senhor, e não há outro; fora de mim não há Deus; eu te cingirei, ainda que tu não me conheças; para que se saiba desde o nascente do sol, e desde o poente, que fora de mim não há outro; eu sou o Senhor, e não há outro. Eu formo a luz, e crio as trevas; eu faço a paz, e crio o mal; eu, o Senhor, faço todas estas coisas. – Isaías 45:2-7

**Falar ou supor acerca dos ATOS de Deus** sabemos nós que é no mínimo pretensioso, parece que nesse momento se coloca Ele numa cadeira para ser questionado das Suas ações (ATOS), quando sabemos nós que não é desse jeito, não é bem assim, quando proponho falar dos ATOS que não são dos apóstolos, nem nossos; é claro que busco aqui uma interatividade nova com o leitor, que tem mais a dizer do que eu digo. Se digo, tem outras vozes que representam e impulsionam desde os profetas do Senhor aos pensadores da Grécia antiga. Ou seja, o que pensar a partir de um referencial diante daquilo que nós pensamos, e tentamos compreender como se pudéssemos estar no divã de Deus, embora mais no intuito de questionar do que sendo questionado.

As obras que se descortinaram para demonstrar que a Soberba Humana é algo que está intrínseco à natureza do homem desde seus primórdios, de revelação e rebelião. Os ATOS de que falo se camuflam no próprio ato e/ou atitude do homem que compõe este cenário de vitórias e derrotas, perdas e ganhos, altos e baixos, talvez se diferente fosse de tudo isso, estaríamos fadados a uma existência enfadonha? Ou de eterna bem-aventurança? Claro que devemos discernir que o projeto que Deus tinha e tem para o homem é um divisor de águas, entre antes e depois do pecado, entre antes e depois de Cristo. Tais coisas estão interligadas e inter-relacionadas, tende a ser um amálgama como é o côncavo e o convexo. Se Cristo é o Alfa e o ômega (Apocalipse 22:13), estamos nós inseridos além do tempo do que somos e pensamos, inclusive acerca de nossa própria natureza e nosso papel no cenário do universo, não só do planeta em que vivemos! Sem dúvidas que é demais acharmos que somos igual a Deus, e mesmo que não sejamos algo além nos elege a estar num outro patamar. “Se **somos** filhos, então, também **somos** herdeiros; herdeiros de Deus e **coerdeiros** com **Cristo**” – **Romanos 8:17**. E se os ATOS de Deus transcendem nosso ser

e entendimento, como poderia eu aqui ajuizar acerca de tal assunto? Presumir que a pertença de tal saber seja pressuposto de uma filosofia ou teologia que enquadre nossa forma de pensar, podemos crer que humanamente falando não há estudo de Deus, quiçá das coisas Dele, que se não nos revelou, na forma mais esclarecedora “porque, agora, vemos por espelho em enigma; mas, então, veremos face a face; agora, conheço em parte, mas, então, conhecerei como também sou conhecido” – 1º Coríntios 13:12.

Tais ATOS, que posso aqui elencar de particular interpretação, são todos aqueles que Ele próprio nos revelou desde a fundação do mundo e que categoriza numa só fala de que tudo está consumado – João 19:30. Ainda que possamos ser porta voz das Boas Novas e no mesmo intuito atender tal demanda como fizera os Profetas do Senhor. Quando comecei a explanar tal assunto, o termo que melhor me veio à mente foi em latim: *Imago Dei*, que me fez pensar e configurar os limites de um discurso, tal uma trilha que muitas vezes já feita e refeita sempre apresenta novas nuances e diretrizes, que pode nos fazer mais ou menos felizes, por mais ou menos entendimento acerca dessas coisas tão complexas, que tal entendimento posso e podemos ter, à medida que Deus nos revela e temos habilidade de pesquisar com o devido zelo aquilo que Deus nos permite conhecer e avançar acerca de tais mistérios. Mas o fato de pensar é prerrogativa humana, pelo menos na esfera terrestre que vivemos, e assim sendo me faz aquilatar que tudo que posso pensar só é condição do que o próprio Deus proporcionou e fez o homem, já depois de tudo formado, quando tudo era invisível e pura abstração, haver dado forma, até no cuidado e diferenciação na natureza do que somos, na nossa constituição divinamente moldada (natural e espiritual), senão não teríamos o que pensar, nem mesmo existiríamos para pensar. Presumo então, que além da capacidade dos seres espirituais que discernem pelo favorecimento de Deus, em níveis que não podemos discernir como Apóstolo Paulo definiu:

É necessário que eu continue a gloriar-me com isso. Ainda que eu não gane nada com isso, passarei às visões e revelações do Senhor. Conheço um homem em Cristo que há catorze anos foi arrebatado ao terceiro céu. Se foi no corpo ou fora do corpo, não sei; Deus o sabe. E sei que esse homem — se no corpo ou fora do corpo, não sei, mas Deus o sabe, foi arrebatado ao paraíso e ouviu coisas indizíveis, coisas que ao homem não é permitido falar. – 2º Coríntios 12:1-4

Não obstante, podemos pensar porque nos foi facultado pensar, mesmo que tenhamos sido programados até a um limite que nos seja favorável para que não pudéssemos enlouquecer acerca de coisas que foge ao nosso entendimento, ou nos assustaria a tal ponto, que ter uma compreensão tamanha, fosse mais maldição do que uma benção, pensar saber mais do que devemos saber, pensar além dos assuntos dos homens? “Ora, o homem **natural não** compreende as **coisas** do Espírito de Deus porque lhe parecem loucura; e **não** pode **entendê-las**, porque elas **se** discernem espiritualmente” – 1º Coríntios 2:14. Deveras, ter algo de Deus em nós veio nos custar um preço alto de zelo e responsabilidade, que ainda não compreendemos na sua inteireza e magnitude, muito além de havermos sido “Coroa da Criação”? Que tão somente é um estágio para obra mais excelente de reinar numa Nova Jerusalém “A distância total ao redor será de nove quilômetros. E daquele momento em diante, o nome da cidade será: “O SENHOR ESTÁ AQUI” – Ezequiel 48:35. Pois Deus não fez o homem para ter uma existência fatídica, mas que nos revela que aquele que perseverar até o fim, será salvo (Mateus 24:13).

“Bem-aventurado e santo aquele que tem parte na primeira ressurreição; sobre estes não tem poder a segunda morte; mas serão sacerdotes de Deus e de Cristo, e reinarão com ele mil anos” – Apocalipse 20:6.

## VII

Como havia dito antes, no cenário do universo a nenhum outro ser foi dado ter dentro de si a excelência do Criador, nem aos anjos que são ministros de Deus. Se Ele nos elege e predestina a um patamar mais alto do que imaginamos, certo é que quando diz que há outras moradas nos céus, preparadas para nós, a nossa aparente perda e saída do Jardim do Éden não foi um fim de tudo, mas um doloroso recomeço até a glória que deveremos alcançar, no afã de reinar no tempo da eternidade preestabelecido por Deus, o homem não está restrito a ter primazia somente no planeta Terra, mas de ter soberania no universo e cosmo celestial, com acesso direto ao Trono da Graça. Neste caso, quem nos dá este acesso é o Filho do Homem, que:

No princípio era o Verbo, e o Verbo estava com Deus, e o Verbo era Deus. Ele estava no princípio com Deus. Todas as coisas foram feitas por ele, e sem ele nada do que foi feito se fez. Nele estava a vida, e a vida era a luz dos homens. E a luz resplandece nas trevas, e as trevas não a compreenderam. Houve um homem enviado de Deus, cujo nome era João. Este veio para testemunho, para que testificasse da luz, para que todos cressem por ele. Não era ele a luz, mas para que testificasse da luz. Ali estava a luz verdadeira, que ilumina a todo o homem que vem ao mundo. Estava no mundo, e o mundo foi feito por ele, e o mundo não o conheceu. Veio para o que era seu, e os seus não o receberam. Mas, a todos quantos o receberam, deu-lhes o poder de serem feitos filhos de Deus, aos que creem no seu nome; os quais não nasceram do sangue, nem da vontade da carne, nem da vontade do homem, mas de Deus. E o Verbo se fez carne, e habitou entre nós, e vimos a sua glória, como a glória do unigênito do Pai, cheio de graça e de verdade. João testificou dele, e clamou, dizendo: Este era aquele de quem eu dizia: O que vem após mim é antes de mim, porque foi primeiro do que eu. E todos nós recebemos também da sua plenitude, e graça por graça. Porque a lei foi dada por Moisés; a graça e a verdade vieram por Jesus Cristo. Deus nunca foi visto por alguém. O Filho unigênito, que está no seio do Pai, esse o revelou. E este é o testemunho de João, quando os

judeus mandaram de Jerusalém sacerdotes e levitas para que lhe perguntassem: Quem és tu? E confessou, e não negou; confessou: Eu não sou o Cristo. E perguntaram-lhe: Então quê? És tu Elias? E disse: Não sou. És tu profeta? E respondeu: Não. Disseram-lhe pois: Quem és? Para que demos resposta àqueles que nos enviaram; que dizes de ti mesmo? Disse: Eu sou a voz do que clama no deserto: Endireitai o caminho do Senhor, como disse o profeta Isaías. E os que tinham sido enviados eram dos fariseus. E perguntaram-lhe, e disseram-lhe: Por que batizas, pois, se tu não és o Cristo, nem Elias, nem o profeta? João respondeu-lhes, dizendo: Eu batizo com água; mas no meio de vós está um a quem vós não conheceis. Este é aquele que vem após mim, que é antes de mim, do qual eu não sou digno de desatar a correia da alparca. Estas coisas aconteceram em Betabara, do outro lado do Jordão, onde João estava batizando. No dia seguinte João viu a Jesus, que vinha para ele, e disse: Eis o Cordeiro de Deus, que tira o pecado do mundo – João 1:1-29.

Certo é que nesse processo foi pago um alto preço pelo resgate da humanidade através do mistério da Cruz, a morte e a ressurreição de Cristo, fez o papel primordial para recolocar o homem no centro da vontade de Deus, de maneira ontológica, ao introduzir o homem no Corpo Místico de Cristo. Consequentemente, sabemos o que Jesus nos diz e confirma, toda esta relação ao afirmar: “O meu reino não é deste mundo; se o meu reino fosse deste mundo, pelejariam os meus servos, para que eu não fosse entregue aos judeus; mas agora o meu reino não é daqui” – João 18:36. Ou ainda que “na casa de meu Pai há muitas moradas; se não fosse assim, eu vo-lo teria dito. Vou preparar-vos lugar. E quando eu for, e vos preparar lugar, virei outra vez, e vos levarei para mim mesmo, para que onde eu estiver estejais vós também” – João 14:2-3. Claro é que após o pecado que entrou na humanidade, agora para se atingir uma conquista maior diante do que Deus espera de nós, não há outro meio que não seja pela conversão, confissão numa atitude de vida nova com Cristo. Nesta condição é Ele que nos eleva e sustenta à sombra do Onipotente, conforme é relatado no Salmo 91. Antes, porém, o próprio Filho do Homem nos orienta e convoca: “Se alguém

**quer vir após mim, negue-se a si mesmo, e tome cada dia a sua cruz, e siga-me, e não olhe para trás” – Lucas 9:23.**

Aceitar a Cristo é nos reposicionar no centro da vontade de Deus, é reassumir nossa posição no cosmo; é saber que seremos soberanos no Seu reino, mas não podemos nos dar por enganados acerca das coisas que foram vaticinadas e decretadas nas Sagradas Escrituras, diante do Juízo Final, em cujo julgamento uns serão absolvidos para viver uma vida eterna no âmbito do Santo dos Santos e, outros sofrerão condenação eterna, ver Apocalipse 20:1-15:

Vi descer do céu um anjo que trazia na mão a chave do abismo e uma grande corrente. Ele prendeu o dragão, a antiga serpente, que é o diabo, Satanás, e o acorrentou por mil anos; lançou-o no abismo, fechou-o e pôs um selo sobre ele, para assim impedi-lo de enganar as nações até que terminassem os mil anos. Depois disso, é necessário que ele seja solto por um pouco de tempo. Vi tronos em que se assentaram aqueles a quem havia sido dada autoridade para julgar. Vi as almas dos que foram decapitados por causa do testemunho de Jesus e da palavra de Deus. Eles não tinham adorado a besta nem a sua imagem, e não tinham recebido a sua marca na testa nem nas mãos. Eles ressuscitaram e reinaram com Cristo durante mil anos. (O restante dos mortos não voltou a viver até se completarem os mil anos.) Esta é a primeira ressurreição. Felizes e santos os que participam da primeira ressurreição! A segunda morte não tem poder sobre eles; serão sacerdotes de Deus e de Cristo, e reinarão com ele durante mil anos. Quando terminarem os mil anos, Satanás será solto da sua prisão e sairá para enganar as nações que estão nos quatro cantos da terra, Gogue e Magogue, a fim de reuni-las para a batalha. Seu número é como a areia do mar. As nações marcharam por toda a superfície da terra e cercaram o acampamento dos santos, a cidade amada; mas um fogo desceu do céu e as devorou. O diabo, que as enganava, foi lançado no lago de fogo que arde com enxofre, onde já haviam sido lançados a besta e o falso profeta. Eles serão atormentados dia e noite, para todo o sempre e, depois vi um grande trono branco e aquele que nele estava assentado. A terra e o céu fugiram da sua presença, e não se encontrou lugar para eles. Vi também os mortos, grandes e pequenos, de pé diante do trono, e livros foram abertos.

Outro livro foi aberto, o livro da vida. Os mortos foram julgados de acordo com o que tinham feito, segundo o que estava registrado nos livros. O mar entregou os mortos que nele havia, e a morte e o Hades entregaram os mortos que neles havia; e cada um foi julgado de acordo com o que tinha feito. Então a morte e o Hades foram lançados no lago de fogo. O lago de fogo é a segunda morte. Se o nome de alguém não foi encontrado no livro da vida, este foi lançado no lago de fogo.

Se o pecado deixou uma marca de maldição, a exemplo da marca de Caim, por haver assassinado Abel, seu irmão de sangue, registrando o primeiro homicídio da humanidade; se a marca dele era visível na carne, tal uma tatuagem, um sinal de sua própria condenação perante os homens, que não o podia tocar, para não sofrer o efeito contrário da sentença que havia recebido. Nossa marca é interna, é drástica e irreversível até a redenção do nosso Salvador, Jesus Cristo, que nos salvaguarda pela Sua expiação ao ser crucificado, na consequente morte e ressurreição. Pois, como eu disse a tal salvaguarda a não ser por Ele e por meio Dele, que é o Nome sobre todo nome (Filipenses 2:9), até por considerar em nós sermos tão frágeis e falhos como somos, e passarmos pelas provas em função de um ATO do pecado do primeiro homem Adão, sem deixar de considerar a mulher Eva, diante da dupla cumplicidade, quando Deus ao formar tais criaturas, ordena que formem uma só carne (Marcos 10:8-9) e se multipliquem na terra. A partir daí tudo origina em nosso ser “porque a **carne milita contra o Espírito**, e o Espírito, contra a **carne**, porque são opostos entre si; para que não façais o que, porventura, seja do vosso querer” – Gálatas 5:17.

Após o Pecado Original que separou o homem de Deus, o ATO de religar partiu Dele próprio a promover uma nova aliança e a expressão do pacto, tal o símbolo no céu de um arco-íris que surgiu depois do dilúvio, que prometera a Noé, que não mais acabaria com o mundo debaixo das águas. Tal aliança que ligar o homem ao Trono da Graça é o sacrifício de Jesus Cristo, no calvário da cruz, com preço de sangue, ser o maior imperativo de critério de perdão de pecados desde o Antigo

Testamento, através dos holocaustos e sacrifícios de animais puros (sem marca e defeito), já sinalizado quando Deus ao expulsar do Éden, Adão e Eva, cobriu a nudez dos mesmos com peles de animais, que em tese prova já o primeiro ATO de Deus, pelo sacrifício em virtude do Pecado Original, pelo ato do homem que transgrediu e passou a pagar com preço de sangue até a salvação por Cristo que nos eleva e elege a um plano de vida espiritual que por nós mesmos, não teríamos condição nenhuma de atingir qualquer redenção a este respeito.

Ao nos dizer categoricamente: **“Não fostes vós que me escolhesteis, mas eu vos escolhi e vos constituí para que vades e produzais fruto, e o vosso fruto permaneça”** – João 15:16 demonstra neste livro que fundamentalmente por sermos a menina dos olhos de Deus, o mínimo de conhecimento é mui grandioso, pelo fato de deixar registrado ser Ele Eterno e imutável, é crível saber que nos preparou para sermos seres imortais, e dotados de sabedoria que provém Dele próprio, a exemplo de Adão que teve a ordem para dar nomes a todos os animais” (Gn. 2:20). Diante do grau de excelência que somos e fomos engendrados no cosmo e configuração espiritual e no plano celestial, conforme é registrado em 1º Coríntios 15:12-58:

Ora, se está sendo pregado que Cristo ressuscitou dentre os mortos, como alguns de vocês estão dizendo que não existe ressurreição dos mortos? Se não há ressurreição dos mortos, então nem mesmo Cristo ressuscitou; e, se Cristo não ressuscitou, é inútil a nossa pregação, como também é inútil a fé que vocês têm. Mais que isso, seremos considerados falsas testemunhas de Deus, pois contra ele testemunhamos que ressuscitou a Cristo dentre os mortos. Mas se de fato os mortos não ressuscitam, ele também não ressuscitou a Cristo. Pois, se os mortos não ressuscitam, nem mesmo Cristo ressuscitou. E, se Cristo não ressuscitou, inútil é a fé que vocês têm, e ainda estão em seus pecados. Neste caso, também os que dormiram em Cristo estão perdidos. Se é somente para esta vida que temos esperança em Cristo, dentre todos os homens somos os mais dignos de compaixão. Mas de fato Cristo ressuscitou dentre os mortos, sendo as primícias dentre aqueles que dormiram. Visto que a morte veio por meio de um só homem,

também a ressurreição dos mortos veio por meio de um só homem. Pois da mesma forma como em Adão todos morrem, em Cristo todos serão vivificados. Mas cada um por sua vez: Cristo, o primeiro; depois, quando ele vier, os que lhe pertencem. Então virá o fim, quando ele entregar o Reino a Deus, o Pai, depois de ter destruído todo domínio, autoridade e poder. Pois é necessário que ele reine até que todos os seus inimigos sejam postos debaixo de seus pés. O último inimigo a ser destruído é a morte. Porque ele “tudo sujeitou debaixo de seus pés”. Ora, quando se diz que “tudo” lhe foi sujeito, fica claro que isso não inclui o próprio Deus, que tudo submeteu a Cristo. Quando, porém, tudo lhe estiver sujeito, então o próprio Filho se sujeitará àquele que todas as coisas lhe sujeitou, a fim de que Deus seja tudo em todos. Se não há ressurreição, que farão aqueles que se batizam pelos mortos? Se absolutamente os mortos não ressuscitam, por que se batizam por eles? Também nós, por que estamos nos expondo a perigos o tempo todo? Todos os dias enfrento a morte, irmãos; isso digo pelo orgulho que tenho de vocês em Cristo Jesus, nosso Senhor. Se foi por meras razões humanas que lutei com feras em Éfeso, que ganhei com isso? Se os mortos não ressuscitam, “comamos e bebamos, porque amanhã morreremos”. Não se deixem enganar: “as más companhias corrompem os bons costumes”. Como justos, recuperem o bom senso e parem de pecar; pois alguns há que não têm conhecimento de Deus; digo isso para vergonha de vocês. Mas alguém pode perguntar: “Como ressuscitam os mortos? Com que espécie de corpo virão?” Insensato! O que você semeia não nasce a não ser que morra. Quando você semeia, não semeia o corpo que virá a ser, mas apenas uma simples semente, como de trigo ou de alguma outra coisa. Mas Deus lhe dá um corpo, como determinou, e a cada espécie de semente dá seu corpo apropriado. Nem toda carne é a mesma: os homens têm uma espécie de carne, os animais têm outra, as aves outra, e os peixes outra. Há corpos celestes e há também corpos terrestres; mas o esplendor dos corpos celestes é um, e o dos corpos terrestres é outro. Um é o esplendor do sol, outro o da lua, e outro o das estrelas; e as estrelas diferem em esplendor umas das outras. Assim será com a ressurreição dos mortos. O corpo que é semeado é perecível e ressuscita imperecível; é semeado em desonra e ressuscita em glória; é semeado em fraqueza e ressuscita em poder; é semeado um corpo natural e ressuscita um corpo espiritual. Se há corpo natural, há também corpo espiritual. Assim está escrito: “O primeiro homem, Adão, tornou-se um ser vivente”; o último Adão, espírito

vivificante. Não foi o espiritual que veio antes, mas o natural; depois dele, o espiritual. O primeiro homem era do pó da terra; o segundo homem, do céu. Os que são da terra são semelhantes ao homem terreno; os que são do céu, ao homem celestial. Assim como tivemos a imagem do homem terreno, teremos também a imagem do homem celestial. Irmãos, eu lhes declaro que carne e sangue não podem herdar o Reino de Deus, nem o que é perecível pode herdar o imperecível. Eis que eu lhes digo um mistério: nem todos dormiremos, mas todos seremos transformados, num momento, num abrir e fechar de olhos, ao som da última trombeta. Pois a trombeta soará, os mortos ressuscitarão incorruptíveis e nós seremos transformados. Pois é necessário que aquilo que é corruptível se revista de incorruptibilidade, e aquilo que é mortal, se revista de imortalidade. Quando, porém, o que é corruptível se revestir de incorruptibilidade, e o que é mortal, de imortalidade, então se cumprirá a palavra que está escrita: “A morte foi destruída pela vitória”. “Onde está, ó morte, a sua vitória? Onde está, ó morte, o seu aguilhão?” “O aguilhão da morte é o pecado, e a força do pecado é a lei. Mas graças a Deus, que nos dá a vitória por meio de nosso Senhor Jesus Cristo. Portanto, meus amados irmãos, mantenham-se firmes, e que nada os abale. Sejam sempre dedicados à obra do Senhor, pois vocês sabem que, no Senhor, o trabalho de vocês não será inútil.

## VIII

Então disse o Senhor Deus: Eis que o homem é como um de nós, sabendo o bem e o mal; ora, para que não estenda a sua mão, e tome também da árvore da vida, e coma e viva eternamente. Gênesis 3:22.

**Deus também conhecido como Elohim** remete à figura plural como se pudesse haver três deuses, nesse caso falamos de um Deus unificado na sua Trindade: Deus-Pai, Deus-Filho, Deus-Espírito Santo. Temos inúmeras passagens nas Escrituras Sagradas que nos revelam de maneira magistral tal entendimento, a exemplo a cerca de quando Jesus foi batizado pelo Espírito Santo foi dito em Mateus 3:16-17: “Assim que

Jesus foi batizado, saiu da água. Naquele momento os céus se abriram, e ele viu o Espírito de Deus descendo como pomba e pousando sobre ele. Então uma voz dos céus disse: ‘Este é o meu Filho amado, em quem me agrado’. Ou ainda Estevão, quando estava sendo apedrejado pela sua confissão de fé em Cristo Jesus, perante os judeus, antes de expirar ao ver os céus abertos e entregar seu espírito, nos relata em Atos 7:54-59:

E, ouvindo eles isto, enfureciam-se em seus corações, e rangiam os dentes contra ele. Mas ele, estando cheio do Espírito Santo, fixando os olhos no céu, viu a glória de Deus, e Jesus, que estava à direita de Deus; E disse: Eis que vejo os céus abertos, e o Filho do homem, que está em pé à mão direita de Deus. Mas eles gritaram com grande voz, taparam os seus ouvidos, e arremeteram unânimes contra ele. E, expulsando-o da cidade, o apedrejavam. E as testemunhas depuseram as suas capas aos pés de um jovem chamado Saulo. E apedrejaram a Estevão que em invocação dizia: Senhor Jesus, recebe o meu espírito.

Percebe-se na passagem de Gn. 3:22, demonstrada no *caput* deste capítulo, em consonância com a passagem da formação do homem, que a cautela de Deus é que pela outorga que ele recebeu de ter domínio sobre a terra, se estende muito além do que uma ambiência periférica no mundo natural, ou seja, “quando Deus menciona ser como um de nós (Elohim). Algo além poderia estar destinado para o homem, em tempo oportuno, não na condição em que desobedece tocando na árvore do bem e do mal e consequentemente tocar na árvore da vida. Ou seja, o caráter do homem ser puro e bom, como tudo que o Criador nos primórdios da Criação preparou, poderia agora o homem ser uma nota destoante, neste caso insuflado pela serpente (Satanás), por lhes terem sido proposto (ao primeiro casal) que pudessem ser como Deus ou que também seriam deuses, tendo domínio e soberania sobre todas as coisas, além do que o Altíssimo lhes houvera outorgado, sendo o gestor? Vejamos os relatos abaixo descrito:

Ora, a serpente era o mais astuto de todos os animais selvagens que o Senhor Deus tinha feito. E ela perguntou à mulher: “Foi isto mesmo que Deus disse: ‘Não comam de nenhum fruto das árvores do jardim?’” Respondeu a mulher à serpente: “Podemos comer do fruto das árvores do jardim, mas Deus disse: ‘Não comam do fruto da árvore que está no meio do jardim, nem toquem nele; do contrário vocês morrerão’”. Disse a serpente à mulher: “Certamente não morrerão! Deus sabe que, no dia em que dele comerem, seus olhos se abrirão, e vocês serão como Deus, conhecedores do bem e do mal. – Gn. 3:1-5

Fica claro que não dessa forma, Deus teria planos melhores, tanto para Adão quanto para Eva, mas no tempo e hora celestial, dentro dos Seus desígnios e decretos destinados para a existência humana, ainda que lhes fossem dado a outorga de serem chamados de deuses, não faria diferença para Ele, sermos nomeados humanos ou deuses, na condição em que na Sua sapiência e perante Sua presença nos colocasse. No entanto devido a mudança de curso na história de toda raça humana, o processo após o pecado não foi de evolução da espécie, não partiu de uma seleção natural, sim de uma involução, devido a degeneração em virtude do pecado original, já Adão e Eva, quando expulsos do Éden, saem completamente diferentes da glória e majestade que possivelmente tinham e herdaram, conseqüentemente morte física e espiritual, temos dois exemplos interessantes de corpo glorificado e áurea divina na Bíblia acerca de Moisés quando desce depois de estar quarenta dias e noites no Monte Sinai, seu rosto brilhava tanto que teve que colocar um véu, de maneira que seu povo não conseguia olhar para ele sem que estivesse com o rosto tapado, devido está na presença de Deus, diante da Sua Glória reluzente (Êxodo 34:33) e noutro momento acerca de Jesus no monte da transfiguração, em que também é um momento de simbologia dos aspectos figurativos da trindade de Deus, vejamos Mateus 17:1-8:

Seis dias depois, Jesus tomou consigo Pedro, Tiago e João, irmão de Tiago, e os levou, em particular, a um alto monte. Ali ele foi transfigurado diante deles. Sua face brilhou como o sol, e suas roupas se tornaram brancas

como a luz. Naquele mesmo momento apareceram diante deles Moisés e Elias, conversando com Jesus. Então Pedro disse a Jesus: “Senhor, é bom estarmos aqui. Se quiseres, farei três tendas: uma para ti, uma para Moisés e outra para Elias”. Enquanto ele ainda estava falando, uma nuvem resplandecente os envolveu, e dela saiu uma voz, que dizia: “Este é o meu Filho amado em quem me agrado. Ouçam-no!” Ouvindo isso, os discípulos prostraram-se com o rosto em terra e ficaram aterrorizados. Mas Jesus se aproximou, tocou neles e disse: “Levantem-se! Não tenham medo!” E erguendo eles os olhos, não viram mais ninguém a não ser Jesus.

Nos ATOS de Deus acredito que não há e nunca houve impedimento de exaltar a figura humana, independente da vinda de Cristo para que o homem pudesse ter acesso ao Trono da Graça, entre a esfera do amor e misericórdia quando Deus disse a Adão e Eva, “**crecei e multiplicai-vos**” (Gn. 1:28). Certamente que debaixo da glória e obediência a Ele faríamos parte de uma geração de *seres imortais* dentro da esfera celeste, muitos aspectos entre milagres e prodígios de Jesus, o Filho do Homem, faz-nos perceber dons, talentos e capacidade que vão além da nossa compreensão humana, a cura é algo exemplar, que neste caso, não precisaríamos dela para nada uma vez que não teríamos doenças e seríamos eternamente jovens, fato que exemplifiquei e expliquei no livro *A simbologia da soberba humana, volume 1* como seria resolvido a questão populacional no planeta Terra, e até o fato de podermos migrar para outros planetas e até outras dimensões. Enfim, com o Pecado Original, tudo mudou e a mulher passou a ter parto com dores e o homem a trabalhar e ter fruto com o suor do seu rosto (Gn. 2:16). A geração do parto com dores é a nossa que herdou a doença e a morte física e espiritual; toda raça humana recebeu a herança adâmica, pós-expulsão do Paraíso, e o fato disso ser justo ou não, não cabe a mim responder e nem a qualquer outro ser a não ser o próprio Deus, que se diferente fosse o homem também tocar na árvore da vida e viver eternamente, não debaixo de benção, mas maldição, seria um sofrimento pior do que julgamos passar, a exemplo de filmes de terror e ficção científica que

tratam de assuntos dos mortos-vivos, os zumbis. Daí o Paraíso de Deus não seria o que ele projetou, mas o próprio inferno aqui na Terra, onde a respeito da justiça de Deus, seria um tremendo paradoxo. Mas, convicto do grande amor que Deus tem pela criatura que formou, podemos crer que Ele tem obra mais excelente no cenário do universo para esse pequeno ser, o homem, da forma que é tratado com amor e misericórdia, duas palavras chaves na história da humanidade.

## IX

**Acerca da possível inocência de Adão e Eva**, deixo registrado aqui, que em nenhum momento a bíblia trata de que tais seres eram inocentes, ainda que fossem puros e santificados ou revestidos da glória de Deus, presumo no nível de semelhança com Ele, pela teofania do Elohim, deles serem mais sábios do que nós somos ou podemos imaginar. Neste caso, não eram seres repletos de infantilidades, diante da noção do que é certo e errado, pois tinham capacidades superdotadas, que sequer possuímos agora, já vieram ao mundo como criaturas adultas, conscientes; não eram como tais simples criancinhas, que ao ser dito a elas para não mexer ou tocar em algo, daí vão lá e fazem justamente o que não era para fazer. Se temos registros na Bíblia acerca da soberania de Adão de dar nomes a todos os animais, podemos constatar que somente um ser de grande poder mental poderia fazer isso, por ordenança e orientação do Criador, pois aqui na Terra Adão veio exercer a mordomia de Deus e ser Seu representante legal no plano material, quiçá espiritual, que em várias passagens nas Escrituras Sagradas é demonstrado haver o homem ter recebido “sacerdócio real”, conforme explanei em capítulos anteriores, e nos livros da *Simbologia da soberba humana, volumes 1 e 2*. Tal inocência ocorre numa tênue linha periférica, pois inicialmente Eva ao ser induzida pela serpente, a comer o Fruto Proibido da árvore que não devia tocar, o que psicologicamente motivou a ela foi a vontade de comer do fruto e se alimentar, simplesmente

por ser tão belo e aparentemente apetitoso, considerando ainda que não estava faminta? Ou, antes mais pelo que os olhos aguçam e estimula o querer?

Talvez podemos deduzir que estar diante de um ser excêntrico, diferente doutras animálias, uma serpente que fala, criatura enigmática e de tudo que eles viram, ter proposto que tanto Ela (Eva) quanto Ele (Adão) haveriam de não morrer e ser igual e/ou superior a Deus, parece que algo como se fosse um vírus, ou uma semente mal foi semeada no coração do primeiro casal, que tal vírus ou semente mencionada ser o que vulgarmente nomeamos com a nomenclatura de ambição, que naturalmente corrobora com a vaidade e a soberba humana. Claro é que Adão não soube redarguir a Eva, sendo ele o responsável e soberano abaixo de Deus, no Jardim do Éden, aquele que deveria reinar não só dentre os animais, mas diante da inumerável prole, sendo colocado como Coroa da Criação, que estaria na condição de um monarca, um rei. Ainda que o poder exercido fosse o governo teocêntrico, não restam dúvidas que Adão exerceria naturalmente domínio e soberania em todo planeta Terra e, caso este Paraíso (jardim do Éden), a nível de espaço físico não fosse restrito ao planeta Terra, mas noutro plano ou outra dimensão, nada mudaria a respeito.

Na questão de Adão, em relação a Eva, por si só demonstrou fraqueza, de que não poderia exercer quaisquer poderio e soberania que o Criador lhes outorgou, ou seja, como não delimitou a ação de Eva, sinalizando seu erro, não deveria receber de bom grado, em conluio com sua companheira, tal Fruto Proibido, a ponto de morder e comê-lo, sendo cúmplice na ação. Destarte, numa atitude cômoda, prevariou pela transgressão até que lhes abrindo os olhos da concupiscência, constataram que estavam nus. Neste caso, Adão mais do que Eva, aos olhos de Deus, foi o maior culpado, que não se posicionou como varão de Deus e sacerdote do lar, pois vemos na história da Bíblia que a fundamentação das ordenanças e genealogia patriarcal o homem recebe orientação direta dos desígnios divinos, que já começa na tenra idade

com a circuncisão, ato simbólico no âmbito judaico, diferenciando ser os judeus o povo escolhido. Que a posteriori coube a apóstolo Paulo ilustrar num revisionismo acerca da circuncisão provinda do coração, que corrobora com “adorar a Deus em espírito e em verdade”, quando o Evangelho alcança os Gentios e rompe com o comportamento bárbaro, primitivo e idólatra de outros povos, quando os indivíduos assim se convertem e confessam ao se tornarem cristãos. Bem acerca dos Atos de Adão e Eva, e pelas recomendações de Deus, que pessoalmente os visitava e os orientava, com extremo cuidado! Serem tentados e/ou ludibriados por um ser como a serpente, forma pela qual Satanás se apresentou para os seduzir, ainda que eles não soubessem da existência deste ser que se rebelou contra o Altíssimo. Em tese não justifica serem levados no mínimo pela curiosidade, ou possível ambição de que lhes fora proposto de ser igual a Deus? Se tal fato fosse para se equiparar em relação ao próprio Criador podemos presumir que o bichinho da soberba foi acendido no coração de tão nobres criaturas, menos pela inocência, que possivelmente poderiam ter do que uma aguçada vaidade estimulada por algo maior que si próprio, sendo gerado da essência da sua natureza pura e boa, o homem Adão e a mulher Eva objetivaram transpor, sem permissão, como se não pudesse olhar o muro do outro lado para ver o que há, não que não pudesse em tempo oportuno ou no que o próprio Criador de certa forma autorizasse, ainda que sob consulta e humilde pedido. Se fosse o caso, e tal necessidade, Deus não privaria deles tão genuíno conhecimento, acesso à árvore do bem e do mal, e posterior acesso à árvore da vida, não seria nenhum impedimento futuro de que realmente pudesse ter acesso, ou no caso da primeira, ainda que por teste, seria retirada após a aprovação e provação daquele espaço convencionado para que ela estivesse. Não creio que as demais árvores não tinham frutos tão apetitosos como havia nas duas árvores mencionadas, ainda que fosse tão diferente tais frutos, a equivalência entre uma e outra árvore com certeza não tendo acesso à árvore do bem e do mal, na árvore da vida, que

promove vida e juventude eterna, de fato poderiam ser frutos, como o da galinha dos ovos de ouro.

A questão a meu ver não é somente histórica, mas espiritual pela rebelião de Satanás (que antes era anjo de luz); e, resolveu se rebelar contra seu Criador, que possivelmente por inveja da Criação, e consequentemente do papel do homem no cenário do cosmo e coração de Deus, maior agravante foi a falta de postura e o real posicionamento que seres tão excelentes não tiveram como filhos de Deus, para validar o real zelo e convicta obediência, assim não tivessem tocado no Fruto Proibido, de forma tão inadvertida e displicente? Ou supor no fato de haver tocado nele ou de que poderiam a partir daí ser igual a Deus? São coisas que se interconectam para analisar a gênese do Pecado Original e buscar sentido em uma justificativa melhor? Não obstante fato é pela natureza e hegemonia da formação do primeiro casal, se tinham inocência, tão somente por pensar no que era puro, santo e bom, bem discerniam por justo juízo do que Deus é, e da matéria do que foram feitos, para estarem no centro da vontade e ética divina, saber acerca da limitação e discernir dentre uma atitude errada e outra certa, pela primeira ordenança que lhes fora ditada por Ele:

E o SENHOR deu a seguinte ordem ao homem: “Comerás livremente o fruto de qualquer espécie de árvore que está no jardim; contudo, não comerás da árvore do conhecimento do bem e do mal, porque no dia em que dela comeres, com toda a certeza morrerás! Gn. 2:16-17.

O jogo de forças, curiosidade e teimosia nossa já havia sido semeado no coração de Eva, ainda que possa ocorrer a prerrogativa doutra inocência, no caso a de Adão, de tomar para si o fruto, por aguçar a visão e o querer, até então não haver ouvido como Eva, compartilhou num diálogo incomum com uma criatura, que *a priori* não tinha o domínio da fala e ainda que tivesse transgrediria assim mesmo, por dar mais ouvido a ela do que às orientações do Seu Criador. Que por Adão não estar próximo na hora do diálogo com a ancestral serpente (Satanás/

enganador), teria ele algo a seu favor? Assim sendo não haver Adão ouvido, que a proposta era bem maior intentar ser igual a Deus, e de que nunca passaria pela morte, mas por que necessidade de uma coisa e medo de outra, se num primeiro momento, já estava na condição de deuses, por ser alguma coisa criada tão excelente? E como temer algo como a morte se não tinha referência nem conhecimento do que era, se sequer viram um animal morto, em forma de carniça, já em decomposição? Se aquela única árvore, a do bem e do mal, não devia ser tocada, ainda que vista fosse o suficiente, ser permitido saber da sua existência, bastaria para matar qualquer curiosidade, pois seria estúpido pensar que o primeiro casal, na forma humana, não fosse fisgado no afã de dar uma espiadinha, ou melhor, contemplar! Certamente, o primeiro casal avançou instintivamente e/ou de propósito, sem consentimento do Criador, sendo os verdadeiros responsáveis nesse cenário, conscientes do que eram e representavam diante de Deus, que zela pela criação e a criatura desde a sua origem até hoje, pois a corresponsabilidade de Adão e Eva, por deixar a simplicidade, a humildade, a pureza e a própria inocência pela vaidade, a ignomínia, impureza, soberba e ambição que entrou em vossos corações, insuflados por Satanás, a antiga serpente, que ele próprio tem seu ajuste de contas, e neste caso, não sabemos nós ao certo, que para o casal tal ato foi para colocar a prova a (s) criatura(s) pensante (s) que Deus fez?

Pensar que tudo isso poderia ser evitado, sem haver tal árvore do bem e do mal no Éden? Quiçá permitir a Satanás ter se transformado em serpente para tal intuito. Embora na Bíblia é relatado que ele se transforma em “anjo de luz” (e não é maravilha, porque o próprio Satanás se transfigura em anjo de luz. 2º Coríntios 11:14). É muito desigual querer colocar numa mesma balança o conhecimento de Adão e de Satanás, mas temos que iluminar nossas mentes sabendo que Adão e Eva estavam debaixo da divina proteção de Deus, estavam blindados, conforme relata o salmo 91. E outro grande exemplo da graça, misericórdia e proteção de Deus está descrito abaixo:

E tirou-me para um lugar espaçoso, e livrou-me, porque tinha prazer em mim. Recompensou-me o Senhor conforme a minha justiça; conforme a pureza de minhas mãos me retribuiu. Porque guardei os caminhos do Senhor; e não me apartei impiamente do meu Deus. Porque todos os seus juízos estavam diante de mim; e de seus estatutos não me desviei. Porém fui sincero perante ele; e guardei-me da minha iniquidade. E me retribuiu o Senhor conforme a minha justiça, conforme a minha pureza diante dos seus olhos. Com o benigno te mostras benigno; com o homem íntegro te mostras perfeito. Com o puro te mostras puro; mas com o perverso te mostras rígido. 2 Samuel 22:20-27

Se podemos buscar defesa para o primeiro casal, no tocante a não conhecer o mal e a malícia, poderia justificar o fato de que eram frágeis diante de Satanás, por ter mais sagacidade e ser mais inteligente, ainda que por persuasão naquele momento crucial da existência humana, não sabendo como precisar o tempo histórico “**Cronos**” em detrimento do “**Kairós**” de Deus. Todavia, independente disso, porque agiram em favor da fala da serpente, e não da fala do Senhor, caso recuassem diante de tal cilada, uma vez que a ordem inicial do Senhor fosse mais imperativa, por havê-los orientados, assim sendo resolveram desconsiderar a ordenança? Ao menos esperar a visita que Deus fazia na virada do dia para tirar qualquer dúvida que os assolava, recuar e relatar tudo que presenciaram e da prova que passaram, por estar diante de um animal diferente dos outros, que tinha a capacidade de falar, cuja prerrogativa foi outorgada ao ser humano, além daquilo que uma simples serpente não poderia oferecer, quer seja um melhor fruto, quer seja o conhecimento pleno de tudo, e até do que pudesse julgar ser tanto o bem quanto o mal. Tudo isso corroborou, não de outra forma a uma sentença de Deus.

ATO punitivo e necessário, a expulsão do Paraíso se configura como um marco para toda humanidade, embora herdeira não de uma bênção, mas de uma maldição hereditária. Logicamente falando, seriam Adão e Eva inocentes quando transgrediram por ordem de um ser que

não conheciam e nem sabia da existência, ainda que a serpente dentre todos os animais fora um daqueles que Adão nomeou, não achar estranheza de haver falado com ele por intermédio de Eva? A partir daí não seriam capazes de obedecer ao primeiro conselho e ordem de Quem já fazia parte do seu convívio direto, ao visitá-los na virada do dia?

Vejamos a resposta em Gênesis 3:1-24:

Ora, a serpente era mais astuta que todas as alimárias do campo que o SENHOR Deus tinha feito. E esta disse à mulher: É assim que Deus disse: Não comereis de toda a árvore do jardim? E disse a mulher à serpente: Do fruto das árvores do jardim comeremos, mas do fruto da árvore que está no meio do jardim, disse Deus: Não comereis dele, nem nele tocareis para que não morrais. Então a serpente disse à mulher: Certamente não morrereis. Porque Deus sabe que no dia em que dele comerdes se abrirão os vossos olhos, e sereis como Deus, sabendo o bem e o mal. E viu a mulher que aquela árvore era boa para se comer, e agradável aos olhos, e árvore desejável para dar entendimento; tomou do seu fruto, e comeu, e deu também a seu marido, e ele comeu com ela. Então foram abertos os olhos de ambos, e conheceram que estavam nus; e coseram folhas de figueira, e fizeram para si aventais. E ouviram a voz do Senhor Deus, que passeava no jardim pela viração do dia; e esconderam-se Adão e sua mulher da presença do Senhor Deus, entre as árvores do jardim. E chamou o Senhor Deus a Adão, e disse-lhe: Onde estás? E ele disse: Ouvi a tua voz soar no jardim, e temi, porque estava nu, e escondi-me. E Deus disse: Quem te mostrou que estavas nu? Comeste tu da árvore de que te ordenei que não comesses? Então disse Adão: A mulher que me deste por companheira, ela me deu da árvore, e comi. E disse o Senhor Deus à mulher: Por que fizeste isto? E disse a mulher: A serpente me enganou, e eu comi. Então o Senhor Deus disse à serpente: Porquanto fizeste isto, maldita serás mais que toda a fera, e mais que todos os animais do campo; sobre o teu ventre andarás, e pó comerás todos os dias da tua vida. E porei inimizade entre ti e a mulher, e entre a tua semente e a sua semente; esta te ferirá a cabeça, e tu lhe ferirás o calcanhar. E à mulher disse: Multiplicarei grandemente a tua dor, e a tua concepção; com dor darás à luz filhos; e o teu desejo será para o teu marido, e ele te dominará. E a Adão disse: Porquanto deste ouvidos à voz de tua mulher, e comeste da árvore de que te ordenei, dizendo: Não comerás

dela, maldita é a terra por causa de ti; com dor comerás dela todos os dias da tua vida. Espinhos, e cardos também, te produzirá; e comerás a erva do campo. No suor do teu rosto comerás o teu pão, até que te tornes à terra; porque dela foste tomado; porquanto és pó e em pó te tornarás. E chamou Adão o nome de sua mulher Eva; porquanto era a mãe de todos os viventes. E fez o Senhor Deus a Adão e à sua mulher túnicas de peles, e os vestiu. Então disse o Senhor Deus: Eis que o homem é como um de nós, sabendo o bem e o mal; ora, para que não estenda a sua mão, e tome também da árvore da vida, e coma e viva eternamente, o Senhor Deus, pois, o lançou fora do jardim do Éden, para lavrar a terra de que fora tomado. E havendo lançado fora o homem, pôs querubins ao oriente do jardim do Éden, e uma espada inflamada que andava ao redor, para guardar o caminho da árvore da vida.

Não obstante, somente a graça e misericórdia de Deus pela criatura reescreve uma nova história para além de uma Paraíso terrestre, ter acesso ao Paraíso celeste (Nova Jerusalém), ainda que sob esse rito de passagem agora tenha o homem que padecer, sofrer os efeitos do pecado e consequente doenças e morte física e espiritual. É irrevogável o juízo final, pós-morte, pelo resgate da salvação em Cristo. Diante desse hiato entre a morte física e a espiritual, proposto e fundamentado é que a igreja, Corpo Místico de Cristo, de cujo mistério Ele é o cabeça, sendo a igreja a noiva e Ele o noivo. Esta igreja será arrebatada num determinado tempo no relógio divino de Deus, mas tanto aqueles que serão arrebatados em vida como aqueles que haverão de ressuscitar para uma Vida Eterna ou Condenação de Morte Eterna serão balizados pelo Livro da Vida, e julgados segundo suas obras.

## X

Como se pó da terra e imagem e semelhança de Deus, tal ato não parece ser discordante e/ou paradoxal? Podemos conjectura, que só parece estranho se formos analisar tal questão pela questão física, da matéria, pois expliquei em capítulos anteriores, que em nenhum momento

na Bíblia menciona Deus ter uma figura ou ocupar um corpo físico, mas nos é demonstrado que é um Espírito, e ainda assim não define o que é ou vem a ser Ele, até porque não podemos nem temos como mensurar tal coisa, e falamos de espírito por suposição daquilo que nos foi apresentado tal existência nas Escrituras Sagradas. Se Deus não nos tivesse revelado essas coisas, se não tivesse determinados assuntos elencados para nosso esclarecimento por zelo que nosso Criador tem por nós! Provável que não iríamos diferir muito dos animais, ainda que nos considerássemos seres pensantes, ainda que nos distinguísse de maneira diferente em relação aos animais irracionais.

Certo é que outros homens como Darwin e Alan Kardec seriam absolutos em seus conceitos para validar as dúvidas acerca da vida material e espiritual, mesmo que este último venha dizer a seu modo, deturpando sob sua interpretação o que nos Evangelhos foi escrito, vindo autonomar um evangelho que introduziu a seu modo, segundo o espiritismo, validando da mesma forma o contexto herético dos livros apócrifos? Onde encontramos o primeiro e o segundo livro de Adão e Eva e Livros dos segredos de Enoque, Apocalipse de Moisés e de Paulo, livros de Maria e de Tomé, correlacionados com a infância de Jesus, bem como dos relatos dos 12 aos 30 anos, no mínimo tem um peso histórico no período Inter bíblico e/ou de pouca fundamentação teológica. Quicá venha ter balizada veracidade de seus argumentos, para que possamos julgar, acerca de tais livros serem inspirados por Deus? No afã que possamos dar crédito para que tenha validade e ajuizada interpretação e possamos tratar acerca da veracidade desses e outros livros; inclusive aos que se referem na Bíblia católica como livro de Judith, Macabeus, Tobias, Livro de Sabedoria de Salomão, Eclesiásticos e outros. Que, pelo contexto histórico, em nada venha afetar a sã doutrina?

Não vou me estender para buscar ressonância na fala de Deus, partindo do princípio de que na Sua sapiência e presciência não caber questionamento seguro, para através da Sua criação querer compreendê-Lo como sendo uma coisa que Ele fez. Quando nos diz em resposta a

Moisés, Eu Sou o que Sou. Basta saber, que em detrimento de tudo, nos colocou numa condição superior e além disso nos elegeu como filhos por adoção, através da figura de Cristo. Antes disso, na própria figura de Adão fez distinto de tudo que há e existe, ainda que a natureza humana não seja mais tão elevada, mas decaída. Os pressupostos dos ATOS de Deus, pela Sua suprema sabedoria nos reintroduz de maneira magnífica no cenário da natureza e do cosmo, sem que seja vencido pelo pecado, a doença e a morte, mas noutro patamar que melhor define do ponto que estamos e poderemos alcançar, no ciclo da nossa vida espiritual: “Assim está também escrito: O **primeiro** homem, **Adão**, foi feito em **alma vivente**; o último **Adão** em espírito vivificante” (1º Coríntios 15:45). Se podemos assim conjecturar, ainda que Adão fosse feito imagem e semelhança, sem que houvesse pecado, não haveria outro estágio ou estado que o homem (Adão e Eva) deveria alcançar num processo de glorificação para ser entronizado na dimensão espiritual de Deus. Consequentemente, via Cristo, o Alfa e o Ômega, nos aprova e promove pela obediência e humildade, em detrimento da desobediência que reprovou nossos primeiros pais.

São tantos questionamentos, dúvidas e perguntas que gostaríamos de fazer a Deus, que por uma atitude racional presumo que mais ainda nos afastaríamos da real essência e valor de ter acesso a Seu conhecimento e beneplácito, pois se pela fé nos condiciona a estarmos mais perto, se pela oração temos acesso ao Trono da Graça, por petição e imprecação, salvo melhor juízo crer que podemos alcançar o que de melhor Ele pode nos oferecer: “E, se algum de vós tem falta de sabedoria, peça-a a Deus, que a todos dá liberalmente, e o não lança em rosto, e ser-lhe-á dada” – Tiago 1:5. Ou ainda quando o próprio Deus responde a apóstolo Paulo, e nos serve de instrução: “E disse-me: **A minha graça te basta** porque o meu poder se aperfeiçoa na fraqueza” – 2º Coríntios 12:9.

## Atos do Pensar e Existir

“Se não tivéssemos defeitos não nos agradaria tanto notá-los nos outros”.  
(*La Rochefoucauld*)

“E, como aos homens está ordenado morrerem uma vez, vindo, depois disso, o Juízo”. (*Hebreus 9:27*)

“Disse o néscio no seu coração: não há Deus. Tem-se corrompido e têm cometido abominável iniquidade; não há ninguém que faça o bem. Deus olhou desde os céus para os filhos do homem para ver se havia algum que tivesse entendimento e buscasse a Deus. Desviaram-se todos e juntamente se fizeram imundos. Não há quem faça o bem, não há sequer um”. (*Salmo 53:1-3*)

“**P**enso, logo existo”, e daí?! Posso pensar em coisas absurdas, poderia nascer debilitado ou tornar-me louco. Poderia dizer que penso, mas se ainda dissesse que existo, ainda dependeria da primeira sentença para justificar minha existência, mas seria incondicional “ser no tempo”. O que na verdade entre o pensar e o existir me garante mais a ideia do que sou à medida do que penso, ou como diria Fernando Pessoa, “sou à medida do que vejo”. Logo, cabe aceitar a expressão de Deus, que diz: “Eu Sou o que Sou”. Somente diz ser o que se é quem tem o discernimento e a consciência do que é, em si mesmo, porque está no atemporal, trafega na Eternidade. Diferente de nós, simples mortais, que somos ante a possibilidade do não-ser, ou seja, somos seres do tempo, existimos enquanto nos é permitido viver. Há uma média

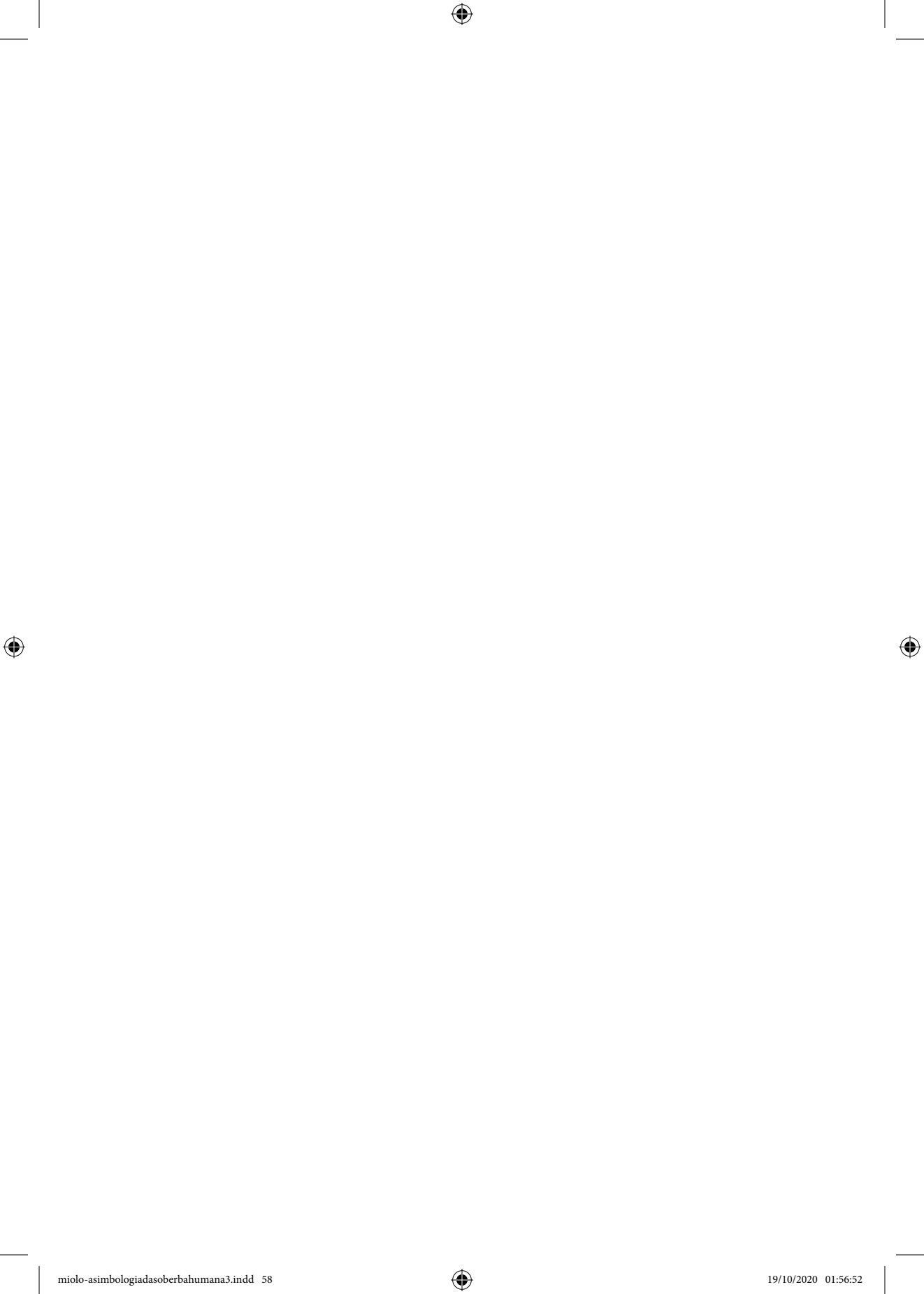
de tempo para cada geração que predestina a idade através dos anos que o homem pode atingir, quer viva bem ou mal, depende das contingências e das circunstâncias, no plano físico e imanente. E se a ideia de Deus é absurda, por me certificar de que Ele é o Criador do Universo, me desculpe... mas acho que o maior absurdo é não crer! Ainda mais quando vemos na natureza que ela mesma se transforma, se regenera, compõe e se decompõe, e a cada dia intensifica a sua existência como explicar a natureza do homem de criar, arquitetar e inventar? E como explicar a gestação de um novo ser como surge um embrião? Um novo ser? Ante o processo de toda gestação, ante a beleza de uma mulher, mãe, que dá à luz uma criança, este pequeno ser. Como explicar?!

Menciona a Bíblia que até os cabelos da nossa cabeça são contados e que Deus conhece todas as estrelas pelos seus próprios nomes. Como explicar o nascimento, desenvolvimento, o crescimento, e a morte que ocorre com todos os seres vivos? Diríamos como já fora mencionado nas ideias preconcebidas do pai da filosofia, Sócrates, “só sei que nada sei”, talvez seria uma boa saída, ou uma falácia, acredito que para os filósofos contemporâneos, reconhecer o que é dito pelo senso comum que “há mais mistérios entre o céu e a terra do que a nossa vã filosofia possa saber”. É difícil e quase complicado para eles admitirem porque fere tanto o orgulho como a vaidade dos detentores do saber. Mas a senhora filosofia não pode admitir tal coisa, onde fica a reputação da reveladora de mistérios, ou seja, como a Esfinge de Édipo, “decifra-me ou te devoro”, ao perguntar: Qual é o animal que pela manhã anda sobre quatro pernas, à tarde duas e à noite sobre três? E, diante da resposta de Édipo, de que seria o homem, ela se precipita no penhasco,

O homem vive de explicações, vive a se explicar, mas não seria mais fácil viver apenas... ruminar como os bois, ser dócil como o gato, se coçar como os macacos, hibernar como os ursos, ficar despreocupado como o cão, melhor que fôssemos bichos comuns do que pessoas tão insensatas, que admitindo possuir o atributo do discernimento, do raciocínio e, via de regra, do livre-arbítrio, abdicar de tudo isso para se

equiparar ao que não se equipara? Os homens não têm nos símios nenhum parentesco como certos neodarwinianas sinalizam deles serem nossos primos, os primatas?

O homem ainda não foi devorado pela Esfinge, devorado é pela sua própria incredulidade, insensatez, prepotência, angústia e consciência. De tudo que desvenda, pouco conhece a si mesmo, busca tão longe a lua e esquece do seu coração, assim não consegue discernir os mistérios da sua natureza, do nascimento e da morte, e de como a alma se une e separa do corpo, de como crescemos e envelhecemos e de como morremos, ou para onde vamos? É simples, diríamos pautados na Bíblia, do pó viemos e ao pó retornaremos, mas é bom lembrar que o clichê do “aqui se faz e aqui se paga” há muito está ultrapassado, pois a matéria se putrefaz, mas a alma é imortal porque a vida após a morte é o começo – não para os que terão uma morte espiritual eterna no Inferno, mas para aqueles que no seu propósito em Cristo Jesus almeja a Vida Eterna no Reino do Céus.



## Atos da Fé, Ativada e Reativada

**O** que promove a fé ser ativada ou reativada vem de um aspecto motivador, à medida que ela é exercitada, independente de estarmos bem ou mal, animados ou desanimados, pois a fé por si só tem caráter autônomo; a fé verdadeira é a fé que se alcança como a água que se bebe, e o ar que se respira, não precisa de ingrediente novo para ser ou para possuí-la de direito e de fato, diria que a fé é mais autônoma que imutável, desprovida do conceito de religiosidade, até porque no puro exercício de ser o que é, sem interferência de outros fatores que lhe dê validade para o pleno sentimento de adoração e comunhão com Deus, pois é através dela e por ela que na oração podemos dialogar com nosso Criador, no âmbito daquilo que está ligado e interligado na espiritualidade, não de uma religiosidade, que conduz a maneira de ser, pensar e agir, mas de ser vivenciada mais do que revelada. Não obstante, ser a religião um ponto de contato que a projeta, no sentido de fazer uma ponte com a noção que temos acerca do que é divino, que de alguma forma julgamos nos aproximar mais de Deus. Mas esta palavrinha por si só resume a sua essência, representa ser potencialmente transcendental, num ato contrito de oração e reconhecimento, da eficácia da ação transformadora do Todo-Poderoso em nossas vidas; que espera de nós tão somente uma or(a)ção, uma atitude de contrição, de reverência para que através de súplicas, imprecações e petições, alcançarmos o devido beneplácito, a benção esperada!

Sim, este elo, a fé, é justamente o que nos faz sermos seres espiritualizados, que renova as forças pela ação daquele que nos fortalece, nos momentos de angústia e fraqueza. Pensar de maneira diferente é relegar o homem ao esquecimento de si próprio, uma vez que a manifestação do amor e fé se dá pela inter-relação de valores que transpõe pura e simplesmente a questão de afetividade e interesses comuns, pois ter fé proporciona sonhar, viver e amar cada dia, de forma diferente, ela se revigora e existe independente da nossa vontade, nosso querer... porque simples e surpreendentemente acontece, como a certeza de que o sol existe, independente do sol nascer no horizonte, ou de estar por detrás de alguma nuvem, quando assim presumimos e não vemos. E o fato da fé existir não passa pelas nossas considerações, aceitações, motivos que possamos justificar, como Deus é Deus, e a força da Sua existência basta por si mesma, sem que a nossa vontade, crença ou nossa própria fé, seja a validação da Sua própria existência onisciente, onipresente e onipotente. Em contrapartida, não podemos dizer o mesmo de nós porque hoje somos, mas amanhã poderemos deixar de ser.

O filósofo da Grécia antiga, Parmênides, proferiu: “o ser é e o não ser não é”. Todavia, Deus pôde afirmar: “eu sou o que sou”, haja vista, que não precisa especular, conjecturar acerca da Sua existência como tal, uma vez que Ele é o Criador de todas as coisas visíveis e invisíveis, pois somente o homem especula acerca da própria existência, por ser improvável e por não ser auto existente, não se cria por si mesmo, onde o seu próprio nascimento é alheio à vontade de cada ser (indivíduo) que vem ao mundo, desta feita ninguém escolhe nascer ou morrer, nem quando nem como isto se dá. E ante essa mutabilidade e imutabilidade dos seres e das coisas faz com que o homem seja ou possa deixar de ser o que ele é, tal a rosa que é efêmera, sua espécie continua permanecendo como tal, na corrida da troca de bastões, em nosso caso de geração em geração. Pelo tempo que somente Deus pode definir a curta duração de tempo poderemos permanecer e prosseguir neste planeta, pois

o homem, individualmente falando, nada mais é que uma poeira no Universo.

Diante do exposto, tal interpretação demonstra que Deus, de alguma forma, nos legou essa fé que podemos desfrutar nos momentos de angústia, desespero, tristeza, sofrimento, padecimentos, deleites, alegrias e bem-aventuranças, em que frente a ideia sempre presente da morte, crises existenciais e presságios da vida. Mas, justamente, a fé sempre nos dá nova esperança, nova direção, combustível novo, sendo “aquela que remove as montanhas”, da baixa estima, do desânimo, da enfermidade, da falsa esperança, da falta de vontade de viver. Esta fé “que é o firme fundamento das coisas que se esperam e a prova das coisas que se não veem porque por ela os antigos alcançaram testemunho” (Hebreus 11). Diria, com acerto, que não existe homem, que não a tenha, embora possa estar inativa, à espera de ser reativada. Via de regra, temos a substantiva e presente necessidade de tê-la tão viva que podemos tocá-la, senti-la. Portanto, a fé é uma centelha dentro de nós, que nos revitaliza, e que Jesus, inúmeras vezes citou nos Evangelhos: “Se tu podes crer, tudo é possível ao que crê” (Marcos 9:23). Ou ainda, “... qualquer que disser a este monte: ergue-te e lança-te no mar, e não duvidar em seu coração, mas crer que se fará aquilo que disser, lhe será feito. Por isso, vos digo que tudo o que pedirdes orando, crede, o recebereis”. (Marcos 11:22).

Fé esta, que na verdade, já a possuímos, que está em repouso, uma força interior, um motivo maior que a nossa própria vontade para alcançar a beatitude ante o Deus-Criador, de todas as coisas, ao qual temos acesso pela oração universal do “Pai nosso, que está nos Céus, santificado seja o Teu nome”. Aquele que podemos invocar, “que não despreza um coração, quebrantado e contrito”, sim, o Mestre dos mestres, nos ensinou com sabedoria a exercitá-la, de muitas maneiras e diversas formas. Ele, que é o próprio “autor e consumidor da fé, Jesus, o qual, em troca da alegria que lhe estava proposta suportou a cruz, não fazendo caso da ignomínia, e está assentado à destra de Deus” (Hebreus 12:2).

Fé, que nos impulsiona para a evolução e revolução, mais perfeita e purificadora que o homem precisa para ter acesso Aquele que o predestina para a vitória certa resumida numa frase de que “tudo posso naquele que me fortalece” (Filipenses 4:13). E, diante das coisas mais inimagináveis e dos sonhos julgados impossíveis Ele age, e nos proporciona a benção esperada no Seu tempo para o tempo que nós presumimos. Embora Deus intervenha na hora e momento certo para nos dar o melhor que precisamos e/ou necessitamos. Decerto que mesmo, homens, ligados à ciência, desfrutaram de um ato de fé para suas criações e inventos, na esperança de que aquilo que sempre apostaram no investimento de suas realizações diria de alguma maneira o exercício do próprio sacerdócio, em prol de seus objetivos, ante o desprendimento e renúncia, e o próprio sacrifício deixando de desfrutar de horas de lazer, convívio com a família, tempo para o amor e a amizade. Assim, buscando obter o êxito esperado, e a concretização do que promovemos e esperamos, semelhante ao agricultor que põe uma semente na terra fértil, e sabe que semeada e regada, em que algo dentro de si sinalizava que haveria de colher aqueles frutos tão esperados! “Mesmo que se tenha uma fé do tamanho de um grão de mostarda”. E, no nosso caso, a “benção esperada”. Tanto é que se vive pela fé, na vontade de viver, como se morre pela fé de viver outra vez e sempre uma vida Eterna ou no mínimo de viver bem a própria vida que se vive.

## Atos da Questão da Santidade

**D**ifícil matéria falar de santidade, mas se falamos de amor é falar da própria purificação do ser; esse amor que nos predestina ao nos aproximarmos cada vez mais de Deus. E, à medida que nos afastamos do mundo, nos desprendemos, e mantemos uma intimidade, unidade com Aquele que fez de nós quem somos, nos envolve numa atmosfera de amor divino, nos proporciona o acesso ao Trono da Graça, pois viver santidade é viver o que a espiritualidade oferece e nos eleva para alcançarmos a paz verdadeira, a serenidade que Jesus, nos impulsiona a viver plenamente, quer seja pelo amor e pela graça que Dele emana, e nos instrui. A bem da verdade, ter santidade e/ou ser santo, é estar em sintonia com o cosmo e toda natureza.

O santo vivencia a paz de Cristo, que diz: “Eu vo-la dou a paz, a minha paz, vos dou, não vo-la como o mundo a dá”. Nessa paz renovamos nossas forças e alcançamos a serenidade dentro do nosso ser, nos possibilitando estarmos sempre, leves e felizes, ao ponto de seguir os passos do mestre, onde quer que ele vá, ou nos instrua a ir e fazer a obra (evangelismo), tal como o seu discípulo Pedro, que chegou a andar sobre as águas, em direção ao mestre, mas sentindo temor, começou a afundar, a pedir socorro, quando Jesus, o resgatando o chamou de homem de pouca fé. Nós homens de pouca fé, que deixamos de avançar para alcançar a vitória que nos foi prometida, que deixamos de ir além de nossas limitações e, mesmo assim, nos diz: “se creres, verás a glória de Deus”. E a todo instante precisamos desfrutar dessa fé

para podermos estar mais perto da Sua glória, daquilo que Ele mesmo nos predestina conforme está registrado na Palavra de Deus: “seguir a paz com todos e a santificação, sem a qual ninguém verá o Senhor” (Hebreus 12:14).

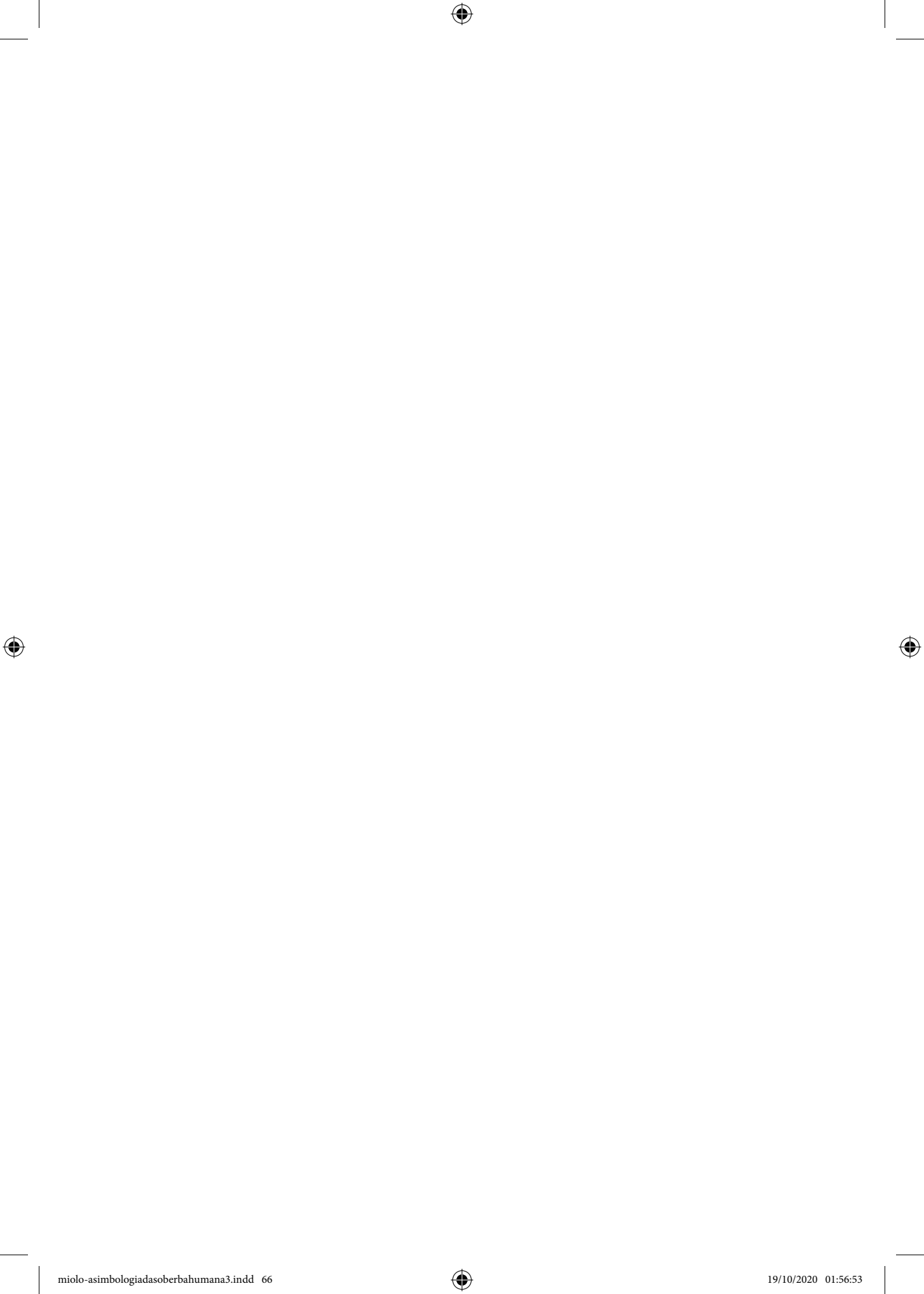
Esses ingredientes são primordiais para se alcançar e sustentar essa possível santidade, diz o Apóstolo Paulo: “Sede, pois, meus imitadores de Deus, como filhos amados”. (Efésios 5:1), pois não há como santificar-se sem que o ser humano invista em amor, paz, fé, renúncia e consequente comunhão com Deus. Sim, a promoção dessa santidade é fruto de um amor incondicional, amor que vem do Todo-Poderoso, que nos projeta e proporciona a sermos justos, bons, prósperos, dignos da ação ministradora do Espírito Santo, que nos dá a graça, a beatitude e unção do Senhor. Que nos orienta para sermos santos, porque Ele é santo, e nós somos frutos do seu amor, e para chegarmos perto do que Ele almeja de nós, passamos por um processo para chegar a tal condição, processo de libertação, purificação, justificação e glorificação, à medida que vamos investindo nessa gostosa sintonia com o Criador.

É dentro desta relação e comunhão com Cristo que vamos avançando esse estágio de crescimento espiritual, reconhecendo assim que não há outro meio que nos possibilita vivenciar com mais valor e qualidade aquilo que provém de Deus... Ser santo é um ato de fé, amor, contrição, doação e entrega, através de ações de desprendimento e fé, agindo com sinceridade e transparência diante de Deus e dos homens ou “não sabeis que sois santuário de Deus e que o Espírito de Deus habita em vós?” (1º Coríntios 3:16). E o que é santidade de fato? É o reflexo de Deus, feito raios de sol em nossas vidas (em pensamentos, atitudes, palavras, gestos e ações) que possibilita ao viver humano estar nela de uma maneira íntegra e feliz. Logo, mesmo dentro das nossas limitações humanas, podemos dizer “tudo posso naquele que me fortalece” (Filipenses 4:13). Fazendo-nos reconhecer que essa graça não nos pertence, a graça é um dom de Deus, a graça que nos santifica, edifica e purifica.

Que nos consagra para o mais puro ato cristão, cuja ação em nossas vidas procede do Espírito Santo, o Consolador.

Ser santo é ser separado, prerrogativa que nos instrui para bem proceder na vida espiritual, que reflete na vida material. Ser santo é ser separado, não no sentido de isolar-se, mas de relacionar-se com a natureza de tudo que flui de bom, tudo que podemos oferecer de melhor para aqueles que necessitam de uma palavra de carinho, fé, consolo, atenção e conforto no momento de angústia, dor e solidão. Relacionar-se principalmente consigo próprio, vivenciando e passando a paz que habita em nosso ser através da oração e na atitude plena do louvor e adoração, de melhor discernir entre o que é certo e errado, bom e mau, atitudes boas e ruins. E “assim brilhe também a vossa luz diante dos homens para que vejam as vossas boas obras e glorifiquem a vosso Pai que está nos céus” (Mateus 5:16).

Sim! Esses reflexos possibilitam a bondade na forma mais altruísta possível, nos purificando do pecado pelo arrependimento, sendo justificados pela graça e amor do Nosso Senhor Jesus Cristo, cuja pessoa Dele inspira a justiça, o amor e a paz, que nos predestina a uma tão grande pureza e sinceridade da alma que passa a exalar o bom perfume do amor divino, e fazer-nos santos, por sermos filhos de Deus, “pois todos os que são guiados pelo Espírito de Deus são filhos de Deus... pois o próprio Espírito testifica com o nosso espírito, que somos filhos de Deus” (Romanos 8:14-16).



## Atos da Possibilidade da Vida Eterna

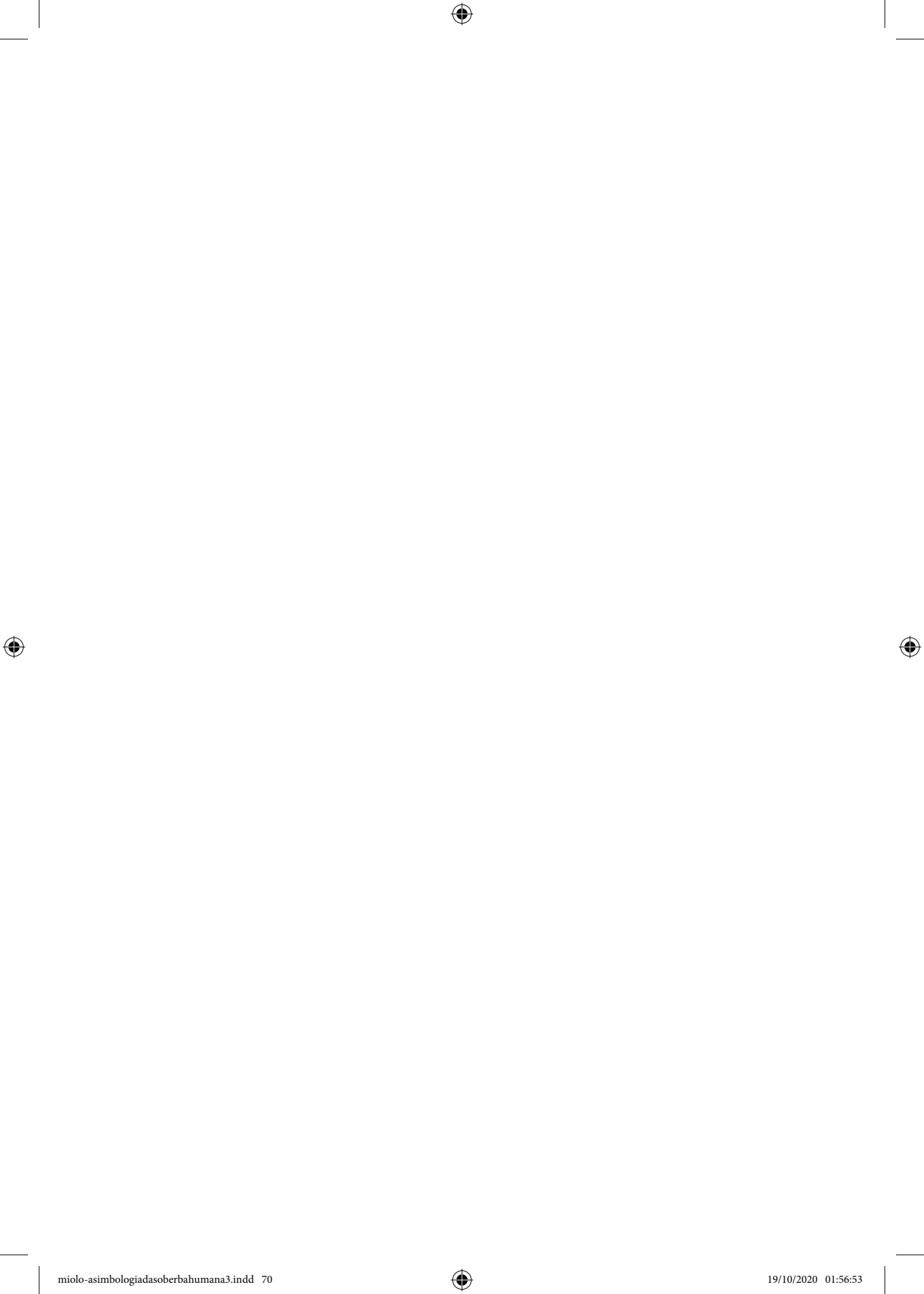
Conforme relatei em capítulos anteriores, em virtude do pecado foi provocada a separação entre Deus e os homens, pois quando Ele criou o primeiro casal, tinha projetos de fazer com que a raça humana fosse imortal; todavia, a desobediência foi um fato preponderante de mudanças radicais. Assim que Deus criou o Jardim do Éden, pôs duas árvores, a do bem e do mal e a da vida. E orientou ao primeiro casal que criara, que poderiam tocar em qualquer outra árvore frutífera, menos a do bem e do mal, já em relação a da vida, provável que não tinham acesso, tendo em vista a segunda árvore, da vida. Tudo indica que lhes dariam acesso à imortalidade, mas em função da desobediência, e consequente pecado, deixaram de desfrutar dessa condição, uma vez que o pecado promoveu a falência humana, gerando a doença e a morte. Isto fez com que o homem perdesse algumas de suas potencialidades primordiais, físicas e espirituais, tendo suas células regeneradas passarem a ser degeneradas, ocasionando em virtude deste, e outros fatores, ocasionando a morte natural, pois a própria velhice é um exemplo patente da nossa própria limitação humana, perdemos o vigor e a senilidade de antes, surge consequentemente o cansaço. É provável que a tão almejada fonte da juventude estava ligada à árvore da vida, dos seus frutos, que nos proporcionaria o acesso à imortalidade, viabilizando a vida eterna. Tanto é que não havia separação entre Deus e os homens, conforme é ilustrado em Gênesis 3:8: “Quando ouviram a voz do Senhor Deus, que andava no Jardim pela viração do dia, esconderam-se

da presença de Deus, o homem e a mulher, por entre as árvores do jardim”. Portanto, se ouviam a voz de Deus, mantinham no mínimo um diálogo com o Criador, mesmo que não pudesse vê-lo, mas certamente podiam sentir a Sua presença. E mantinha um diálogo com Aquele que fizera do homem, algo tão precioso! Presumo que a tal expulsão do Paraíso se deu em virtude de evitar que eles tocassem também na árvore da vida, o que ocasionaria mal maior do que se pensa. Em virtude disto, houve a morte, separação da alma e do corpo, subordinando-o a uma condição menos excelente. Doutra forma, além de haver desafiado a Deus, pela desobediência, o mal seria maior para o próprio homem, caso tivesse acesso aquela árvore, e ao envelhecer, seria nada mais nada menos que um morto-vivo, sofrendo a sujeição das doenças e dores como um martírio eterno, que sequer podemos comparar com o que seja o inferno, inferno que já seria vivenciado aqui. O que nos faz compreender melhor, a necessidade da morte física e espiritual para que a restauração se desse através doutro homem, que “por um homem entrou o pecado no mundo e por outro a remissão dos pecados. Este homem, Jesus, teve uma função específica, a de religar o homem a Deus, nos propondo a salvação pela loucura da Cruz, o verdadeiro e único resgate e acesso, quando Ele diz: “Eu sou o caminho, a verdade e a vida”. Este homem-Deus, Jesus, simbolicamente era representado pela árvore da vida – pão da vida, fonte de águas vivas – que nos possibilita o passaporte para a Vida Eterna, e que ainda nos diz:

Eu sou a videira verdadeira, e meu Pai é o agricultor. Todo ramo que, estando em mim, não der fruto, ele o corta; e todo o que dá fruto limpa, para que produza mais fruto ainda... permaneci em mim, e eu permaneci em vós. Como não pode o ramo produzir fruto de si mesmo, se não permanecer na videira, assim, nem vós o podeis dar, se não permanecerdes em mim. Eu sou a videira, vós os ramos. Quem permanecer em mim, será, e eu, nele, esse dá muito fruto; porque sem mim nada podeis fazer. (João 15:1-5).

Diante do que foi exposto, podemos avaliar que essa possibilidade se dá através Daquele que se autoneia ser o Alfa e o Ômega, o primeiro e o derradeiro, o princípio e o fim (Ap 22:13). Quem se sujeitou ao martírio pela humanidade, “pois ele, subsistindo em forma de Deus, não julgou como usurpação o ser igual a Deus; antes, a si mesmo se esvaziou, assumindo a forma de servo, tornando-se em semelhança de homens e, reconhecido em figura humana, a si mesmo se humilhou, tornando-se obediente até à morte e morte de cruz. Pelo que também Deus o exaltou sobremaneira e lhe deu o nome que está acima de todo nome, para que ao nome de Jesus se dobre todo joelho, nos céus, na terra e debaixo da terra, e toda língua confesse que Jesus Cristo é Senhor, para glória de Deus Pai” (Filipenses 2:6).

E todo esse empreendimento se deu pela infinita misericórdia de Deus, todavia, crendo que temos uma alma imortal, sujeita a um corpo perecível, mortal. Alma que ao findar nossa trajetória terrestre volta para o nosso Criador, a fim de ser julgada quer seja para a salvação ou condenação eterna, ante a decisão de vivenciarmos a bênção ou a maldição, a vida ou a morte espiritual, dependendo única e exclusivamente de nossas escolhas e do testemunho que damos enquanto vivemos e / ou poderemos viver além do que imaginamos ante a possibilidade real da vida eterna.



## Atos do Fim da Incerteza

Acredito que o primeiro pré-requisito para aceitar a filosofia do cristianismo, seja o comprometimento com a fé e a necessidade de buscar ser seguidor de Cristo, procurando imitá-lo, na medida do possível, haja vista nossas limitações e imperfeições humanas, desde que não seja uma justificativa para qualquer impedimento para não deixarmos de estar no caminho, quando Ele diz: “aquele que quiser me seguir, negue-se a si mesmo, não olhe para trás, pegue sua própria cruz e me siga”. Seguir ao Mestre não é tarefa muito fácil, mas não é algo impossível. A partir do momento em que queremos o melhor para as nossas vidas, e das pessoas com quem nos relacionamos, somente é tarefa difícil quando não queremos fazer a vontade Dele, e sim a nossa própria vontade, nossos próprios anseios e permanecer nos antigos hábitos, manias, atitudes erradas diante de Deus. Quando nos comportamos assim, nós mesmos colocamos uma tremenda barreira, um grande abismo entre nós e a santidade do Senhor, por não podermos acreditar que podemos procurar ser santo como Ele é Santo. Digo, santidade no sentido de estarmos separados e consagrados, buscando sempre uma comunhão sincera com o nosso Deus Todo-Poderoso.

Estar separado é deixar de se envolver com coisas que desagradam a Ele, e buscar tudo aquilo que nos consagra procurando viver dentro de uma dimensão espiritual através da oração, do jejum, leitura da Bíblia, frequência assídua nos cultos, reuniões e ensinamentos ministrados na Igreja. Sim, à medida que buscamos mais, mais ainda recebemos daquele que

nos capacita para, ou pela boa causa do Evangelho, seguir a Cristo, é reconhecer primeiramente quem Ele é, “que no princípio era o Verbo, e o Verbo estava com Deus, e o Verbo era Deus. Ele estava no princípio com Deus. Todas as coisas foram feitas por intermédio Dele e sem Ele nada do que foi feito se fez. A vida estava Nele e a vida era a luz dos homens... Se fez carne e habitou entre nós” (João 1). Este homem foi fecundado pelo Espírito Santo numa mulher, a Virgem Maria, que fora escolhida para conceber, ou melhor, dar à luz Àquele que já a trazia, Jesus (o Messias).

Admiro Maria por ter sido a escolhida, e ser essa pessoa tão especial, nos planos de Deus, que dentre tantas virgens foi contemplada, agraciada para uma missão tão importante, e por que não histórica e/ou sobrenatural (ao ser concebida pelo Espírito Santo), devido à sua virtude, obediência, resignação e complacência. Até mesmo santa, no sentido de ser separada, como os profetas, apóstolos e os cristãos, que agem como verdadeiros servos do Deus-Altíssimo. Sim, “porque todos os que são guiados pelo Espírito de Deus esses são filhos de Deus” (Romanos 8:14). E, por sermos servos obedientes, em conformidade com a Palavra Dele, nos faz “herdeiros de Deus e coerdeiros de Cristo: se é certo que com ele padecemos, para que também com ele Sejamos glorificados” (Romanos 8:17).

Somente Jesus Cristo é digno de toda honra e louvor, de quem dimana a operação de milagres e que nos diz: “aquele que crer em mim, fará obras iguais, ou maiores que eu” (João 14:12). Portanto, não sou eu que estou dizendo, mas o Mestre. Acredito com certeza que a Virgem Maria e/ou Santa Maria trouxe para si a mesma evidência, bem como seu marido José, e *a posteriori* os filhos de ambos. Para que nos lembremos, vejamos uma passagem em que Maria se refere a Jesus quando nas bodas de Caná da Galileia: “Tendo acabado o vinho, a mãe de Jesus lhe disse: Eles não têm mais vinho. Ele respondeu: Mulher, que tenho eu contigo? Ainda não é chegada a minha hora. Então, ela falou aos serventes: Fazei tudo o que ele vos disser” (João 2:3-5). Nas passagens

do Novo Testamento é evidente que Maria, posteriormente mãe de Tiago, José, Judas e Simão (Marcos 6:3), à medida que Jesus crescia em tamanho e entendimento, tornou-se também sua serva e seguiu seus ensinamentos, pois na esfera do sentido humanitário do cristianismo transpunha a relação maternal para uma relação fraternal e a mãe de Jesus foi a primeira a reconhecer suas limitações e o preço que Ele (o Messias) iria pagar pela humanidade, na verdade o que partia dela era um aceitar resignado porque o lado materno sofria em silêncio, embora o que ela podia fazer já havia feito quando bem cumpriu seu papel, de mulher-virgem-mãe. Tem duas passagens na Bíblia que muito me impressiona pela objetividade de Jesus acerca de sua mãe Maria:

Chegaram, então, seus irmãos e sua mãe; e, estando de fora, mandaram-no chamar. E a multidão estava assentada, ao redor Dele, e disseram-lhe: Eis que tua mãe e teus irmãos te procuram e estão lá fora. E Ele lhes respondeu, dizendo: Quem é minha mãe e meus irmãos? E, olhando em redor para os que estavam assentados junto Dele disse: Eis aqui minha mãe e meus irmãos. Porquanto, qualquer que fizer a vontade de Deus, esse é meu irmão, e minha irmã e minha mãe. (Marcos 3:31-35)

É bem provável, não tenho dúvidas, que humildemente ela (Maria) se aproximou e participou, quieta, quando ouviu a resposta do Senhor (Jesus). Doutra maneira, não retirar-se-ia por orgulho, pois a virtude e a simplicidade eram características próprias da sua Natureza, motivo pelo qual e dentre outros requisitos foi a virgem (santa): “bendita entre as mulheres”. Noutra passagem diante da crucificação constatamos que “junto à cruz estavam a mãe de Jesus, e a irmã dela, e Maria, mulher de Cleópas, e Maria Madalena. Vendo Ele, sua mãe e junto a ela o discípulo amado, disse: Mulher, eis aí teu filho. Depois, disse ao discípulo: Eis aí tua mãe. Dessa hora em diante, o discípulo a tomou para casa” João 19:25. Todavia, apesar da Bíblia não revelar que Maria ou José houvessem realizado algum tipo de cura milagrosa, é relevante dizer que isto não vem ao caso, pois eram pessoas santas, porém normais como

todos os seres humanos são! Até porque não é a evidência de milagres e curas que nos faz ser mais ou menos santos, mas uma vida de compromisso para com Deus, de amar a Ele sobre todas as coisas e ao próximo como a si mesmo. Até porque se negasse tal coisa, de que eles (Maria e José) não fossem santos, iria de encontro ao que está escrito na própria Bíblia: “Mas como é Santo Aquele que vos chamou, sedes Santos em toda maneira de viver”. (1º Pedro 1:15). Nós nos santificamos à medida que buscamos estar cada vez mais em comunhão com Deus, à medida que procuramos fazer a Sua vontade, “e sabemos que todas as coisas contribuem juntamente para o bem daqueles que amam a Deus, daqueles que são chamados por seu Decreto”. (Romanos 8:28). De acordo com o correto proceder, houve homens (e mulheres) tão magníficos e santos aos olhos do Altíssimo, que não conheceram a morte, que fora devidamente registrada nas Escrituras Sagradas, como o caso de Enoque e Elias, que foram arrebatados.

Outros na mesma condição só não foram arrebatados porque tinham ainda mais tarefas a cumprir, sendo assim, fizeram a passagem por meio natural, voltaram ao pó, Abraão, Noé, Moisés, David e etc. Não obstante, Moisés era um caso à parte, “quando Arcanjo Miguel contendia com o diabo e disputava a respeito do corpo dele (Moisés): não atreveu a proferir juízo infamatório contra ele (diabo): pelo contrário, disse: o Senhor te repreenda” (Judas 1:9). De igual maneira, Maria e José voltaram ao pó e como todos nós almejamos um dia, alcançaram a salvação e consequente Vida Eterna. Nas Escrituras Sagradas, o único que ascendeu aos céus foi o Nosso Senhor Jesus Cristo: “... e levou-os (discípulos) fora, até Betânia e, levantando as suas mãos, os abençoou. E aconteceu que, abençoando-os Ele se apartou deles e foi elevado ao céu” (Lucas 24:50-51).

Portanto, não poderia terminar aqui, sem antes falar de José, essa pessoa espetacular, homem sincero, ter que aceitar fato de que uma moça havia lhe dito, que estava à espera de um filho, fecundada por um Espírito. Diante de dúvida ou da incerteza? O que fazer e como se

comportar? Numa época em que a infidelidade era inadmissível, abominável. Numa época em que as mulheres julgadas infames eram apedrejadas até à morte. Até haver uma mudança, não de aceitar o erro, mas de não penitenciar uma vida para uma morte cruel, sem a devida defesa ou direito ao arrependimento, quando a mudança de conceito foi a expressão que o Mestre usou: “Quem não tem pecado, atire a primeira pedra” ou de “ não julgar para não ser julgado”. Jesus, o Mestre, abomina(va) o pecado, mas ama(va) o pecador arrependido, e disse à mulher adúltera, “mulher, cadê os seus acusadores, os teus pecados estão perdoados, vai e não peques mais.”

Jesus sempre assumiu a postura e a necessidade do perdão, acerca de que devemos dar a outra face, diante daquele que nos vier a ferir, ilustrava ainda que se alguém nos tira a capa, também que se oferte a túnica. Não, mil vezes não! José estava debaixo da Lei Mosaica e teve que rever determinados conceitos, naquele instante incomum não poderia crer que um bebê nascido de uma mulher viesse ao mundo sem coabitar com um homem. Se do Espírito Santo, como poderia?! Houve um verdadeiro nó, uma confusão na cabecinha daquele homem. Sabia ele que poderia vir de Deus, mas como?! Homem de virtude, criado dentro da tradição e costumes judaizantes, temente a Deus, não poderia conceber tal ideia, houve um conflito, uma luta interior. Julgar sua futura esposa adúltera era inconcebível, titubeou, deu um nó em seus pensamentos. E, com quem poderia externar isso, ao se afastar, triste, calou-se! Mas ficou em segredo, sofreu, indignou-se, mas não foi agressivo, sequer indelicado, questionou, é claro, indagou à sua futura esposa acerca de tais mistérios, que lhe respondeu que um anjo trouxera as boas-vindas do nascimento do Cordeiro de Deus, que tiraria o pecado do mundo. Foi para sua casa, meditar, em seu leito, angustiado, cheio de dúvidas, como pode um anjo enviado do Senhor?! Até que adormeceu... eis que um anjo do Senhor, o mesmo que esteve com a Virgem Maria (o Arcanjo Gabriel), o visitara em sonhos, e o revelou tanto o mistério como o propósito Daquele que haveria de vir: “José, filho de

Davi, não temas receber Maria, tua mulher, porque o que nela foi gerado é do Espírito Santo. Ela dará à luz um filho e lhe porás o nome de Jesus porque ele salvará o seu povo dos pecados deles” (Mateus 1:20-21).

Assim, o fim da incerteza, homem, imagem e semelhança de Deus, ou do contrário, um Deus que se desfez da própria glória para ser homem e habitar entre nós “seus iguais”. José, agora reconfortado, segue adiante, bem cumpre seu papel na história do cristianismo. Pai de um Deus-homem ou de um homem-Deus. Pai do Cristo, por adoção paterna e natural, porque Jesus era filho de mulher, sem contato com o homem, o genitor, mas Jesus era o Filho de Deus porque mesmo por haver sido concebido já existia quando nos diz: “Eu sou o Alfa e o Ômega, o Princípio e o Fim, O Primeiro e o Derradeiro” (Apocalipse 22:13). Mas a palavra tinha que se cumprir e para isso Ele veio ao mundo, para resgatar o homem do pecado, da perdição, para que a morte não tivesse a última palavra. Veio para o mundo que o rejeitou! Veio para ser a Salvação, Aquele que respondeu a Satanás, quando foi tentado no deserto: “ao Senhor, teu Deus, adorarás, e só a Ele darás culto” (Mateus 4:10).

Maria e José tiveram um grande papel dentro da história do cristianismo em resposta ao judaísmo, por terem sido escolhidos ou serem predestinados para uma missão divina, mas não esqueçamos que para além disso basta o que Jesus nos afirma (quer seja para os santos ou não!): “Eu sou o caminho, a verdade e a vida. Ninguém vem ao Pai senão por mim (João 14:6), pois “Jesus é o Nome que está sobre todos os nomes” (Filipenses 2:9). Para melhor entendermos, ratifica as Escrituras Sagradas: “sabendo primeiramente isto: que nenhuma profecia da Escritura é de particular interpretação” (2 Pedro 1:20).

## Atos da Questão da Morte Não Ser Razão Final

Um tema que sempre nos intriga é quando se fala sobre a morte, de que pouquíssimos escritores se habilitam a tal empresa, ou possuem habilidade para tal. Parece que falar da morte de alguma maneira nos constrange, dá-nos um sentimento de insegurança, ou de que nos aproximaremos mais dela à medida que pensamos ou falamos (e falhamos?), causando de qualquer forma uma angústia ou um desconforto dentro de nós... normalmente tentamos fugir do assunto, desviar o caminho dos pensamentos, embora o que muitas pessoas não entendem e/ou evitam compreender é que a morte de alguma maneira faz parte da vida; e mesmo sabendo que não almejamos este encontro vamos nos deparar com ela até porque desde o pacote do nascimento vem completinho o passaporte para o encontro com “essa senhora”, a morte. Mas naturalmente, e sem grandes considerações, dificilmente quem não sente dentro de si certo temor em pensar ou comentar sobre uma possibilidade tão real como real é o fato de estarmos vivos, e em algum momento da vida, ela – a morte – haverá de se tornar mais real que nosso plano de viver, do que os sonhos, esperanças, promessas e idealizações. Decerto que não há como fugir dessa realidade, embora nos pegue sempre de surpresa e, não obstante, nos melhores e/ou piores momentos de nossas vidas, não manda recado, chega e pronto! Não há tempo para se preparar as malas, avisar parentes e amigos, como se fôssemos viajar por uns tempos, ela acontece... e é sempre, a visita mais indesejada, incômoda, menos esperada! Destruidora de lares no

seu aspecto fúnebre, sombrio, a trazer a tristeza no seio da família. Embora haja controvérsias, quando também traz alívio, para os considerados doentes terminais, bem como, pessoas que chegam ao fim de suas vidas, numa idade mais avançada, onde o corpo já está no seu limite, consequentemente acometidas de doenças que degenera todo ser!

E o momento de tristeza é indescritível, entre choros e lamentações, remorsos e dores, sei que não há uma definição plausível para tentar traduzir, distinguir tais emoções e sentimentos, na verdade nada define o sentimento de perda! Projetamos nossa ideia de infinidade, potencializado no conceito que temos de felicidade, liberdade, paz, amor, caridade, esperança. Embora sejam conceitos apenas, são coisas e fatores que ganham vida e subsistência no campo da consciência, dentro do nosso ser, de acordo com o nosso estado de espírito, e mesmo assim nada tem garantia de ser absoluto, para sempre... porque tudo passa... o tempo passa... nós, passamos! E, de uma maneira espantosamente rápida! E ainda apostamos na lentidão das coisas quando há muito que vamos ficando para trás, sendo superados por uma série de eventos, contratempos, avalanches de problemas, dificuldades e desafios no dia a dia.

Sei que a morte também é um estado, estado de não-existência, mais considerando que antes de vir ao mundo, antes de nascer sequer o que éramos? Se julgamos ser alguma coisa agora, nessa roda-viva, entre solavancos, encontros e desencontros, felizes e infelizes, à proporção ou à mercê do porquê somos colocados em tal situação, ou pelos nossos ritos de passagens, interesses, rotinas, contratos, pactos, circunstâncias e eventos alheios à nossa vontade ou não? Dependendo do ponto vista, da maneira como conduzimos as coisas, mesmo considerando que não podemos prever, ou melhor, discernir. Todavia, entre o certo e o errado, normalmente estamos sempre diante de grandes e pequenas escolhas, e nossas opções acabam promovendo nem sempre a vitória a nosso favor, mas a vida é assim entre altos e baixos, erros e acertos. Considerando que tem situações que costumam ser irreversíveis, uma vez que o cristal se parte, mesmo que juntemos os pedacinhos, nunca

haverá de ser o mesmo, embora ocorram milagres... O tempo se encarrega de fazer com que nos tornemos seres melhores à medida que procuremos promover essa melhora, da mesma forma quando se intenciona o mal, em tudo que se faz e se predestina executar. Acredito que ninguém seja bom e mal o tempo inteiro, há uma série de coisas a serem conjecturadas, postas em evidência, para tal análise, no momento, vou me ater pura e simplesmente, a dizer que temos tanto a capacidade para uma coisa e outra, a graduação, a proporção, a motivação e outros fatores, é que trará uma melhor definição acerca das atitudes e manifestações humanas. Decerto que o ser humano é uma caixinha de surpresa, por exemplo, uma pessoa falar que é incapaz de matar... até uma barata! Mas por circunstâncias outras, num momento de tensão, numa luta com um assaltante, em legítima defesa pode cometer um crime, um assassinato, mesmo que não houvesse dolo.

Noutra ocasião, dirigindo na estrada, mesmo sem tanta velocidade compatível alguém atravessasse e ocorresse um atropelamento seguido de morte, mesmo considerando que o atropelado fora imprudente, o fato em si é que alguém, uma pessoa, vem a óbito, ou um animal desavisado, que atravessou a pista. Não há como fugir à realidade das coisas, são nuas e cruas, não há como enfeitar a morte, ela é imperdoável, indiferente, fria...? Como havia dito, “essa senhora” cumpre bem o seu papel, funcionária exemplar, não brinca em serviço, é certa quando vem executar a sua missão e não leva ninguém por engano, mesmo que pensemos que ocorra, pois quando ocorre livramentos são caminhos que somente Deus decide, o que a isenta de não ser eficaz. No entanto, o homem tem por hábito julgar-se senhor de si, muitas vezes coloca seu destino à prova, em suas próprias mãos, mesmo considerando o desequilíbrio, a desestabilidade emocional, momento de loucura ou plena convicção daquilo que intenciona, ao puxar o gatilho dum revólver contra alguém, ou contra si mesmo, normalmente e na maioria das vezes, em sã consciência, mas se por precipitação, se no estrito cumprimento do dever, ou legítima defesa, ficará a cargo dos tribunais, das decisões

em juízo que a posteriori dará a sentença adequada, o mérito que está sendo mencionado; é que o homem em plenas faculdades mentais, de forma alguma pela lei de Deus e dos homens, poderá dizer-se no mínimo ingênuo, isento de culpa pelos seus atos, que de alguma forma ou circunstância, agindo pensada ou impensadamente, cometeu um crime. Podendo, é claro, haver desdobramentos ocorridos nos eventos anteriores ao fato, que promoveu tal incidente e, mesmo ao longo do processo que se desencadeará absolver o réu, ou atribuir-lhe a culpa e a possível condenação.

Decerto que não há como isentar o homem da culpa e dos erros ao longo da história da humanidade, ele sempre será o anti-herói, aquele que crucifica e se crucifica, aquele que lava as mãos ante a sua própria impotência, de não poder tomar a decisão mais sábia, ou agir por omissão, quando o vento não sopra a seu favor, e ante o bem que se quer, mas nem sempre o faz, quando na verdade esse bem que se vislumbra deixa transparecer lacunas, dúvidas, pactos, contratos e conveniências em prol daquilo que melhor convier aos interesses comuns e considerados escusos, pois o homem pela sua limitação e pequenez, dificilmente transpõe “esses valores antagônicos” por achar que não haverá benefício algum, para livre e plenamente amar e ajudar “o próximo” como a si mesmo, mesmo quando se diz agindo com atitudes de boa-fé sempre estará desconfiando mais de si mesmo que dos outros acerca daquilo que cria em torno de si, pois dentre tantos exemplos e ilustrações, acerca da boa ou má-fé, podemos trazer à baila, um caso comum de alguém que pede dinheiro emprestado, é aparentemente bom quem empresta, e é bom no momento, para quem recebe, mas a cobrança dos juros haverá de ser uma coisa boa ou má?!

Há uma passagem acerca dum jovem rico, citado no Evangelho segundo Marcos 10:17, que diz: “E, pondo-se Jesus a caminho, correu um homem ao seu encontro e, ajoelhando-se, perguntou-lhe: Bom mestre, que farei para herdar a vida eterna? Respondeu-lhe Jesus: Por que me chamas bom? Ninguém é bom senão um, que é Deus. Sabes os

mandamentos: Não matarás, não adulterarás, não furtarás, não dirás falso testemunho, não defraudarás ninguém, honra teu pai e tua mãe. Então, ele respondeu: Mestre, tudo isso tenho observado desde a minha juventude. E Jesus, fitando-o, o amou e disse: só uma coisa te falta: vai, vende tudo que tens, dá-o aos pobres e terás um tesouro no céu; então, vem e segue-me. Ele, porém, contrariado com esta palavra, retirou-se triste porque era dono de muitas propriedades”. Outrossim, a pergunta fica para nós: estamos dispostos a pagar esse preço, da renúncia, do desprendimento, acumulando coisas que não passam de apropriação indébita, porque estamos aqui, pura e simplesmente de passagem, somos peregrinos em nossa própria terra, ninguém ficará para a semente, e o retorno ao pó (cinzas) é um fato, como fato e realidade é a morte, que nos arranca da vida num abrir e piscar de olhos.

E interessante na ilustração bíblica é a resposta dada ao jovem rico, vai, vende tudo que tens, dá aos pobres e terás um tesouro no céu; então, vem segue-me. Se esta questão fosse colocada para nós, no mínimo ficaríamos constrangidos, e é bem provável, que tal aquele jovem ficaríamos também tristes, por estarmos presos “às nossas coisas”, e que julgamos ter levado muito tempo para construir, somar. Provável seria, que nos retiraríamos igualmente... ou na melhor das hipóteses, venderíamos tudo, mas será que daríamos aos pobres?! Renúncia, palavra que nos custa tão caro, colocá-la em prática, vivê-la plenamente... mas à medida que o tempo vai passando, à medida que algumas vaidades vão ficando pelo caminho, é possível, que agora menos materialistas, através de perdas e danos, todavia menos acúmulo e ostentação, voluntária ou involuntariamente, e sem percebermos nos damos conta acerca de toda natureza, que algo fica no caminho, que o ciclo da vida vai se dando através de doação, que muitas vezes, nos rendemos a uma lógica contrária à nossa vontade, de que tem que se perder para ganhar mais à frente, conforme a natureza nos ensina, em sua eterna doação.

De fato, ao virmos ao mundo seguimos para esta grande renúncia da vida a cada instante, e independente da vontade humana, no

entanto, se nasce para a morte, viver é morrer a cada instante, parece um pouco paradoxal, enigmático, ou que esteja sendo radical demais, todavia estamos sujeitos a tempo, espaço e circunstância, e querendo ou não, somos seres limitados, subordinados à nossa própria finitude. Mesmo que possamos pensar diferente, nada poderá *a priori* mudar a nossa condição, e diante do exposto nascemos para tal destino; e sem que saibamos, ou tenhamos consciência do tempo de cada um de nós, é o tempo em que de alguma forma vamos deixar de existir, o que costuma ocorrer de maneira prematura. Vemos e percebemos que a cada dia há um desprendimento, como tudo, em nossa volta se desfaz e se transforma (folhas e cabelos que caem, flores que fenecem, dentes que ficam cariados, peles que se ressecam e se enrugam, células que vão morrendo). Percebemos que mudamos a cada dia e que a cada dia somos menos nós do que ontem éramos, ao me deparar com a fotografia que tirei há 10 ou 15 anos, sempre tenho uma surpresa diferente e tenho a impressão que para se perceber tais mudanças nem se precisa de tanto tempo assim porque a velhice é um fato constante, a decrepitude chega em nossas vidas, e independente dela, a morte bate à porta.

E assim constatamos que já não somos aqueles jovens, belos e vigorosos como pensávamos que fôssemos ainda, vemos que o tempo passou para a gente, como tudo passa, tudo muda, sim, ficamos velhos... Longe de achar que velhice seja sinal de doença, sinal de que estamos acelerando a chegada da morte física, bom é que saibamos como envelhecer, sem tantos grilos, sem tantos traumas e crises existenciais, solitários velhinhos num asilo, esperando aquela “senhora” visitar a qualquer hora, a qualquer instante. Errôneo admitir a ideia de velhice como prenúncio da morte, acredito que seja um conceito, no mínimo distante de uma visão bem apreciada, quer seja psicológica ou ontologicamente falando, pois não é o relógio do tempo que determina a falência da vida, e o fato de uma coisa durar ou não, tem na sua própria diversidade várias interpretações do que podemos considerar a permanência ou impermanência de algo, objeto, ser, pessoa. Por exemplo, um fruto

de uma árvore que cresceu, amadureceu, e foi colhido ou caiu maduro do galho da árvore, quer tenha sido colhido, ou não! Não deixou de ser fruto, mesmo quando o colhemos e o saboreamos, o cair do pé e apodrecer, fruto é...?! Embora na forma que antes havia deixou de ser fisicamente perceptível, em cuja aparência poderíamos conceituá-lo como tal, mas ao cair no chão, sua semente dará vida e forma ao mesmo fruto (seguindo o processo natural) e ao ser degustado veio a ser vida em nós, ou seja, nos alimenta, alimenta nossas células, nosso organismo.

E o que diríamos de uma rosa?! Diríamos que a rosa é plena dentro da sua própria existência e a longa ou curta duração de sua vida é o tempo preciso que ela subsiste para sua notável existência, se surgiu hoje, para ser arrebatada amanhã, por uma tempestade, ou alguém que a arranque do roseiral, e em virtude disto, vem a padecer... não deixou de ser mais ou menos rosa, nem por isso, deixou de ganhar existência, dizer que vida não teve nem foi. Da mesma forma uma barata que passou perto de nossos pés, e achamos no direito de tirar sua existência, sua vida, que pode garantir que a vida dela é mais ou menos importante que a nossa, em que escala de valores estamos, por sermos melhores ou piores que qualquer outro ser que exista! Talvez... Descartes poderia me dar essa resposta em sua tese: “Penso, logo, existo”. A pergunta ontológica é: a existência precede a essência, ou a essência a existência, se considerarmos os seres humanos, que a partir da sua genealogia, sua criação e/ou surgimento, onde nos encaixaríamos, responderíamos, salvo melhor juízo, na existência? Certamente... certamente penso, à medida que passo a existir, logo, existo, logo penso!

Certamente podemos avaliar os animais pelo instinto que possuem, ante a ação e reação, de um iminente perigo quando estão com fome e diversos outros fatores que os estimulem, até mesmo quando são treinados para tal. De qualquer forma, acredito, que diferentemente de nós, ou melhor presumo, do mesmo jeito que fazemos programas para os computadores e/ou robôs que nos auxiliam; os animais foram programados de acordo com as suas espécies e a grande questão disso

tudo, perante o paradigma da nossa existência, até que ponto, nós também, como tudo que fazemos de igual forma, também não somos programados, por mais que esta ideia venha a nos incomodar, em tese, não seria surpresa nenhuma, o que digo! Por circuitos mais avançados do que aqueles que colocamos nas máquinas, em nosso caso compostos de artérias, veias, filamentos e vísceras. Tudo bem, que considerem tudo isso, um grande absurdo, e que Deus me perdoe se estou cometendo alguma heresia, entretanto, vamos usar o desdobramento do pensar filosófico, e considerar tudo o que o homem tem feito, tudo que tem criado, um simples carro que seja, vamos olhar por dentro dele e ver como tudo se assemelha a forma de como, um corpo humano funciona, e não muito diferente, levar periodicamente o veículo para revisão e conserto na oficina mecânica ou na autorizada específica, onde o mecânico vai diagnosticar e intervir no afã de cuidar dele como se fosse um médico. De fato, também precisamos ir sempre ao médico, fazer um *check-up* vez e outra.

Pois é, deste modo, que falo, e não há novidade nenhuma de tais comparações, tudo é muito óbvio, não caímos de paraquedas aqui no planeta Terra, fomos formados, há elementos da natureza que constitui o nosso corpo, nossa modelagem humana, tem inúmeras comprovações, de que fomos criados ou gerados de acordo com o que retrata no livro de Gênesis cap. 2 v. 7, cujo entendimento poderia até melhor esclarecer, deixar para os próprios cientistas e especialistas de plantão, encontrar fundamento para tal, sem tantos questionamentos para objetivar respostas precisas acerca da natureza humana, que é e sempre será um enigma, que nem em pensamento poderia ter surgido de uma explosão, nem *a posteriori*, ter ancestral antropóide. Fato este que a própria ciência moderna e/ou pós-moderna tem comprovado através de projetos genomas, Física Quântica e outros mais, sem que me coloque aqui como o dono da razão, e sendo partidário fiel da essência do criacionismo. Não me importo que vocês busquem respostas no evolucionismo, de que segundo Charles Darwin nos propôs que andávamos,

encurvados, com funda e tacape, que “belos macaquinhos” éramos nós! Provável que Deus, dentro desta concepção fosse um enorme símio, já que fomos criados por Ele, ou terá sido uma explosão “Big Bang”, eis o homem, que tem mais deixado de evoluir, do que ter uma perfeita evolução sob esta ótica, e a natureza réproba vira e mexe nos acusa, ou nos promove de sermos de fato evoluídos, pelo menos no campo da ética, civilidade e da moral, não vemos tanto avanço, como se pode exigir de ser o que somos e nos enquadrar como seres “tão perfeitos”?

Decerto que a falha no sistema começou lá atrás, um vírus (anticristo) entrou no sistema e desconfigurou a programação do Universo, que deveras teve que se buscar um antivírus (Cristo). Não me importo que achem isto ou aquilo, dando o direito é claro de prejudicar que tudo, que até aqui fora exposto, não passe de arroubos de alguém que pensa ser candidato a filósofo – grato pelo candidato – presume que sempre serei candidato sim! Em prol de buscar o fundamento das coisas, da existência, das coisas que salvo melhor juízo, podemos desvendar, buscando respostas, para no mínimo crescer como pessoa e poder passar conhecimento e entendimento melhor da vida na sua totalidade. Se buscarmos ser felizes e bem-resolvidos, não deixando nos levar pelas angústias, solidões, depressões e desesperos, com certeza estaremos bem conosco (com a própria consciência). Embora, caríssimos ouvintes, dirão: “Por que e pra quê tentar provar tanta coisa?” Que vivamos apenas... viver o momento (*carpe diem*). Concordo que, quer vivamos bem ou não, da forma que tanto almejamos, somos e sempre haveremos de ser criaturas racionais e espirituais, quer queiramos ou não, nenhum ser humano haverá de passar sua existência, como passam os bois, ruminando simplesmente, como se todos os dias fossem iguais, como se nos bastasse o tédio, o ostracismo e o provável aniquilamento, somos seres moldados pela esperança e pela fé, e isso é negociável no âmbito da existência humana.

E a resposta acerca da colocação que expus anteriormente, se Deus existe, a precedência, entre uma coisa e outra, nos confunde, presumo que a essência de Deus é tão comum quanto a Sua própria existência

(ao menos a um homem, Moisés, depois de Adão, Ele se revelou, e o orientou: “diga a seu povo que EU SOU, te enviou”). Pois nem eu, ou nenhum de nós teríamos de nos pronunciar assim, porque jamais nós podemos dizer, ter existência desta forma, sem que sejamos sequer imortais, eternos. E, somente um ser que se autoneomeia, auto define pode afirmar acerca da sua própria natureza auto existente, portanto somente Deus tem tal atributo e magnitude. Espera aí...? Dirão! Mas eu, ou qualquer outro poderia dizer tal coisa, concordo que desta forma não... eu sou, eu penso, logo, eu existo! De fato eu existo, somente enquanto existo. Existo?! E, não valem mais do que uma rosa, e uma pena de ganso que baila levemente até atingir ao chão. Certamente, o chão é nosso lugar, o pó, a terra, o repouso da sepultura? Sei... uma certeza podemos ter, do pó viemos e a ele retornaremos, independente de nossa vontade mesquinha e visão tão curta, como o conhecimento que temos acerca de nós mesmos, nossas próprias limitações. Então não podemos traçar nenhum paralelo, conjecturar algo que não compreendemos, decerto esbarraremos mais uma vez em nossa pequenez humana, por tal questão que se arrasta ao longo da história da humanidade, em que grandes pensadores discursaram, teorizaram, conjecturaram.

Muitos continuam se digladiando com infinitas questões metafísicas e teológicas. Sim, acredito que tal o sono quando sonhamos, faz-nos crer que aqueles sonhos são reais, e será que ainda não estamos sonhando? De acordo com o que foi exposto, a sequência da existência, poderíamos enquadrar da seguinte maneira, quebrando alguns paradigmas e preconceitos, nascemos e vivemos, onde nascer, crescer, desenvolver, amadurecer e envelhecer, e outra qualquer consideração, seja pura e simplesmente convenção para validarmos a experiência do ser orgânico, portanto, vivo! Muito embora... se ficarmos traçando paralelos de que a velhice é algo ruim, sinônimo de doença e morte, já estaríamos condenados à morte, desde o nosso próprio nascituro, pois ao longo de nossa vida (existência) somos acometidos de vários infortúnios, presságios e adversidades, que nos sujeita a sofrer padecimentos, por várias

circunstâncias e fatores, alheios à nossa própria vontade e um desses fatores é a doença, quer seja por falta de precaução ou não...

Somos acometidos por humores e mau humores, auto e baixa estima, conceitos e preconceitos, ilusões e decepções, amores e desamores, alegrias e tristezas e, entre a paz e a guerra em meio a essa avalanche que muitas vezes estamos predestinados a passar de uma maneira ou de outra, estamos sempre à prova, nas quais nos colocamos, ou somos compelidos, momento em que temos que nos superar para vencer os desafios da vida! Sei que no relógio do tempo, o tempo que vivemos, limitados a considerar as coisas entre o que nos conforta ou não, traz segurança ou insegurança, pode-se viver e morrer jovem, sendo jovem, feliz e saudável, ou doente, como pode-se viver igualmente velho, feliz e saudável, ou doente, não há relação de grau entre uma coisa e outra, a diferença é que em relação de um para o outro caso, as marcas, registros e acidentes do tempo é que dá a devida medida. Nem sempre é a nossa vontade! Há jovens que vivem a toda velocidade, quer seja por entusiasmo, precipitação e excessos, se autodestroem e há pessoas idosas que vivem uma velhice tranquila, bem-aventurada! Não existe uma regra porque a vida não é uma ciência exata, nela há percalços, declives, nuances e riscos, aventura e desventura, por infortúnios, saldo positivo ou negativo. Se o viver é sempre esperar menos do que podemos receber, diante de tudo aquilo que nem sempre vem por respostas julgadas positivas, viver é um ato de surpresa, expectativa de relacionamentos felizes e infelizes, mas estar diante da maior expectativa da aproximação da morte é o que mais nos assusta, e passamos e vivenciamos o sentimento de perda, quer seja quando estamos num velório, ou temos tempo de fazer uma reflexão num leito de hospital, acerca da possibilidade de que podemos deixar de existir ao ser submetido a uma cirurgia de risco, ou mesmo por um acidente, incidente ou fatalidade no curso da nossa vida.

Sabemos sim! Que temos um compromisso com a vida, em nos mantermos saudáveis e felizes, na medida do possível, não esquecendo

que carecemos da graça de Deus, Senhor da vida e da morte. E somente Ele poderá nos garantir, se alcançaremos uma outra existência sem tantas dores e temores, mas cabe a nós... procurarmos viver bem, procurar a cada dia buscar sentido inestimável na vida e pela vida, independente da morte e das suas razões. Se tivermos esta consciência, desfrutaremos a vida eterna, que começa aqui e agora numa salutar relação e comunhão com o Senhor dos senhores, que nos garante isso pela Sua própria palavra e, relatou que já está tudo consumado desde a fundação do mundo: Jesus, o Cristo!

## Atos da Celebração da Vida

O ato de nascer é a própria celebração da vida, a concepção e a gestação, desde que nascemos já podemos nos dizer vitoriosos, feito aquele que chega em primeiro lugar, o pódio, considerando que somente um espermatozoide atinge o óvulo, num momento fértil e oportuno, para ser fecundado, em meio a tantos outros, tantos obstáculos e desafios, na corrida da vida. De maneira tal, que nesse processo se dá o nosso nascimento, portanto a existência do ser humano. Assim, ocorre o milagre e a celebração da vida, motivo de festa, pelo qual a vida vem a ser o bem maior, e causa, porque não temos o direito de sequer pensar tirá-la de alguém, mesmo doutro ser, ou nossa própria vida, até porque não nascemos porque queremos, não é segundo a nossa vontade. Digo, não temos direito de tirar a vida, mesmo a nossa própria, até porque não somos nós que damos a vida, por mais que seja promovida por nós, por consentimento mútuo, pela vontade de dois seres que num dado momento se relacionaram, se amaram e cooperaram para a existência de outro ser – eis aí o propósito da natureza, na procriação e preservação da espécie, não obstante com a permissão do Criador que oportunizou a vinda, e a realização dum ser vivo, pela própria essência e existência do que é.

Há pessoas, que num dado momento são bem enfáticas ao dizer que não pediram para nascer, num momento de rebeldia, desabafo, ira e insatisfação no afã de culpar os próprios pais. Devemos nós, pais, sermos tolerantes com filhos que agem e adotam tal comportamento,

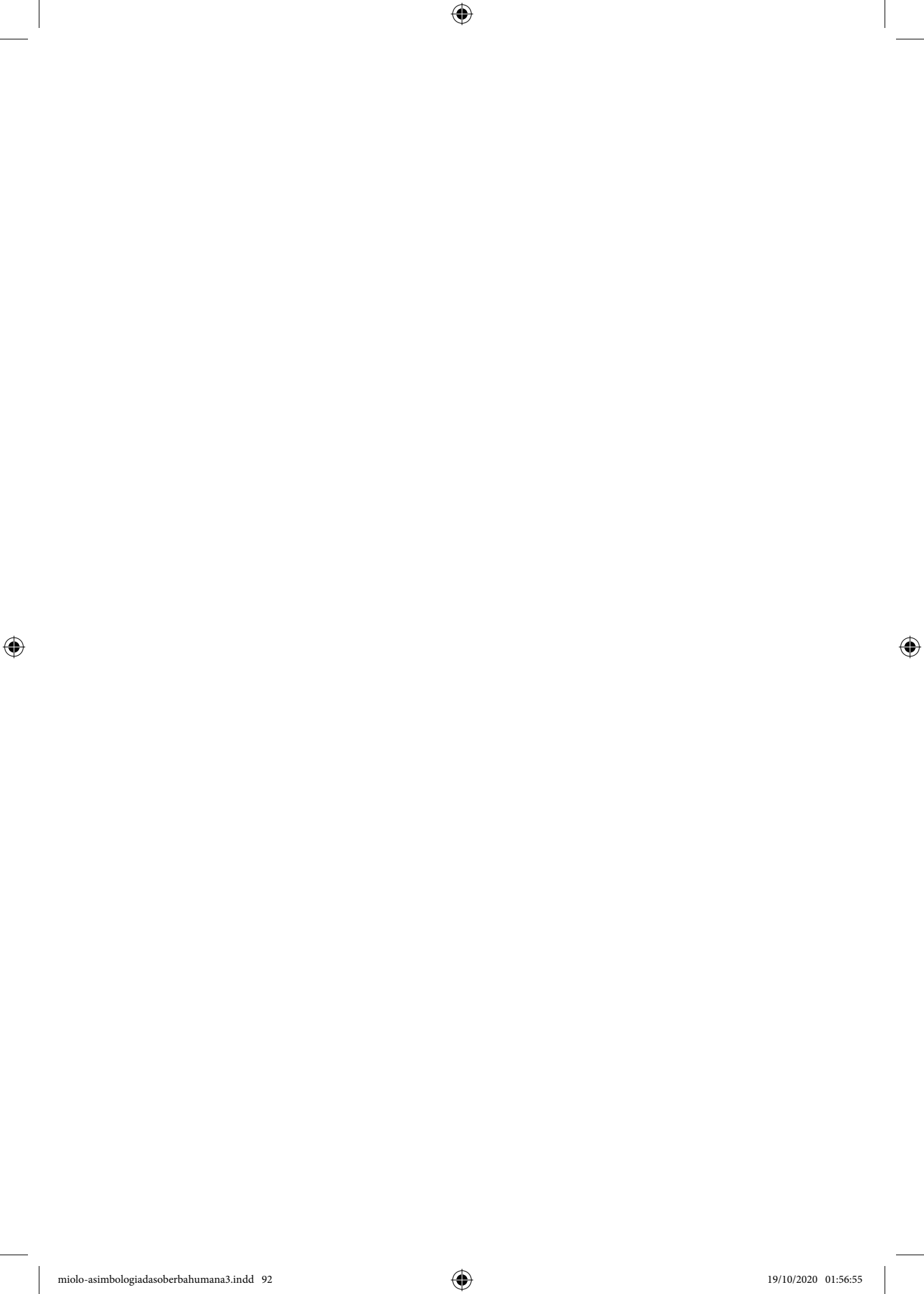
perdoá-los por que eles não sabem o que falam? E ao deixarmos que o tempo se encarregue de trazer-lhes melhor juízo, verão que nascer é o grande espetáculo da vida, quando a mãe dá à luz a uma criança não há poesia que melhor traduza esse momento, não há sinfonia, obra de arte que defina o nascituro. A existência humana é um dom de Deus que nos proporciona e nos vocaciona ser e ter plena primazia no cenário da Criação, que deu ao primeiro casal que formara no Jardim do Éden, com amor e carinho, insuflando o Seu próprio fôlego, o fôlego da vida. E vemos quando nasce uma criança e o médico dá as primeiras palmadinhas no bumbum, o bebezinho dá o seu primeiro choro, seu fôlego expandindo pelo ambiente, com força e vontade de quem despertou para o milagre da vida, interagindo com a mãe, a natureza, o cosmo.

A existência do homem proporciona-lhe desfrutar de todo projeto da Criação e o papel que ele ocupa é de suma importância, numa escala de valores que nem ele imagina, entre receios, motivos e razões existenciais, a missão dentro deste contexto, cenário e complexo universo de coisas que vivencia e vivenciará, transformando e sendo transformado. Todavia, temos cada um uma missão a cumprir; missão que nos possibilita um encontro conosco mesmo, que faz (e demonstra que podemos) nos autoconhecer, principalmente acerca da nossa existência, da criação das coisas e dos seres, e não há nada que seja tão deslumbrante! Ainda mais quando descobrimos que a missão de cada ser humano desemboca numa palavrinha chave, chamada amor \_ amar e ser amado \_, se possível de uma maneira incondicional. Amor? A pergunta mais enigmática da vida não seria acerca da questão da hora fatídica da morte, mas como e quem inventou o amor.

Amor que não é inércia, inventário de palavras, mas é dinâmico, que proporciona à vida, um combustível sempre novo, dando força, saúde e inovação. Amor que não somente nos possibilita existir, mas permanecer... pois em algum momento por muito amar, normalmente por consentimento de ambas as partes, houve uma união, momento em que a libido aguça no ato amoroso, da relação sexual, que nos une e

completa nosso ser quando duas almas se encontram (sendo “dois **uma só carne**; e assim já não serão dois, mas **uma só carne**. Marcos 10,9), no momento precípua na intimidade do casal, e dos que se acasalam, como se tudo promovesse para o acontecimento daquele instante, mesmo sabendo que o amor é muito mais amplo e a sua plenitude é o amor ágape, o amor supremo, amor de Deus.

Enfim, nos relacionamos e a proporção do afeto, das emoções e sentidos varia de grau em grau, de momento a momento, onde cada um traça seu ritmo no próprio ritmo de viver e ser feliz, de amar e fazer amor. Sabemos que há casos que não se vê poesia nenhuma, diante de uma súbita violência, um estupro, que tem a probabilidade de um nascimento de uma criança, diria então... indesejado o nascimento desse ser, não o fato da criança ser indesejada. Mas infelizmente inúmeros casos e aberrações, quer seja por decisão judicial, pelo meio legal ou de maneira clandestina, quando se realiza o aborto, pelos mais diversos motivos que são alegados, considerando de qualquer forma um crime contra a vida, de um pequeno ser que está sendo gerado. São situações vigentes, lamentáveis, mas reais! No entanto, não nos dá direito de ceifar uma vida, mesmo em tais circunstâncias, no mínimo constrangedoras, reconhecendo sempre que a vida deve ser preservada, celebrada, conforme mencionei anteriormente, que a vida é um dom de Deus.



## Atos da Herança de Si Mesmo

“E disse Deus: façamos o homem à nossa imagem conforme a nossa semelhança”. (Gen 1:26)

O pensador francês, **Renê Descartes**, declarou a seguinte premissa: “Penso, logo, existo”. Logo, poderemos concluir, existe porque se pensa, ou se pensa porque existe? Embora saibamos que os animais e as coisas existam, e não pensam pelo que são constituídos, nem raciocinam, embora os animais distinguem por instinto, entre uma coisa e outra, discernem entre o doce e o azedo? Como reagem ante o perigo, o medo? E este instinto de preservação da vida, de onde vem?! Eis a questão. Da mesma maneira que se pergunta despretensiosamente quanto as crianças brincam de testar umas às outras: quem veio primeiro, o ovo ou a galinha? Conjetura-se que aí esteja a diferença entre nós e os animais, os animais existem, e ninguém nos tem provado que possam pensar? Embora ajam e reajam ante situações, as mais diversas ante o perigo, o medo, na caça e na fuga, quando brigam ou brincam. E como discernem uma coisa de outra?! Por instinto, diríamos, ser ponto pacífico. Mas mesmo como definem, como escolhem e concluem, buscam aplicabilidade e acerto, pressentem o perigo e pressentem quando vai chover ou não, melhor que a meteorologia?! Como nem sempre atacam quando não estão com fome, diferentemente do homem que é tão racional e social.

Alguns povos que conceituamos como civilizados (partindo do princípio que todo homem é civilizado?), após vencer seus opositores, adversários, colocavam suas cabeças suspensas em lanças, exibindo-as

como troféus de conquista ou estuprando as mulheres de seus adversários, matando seus filhos e as próprias mulheres violentadas. Outros que comiam as vísceras e os miolos imaginando que ao comer ganhavam a força dos seus adversários. E entre os apelos das barbáries, da depravação, das inquisições, dos holocaustos e do canibalismo, assim vem caminhando a humanidade. Todavia, quantas mulheres, meninos e meninas não foram terrivelmente violentados, estuprados e mortos, nas inumeráveis guerras, vítimas indefesas do latrocínio, quantas crianças não foram vítimas de verdadeiros carrascos, que passaram incólumes pelos juízos dos homens (não de Deus), a exemplo da perseguição e matança que Herodes Antipas promoveu para exterminar os anjinhos abaixo de dois anos, pela suspeita da vinda do Messias. Mas diante da grandiosidade da história e revelação de que este homem, Jesus, potencialmente trouxera em si mesmo todas as condições, propriedades e peculiaridade de que era o esperado Messias, o Salvador, há muito esperado pelo povo israelita que não o aceitou como tal. Embora, ele tivesse condições de discernir, proferiu: “nenhum profeta é reconhecido em sua própria terra”. Como sabemos nós que nenhum gênio é reconhecido em sua própria terra. Pois quantos não consideraram Nostradamus um louco, apesar de apontar muitos acertos pelas previsões ou tremenda coincidência?! E mesmo que colocássemos em xeque vir de fonte segura, ou não.

Felizes somos nós que podemos contar no 3º milênio essas e outras histórias que foram vivenciadas e vivenciamos ainda. Nostradamus falhou, Cristo veio cumprir tudo aquilo que estava escrito nas Escrituras Sagradas. Embora até hoje vivamos sofrendo de angústia e crise existencial, e o homem acredite apenas ser aquilo que existe quando se pode comprovar e, portanto tendo sentido empírico diante daquilo que vemos e constatamos, para que possa admitir que a natureza das coisas, são como são! Ou o que se objetiva para além delas?! Eis o vento que existe, não o vemos, mas o sentimos e percebemos, e é em função da nossa existência que existe para que possamos sentir e percebê-lo em

nossas vidas, em prol do ar que respiramos! Assim como Jesus se dirigiu a Tomé, um dos doze, chamado Dídimo, que na primeira aparição, não estava com eles quando veio Jesus. Disseram-lhe, então, os outros discípulos: “vimos o Senhor”. Mas ele respondeu: “Se eu não ver nas suas mãos o sinal dos cravos, e ali não puser o dedo, e não puser a mão do seu lado, de modo algum acreditarei”.

Passados oito dias, estava outra vez ali reunido os seus discípulos e Tomé com eles. Estando as portas trancadas veio Jesus, pôs-se no meio e disse-lhes: “Paz seja convosco!” E logo disse a Tomé: “Põe aqui o dedo e vê as minhas mãos; chega também a mão e põe-na do meu lado; não sejas incrédulo, mas crente”. Respondeu-lhe Tomé: “Senhor meu e Deus meu!”. Disse-lhe Jesus: “Por que me viste, creste? Bem-aventurados os que não viram e creram” (João 20:24-29). Segue-se a história da humanidade, mesmo que os judeus tenham ou não aceitado, seu mártir e redentor, independente de tal circunstância, Jesus tornou-se divisor de águas, um marco diferencial da humanidade, dividindo a história antes e depois Dele, não sendo por acaso que o nome Dele é sobre todo nome, mesmo que não se queira colocar em questão, o fato dele ser divino. Todavia, admitir apenas Jesus de Nazaré, simplesmente pobre carpinteiro?! Ou seja, no mínimo considerar que nenhum carpinteiro até hoje tornou-se grande vulto, causando tanto impacto na história da humanidade, no mínimo, é surpreendente, sem que seja preconceituosa a ilustração, o fato de que um carpinteiro, não tenha uma profissão, que mereça honra e que não possa mudar a história de sua vida, buscando almejar outros patamares, ou sendo próspero naquilo que desempenha. Tais argumentos me leva a contemplar que somos aquilo que pensamos, quando necessariamente não somos, cuja tautologia atribuo na maneira pela qual não menos diferente, somos inventores pela linguagem das coisas que atribuímos e abstraímos, uma coisa de outra, aplicando um discurso falso quando se alude ao que pensamos e dizemos, nem sempre na mesma proporção, fidedignidade, através do que se intui, cremos, imaginamos e deduzimos.

Decerto há um grande abismo entre pensar, agir, crer, sonhar e concretizar, trafegamos mesmo sem perceber, tal a ilustração de cegos, que tocando em cada parte de um elefante, que nunca tiveram a oportunidade de tocar, cada um dá uma interpretação diferente na parte que toca, e não define que estão diante de um mamífero, neste caso, o elefante. Em contrapartida diria que dos animais pouco distinguimos, considerando nossos instintos menos aguçados que os deles, mas o que a natureza supre de um lado compensa de outro. No entanto, a nossa natureza se diferencia pela capacidade do pensamento, do intelecto, daí por diante distinguir-se-á pelo livre-arbítrio, a vontade. Se vemos tantas atrocidades ao longo da história, e nas sociedades contemporâneas, barbáries, holocaustos, crimes hediondos e atentados. E, voltando a falar de uma lógica da criação, onde os insetos são tão bem organizados em suas sociedades, as formigas que procuram abastecer a despensa, procurando guardar, reservar e conservar os alimentos, pressentindo a chegada do inverno, bem como as abelhas que cuidam das suas rainhas. E como as abelhas se ausentam e buscam néctar nas flores, e depois voltam para o ponto base, para a colmeia, sem que se percam. Por que nos atacam em grupo (sendo bem raro isoladamente), se as provocamos? Ocorre quando no instinto de autodefesa, proteção, uma abelha nos aferroar dificilmente é gratuito. Estas, e muitas outras perguntas e questões fazemos a nós mesmos, colocamos para que sejam dirimidas as dúvidas, outras perguntas poderiam ser feitas, as respostas poderiam ou não satisfazer. Lógico dizer, que por instinto, mas por instinto fazemos guerras e, pelo que eu sei na história da humanidade, guerra nenhuma foi por instinto de preservação, tão comum aos animais, muito pelo contrário, de conquista, expansão de terras e povos, por vaidades e diferenças de etnias.

Diríamos que o raciocínio nos diferencia dos seres julgados irracionais, cuja irracionalidade vezes trafega pela nossa natureza. Salvo por verossimilhança, não com a dos animais, pelo que nos entrelaça a fisiologia, provável que os animais dotados apenas de alma não tenham

a natureza trina que coube ao homem ser corpo, alma e espírito, cujo espírito faz dele ser tão mítico e místico, sujeito aos ritos de passagem que o direciona por toda vida. A exemplo na mitologia grega, da pergunta que a Esfinge fizera ao rei Édipo, que caso não decifrasse o enigma, ela o devoraria, deste modo, precipitar-se-ia no penhasco, e assim o fez. Eis o enigma: Qual o animal que durante o dia anda de quatro pernas, à tarde com duas, à noite com três? Édipo, com segurança respondeu: “É o homem, que quando criança engatinha, e adulto anda sobre as duas pernas, e na velhice, usa a bengala. Sim, o homem, aquele personagem que na própria natureza se redimensiona entre o sonho e a realidade, entre o natural e o sobrenatural, que em detrimento de si próprio cria e inventa deuses, à sua própria imagem. Neste aspecto, diria que há algo de antropocêntrico que o impulsiona a ser, ou almejar ser, mais do que pensa ou imagina no Universo. Interessante ilustrar, num filme americano, que assisti outrora, intitulado *Advogado do Diabo*, em que contracenava nada mais nada menos que o grande ator Al Pacino, protagonizando o diabo, numa das falas que ficou registrado em minha memória é que “todo homem é candidato a imperador”. Diria que foi muito bem abordado, quando na ocasião o filme foi coroado de êxito, por público e crítica.

Todavia, ao falar do homem, não podemos deixar de dar ênfase de que a própria Bíblia, no livro de Gênesis, o coloca num patamar de primeira grandeza, ao tratá-lo como imagem e semelhança de Deus, e a segunda demonstra que ele é considerado a coroa da Criação. Já o fato de faraós, imperadores e reis se intitularem deuses são exacerbações, vaidades refletidas na carência humana de suprir um vazio dentro de cada um de nós, pois todos nós sabemos que a religião tem o sentido de ligar ou religar o homem ao Criador, o Deus, Aquele que o perdoa, que o reconhece pelas suas limitações, que melhor discerne a ignorância humana, dessa criatura – o homem – que não vem sendo muito bom síndico do mundo e da natureza, e que pelo contrário, percebe-se que tudo destrói. Interessante quando Cristo, ao ser crucificado, exclama,

“Pai, perdoa-lhes, porque não sabem o que fazem”. Se formos buscar o fundamento, o sentido dessa expressão, com a tônica daquele momento, haveremos de fazer uma apologia desde os tempos remotos do Pecado Original, que mencionarei a posteriori. Pudessem crer serem os homens piores ou melhores que os animais?! Pudessem crer serem melhores no início dos tempos, quando ainda dissera Deus ao homem: “... e domine sobre os peixes do mar, e sobre as aves dos céus, e sobre o gado, e sobre toda terra, e sobre todo réptil que se move sobre a terra” (Gen. 1:26). Acreditamos assim que ao homem foi dada ampla soberania, iniciando bem a sua estadia aqui na terra, num bom conceito com o Deus. Por conseguinte, tornara-se algoz de si mesmo, ora negando a semelhança com o Criador, ora deixando de amar ao próximo como a si mesmo; homens que crucificaram a Jesus (o Cristo) e libertaram a Barrabás (o desordeiro). Arrisco-me em tal empresa, sujeito a críticas e refutações, embora seja validado nos axiomas das Sagradas Escrituras que Deus fizera as coisas loucas para confundir as sábias, e não muito diferente Jesus proferiu: “deixai vir a mim as criancinhas, que delas é o reino dos céus; e, qualquer que se tornar como uma delas herdará o reino também”.

Apesar de sabermos quão difícil é tal tarefa, devemos ao menos tentar no tempo em que vivemos, buscar essa inocência perdida. Em contrapartida há uma citação do pensador Karl Kraus, que muito bem traduz o espelho da nossa (i) maturidade, quando deixamos de lado a criança que existe em nós, ou seja, fica esquecida lá na infância e que em função disso me fizera rever alguns conceitos: “A vida levada a sério é o brinquedo dos adultos”. Outrossim, outorgaram a Jesus ser revolucionário e vanguardista, rei dos judeus. Como propôs Pilatos, mas Ele, nada dissera ser, para além da identidade que tinha e lhe predestinara “o meu mundo não pertence a este mundo”, ou ainda “eu e o Pai somos um só”. Ele viera para mostrar à humanidade a fórmula certa para amar, mesmo sem ser amado, de dar a outra face no sentido de que devemos perdoar uns aos outros, característica essencial que não

encontramos em homens, sem nenhum “quê” de divino, mas foram e são autônomo santos. Embora Jesus tentasse fazer com que os outros homens, seus semelhantes, refletissem acerca da sua própria natureza pecaminosa, e buscasse a mudança para dar um sentido real às suas vidas, que sempre viveram entre a hipocrisia e a degradação humana. E ele que era mestre na arte do convencimento dizia: “não só de pão viverá o homem, mas de toda palavra que sai da boca de Deus”. Bem como, antes de Jesus – o Messias – havia mestres e profetas que de alguma maneira procuraram demonstrar que o homem para atingir uma trajetória ascendente, quer seja pelo desprendimento ou renúncia, buscar estar mais perto de Deus.

Isto pressupõe duas coisas: uma, que está na Bíblia: “Deus é espírito, e importa que os que o adoram, o adorem em espírito e em verdade” (João 4:24). Outra, disse Fernando Pessoa, o poeta português, no livro *O Guardador de Rebanhos*: “o Universo não é uma ideia minha, mas a ideia que eu tenho do Universo é que é uma ideia minha”. Pois o que nos difere do discípulo desconfiado, dos filósofos cínicos, dos homens da razão, que querem ver para crer, alicerçados na crença da comprovação, da experiência laboratorial, sim! Os Tomés ainda querem um deus de promessas políticas, pautadas na dissimulação e no engano, ainda que sabendo do “porque sem fé é impossível agradar a Deus”. Mas fé genuína, aquela que Abraão teve ao levar seu filho Isaac, em sacrifício a Deus, sem questionar, nem resistir à ordem que lhe fora imposta. Mesmo que inseguro, com dúvidas e receios, mas em nenhum momento deixou de acreditar que a promessa na sua vida não deixaria de ser cumprida, como Deus, lhe houvera provado antes, e não muito diferente lá, ante a pedra do sacrifício, no Holocausto, antes de proferir o cutelo contra o peito do seu filho, foi impedido pelo anjo do Senhor, que lhe aprovou um cordeirinho que balia preso entre os galhos, onde mais uma vez o homem, considerado o pai da fé, alcançou mais uma vitória, e se tornou uma referência perante Deus, seu povo e toda humanidade. Eis aí muitas considerações a serem feitas e analisadas, não obstante, há

pressupostos e preconceitos para admitir que o livro (Bíblia) dos livros não é fonte segura para se articular o pensamento filosófico?! E, em prol de uma grande mudança, renovação espiritual, deveria ser menos egoísta, vaidoso e possessivo, a exemplo do filósofo Diógenes Laércio, que fizera a sua crítica, à sociedade (pólis), vivendo e andando nu, dentro de um barril, João Batista, que vivia à base de mel e gafanhotos, provável que atualmente entrariam no livro dos recordes.

Bem como Sócrates, que soube utilizar muito bem da ironia e provocação para expor àqueles que se julgavam sábios, quando pensavam saber tudo e nem mesmo se conheciam o suficiente. Ele admitindo sua ignorância, numa ocasião disse: “De tudo que sei nada sei”. Sim, este filósofo quando se dirigia em direção ao templo de Delfos ficou cismado com a inscrição “conheça-te a ti mesmo”. Lá dentro foi-lhe revelado que era o homem mais sábio do seu tempo e em contrapartida para comprovar saiu a testar e ensinar aos jovens e anciãos, demonstrando que pensamos saber tudo que não sabemos, ou seja, a vida é uma fonte inesgotável de conhecimento. E, por mais que saibamos, muito ainda temos a aprender com ela. Tais os questionamentos que fazia aos seus interlocutores, formava em suas cabeças, verdadeiros enigmas, que os angustiavam a tal ponto como se estivesse dentro de um labirinto, um quebra-cabeças, areia movediça, ou um mosaico de palavras, enigmas e ideias. Não obstante, tendo uma mãe que era parteira, encantado com a sua atividade de ajudar que a mulher desse à luz, por analogia desenvolveu uma outra arte chamada maiêutica, como deveras entendemos, é o saber que vem do outro, tese pela qual admitia que o conhecimento brotava de dentro da gente como o amor, a caridade e a fé, individual e intransferível. Pois aquilo que desejamos saber já sabíamos, desde que soubéssemos procurar e tentássemos montar o quebra-cabeça do mundo em que vivemos, quer daquilo que julgamos mais simples ao mais complexo, do côncavo ao convexo, do imaginável ao inimaginável, no campo do possível ao impossível.

Heráclito era outro sábio da antiguidade, que deixou registrado um forte pensamento, nos seus fragmentos “não se banha duas vezes, no mesmo rio”. Decerto que ao voltarmos o rio já não é aquele do qual nos banhamos anteriormente, nem nós os mesmos, porque sofremos as influências exteriores, pela ação do tempo e eventos, bem como as reações químicas do nosso organismo, a aceleração das células, e outros fatores intrínsecos à nossa natureza. Assim deixamos de ser o que identicamente éramos e passamos a ser o que não era, daí segue um pacote de relação entre humores, temores e fatores, pelos quais somos acometidos e nos impulsiona, independente da nossa vontade para as mudanças consideradas positivas ou não. Não vem ao caso, são mudanças, e as escalas de valores que damos a elas, varia de intensidade, grau, motivo e relação. Podemos aludir a questão do movimento e transformação a que somos sujeitos a um jogo dialético entre a vida e a morte, do bem e do mal, entre o quente e o frio etc. A vida em si mesma combina o paradoxo e a mimeses.

Diante daquilo que fora dito por Lavoisier: “na natureza nada se cria, tudo se transforma”, não muito diferente encontramos em Santo Agostinho outras respostas que percebemos que teses e pensamentos de muitos filósofos se bifurcam, se inter-relacionam, de forma e maneira tal que não há nada de novo debaixo do céu, conforme afirmara Salomão: “Porque o que sucede aos filhos dos homens sucede aos animais; o mesmo lhes sucede; como morre um, assim morre o outro, todos têm o mesmo fôlego de vida, e nenhuma vantagem tem o homem sobre os animais; porque tudo é vaidade. Todos vão para o mesmo lugar; todos procederam do pó e ao pó tornarão” (Eclesiastes 3:19-20). Embora revela as Escrituras Sagradas, que pode o corpo físico do homem está sujeito a este fim, que sujeita a todo ser, enquanto criatura (matéria), o que há de espiritual, nos eleva a uma categoria suprema com Cristo, de vencer esta mesma morte, e caráter materialista, por haver Ele (Cristo) ressuscitado ao terceiro dia, nos elevou às alturas, por sermos herdeiros de uma nova aliança e a ter sacerdócio real.

Enfim, concomitantemente, a tese de Agostinho, acerca do tempo, por deduzir que há somente passado-presente e presente-futuro, grosso modo, nos coloca a um passo da questão da eternidade, tendo o presente como “duração” articulado da mesma forma, pelo filósofo francês, Henri Bérgrson. Todavia, surge nesse cenário, Albert Einstein, com a Teoria da Relatividade, através de estudos direcionados para melhor compreender a dinâmica da velocidade da luz, do conceito de inércia correlacionados a questão do tempo-espaco-movimento.

Pensadores e inventores que contribuem para a evolução do pensamento, como Leonardo da Vinci, Galileu, Copérnico, Isaac Newton e outros. Quando o rei Salomão expôs seu pensamento, acerca de que os homens e os animais estavam sujeitos ao mesmo destino e finalidade, certamente é pela matéria, a qual fomos feitos, quer queiramos ou não! Somos seres finitos, restritos à lei da gravidade. Temos consciência que Deus, ao criar o homem, intencionou deixá-lo assim, limitado para o seu próprio bem. Mesmo reconhecendo a magnitude de suas grandes criações e inventos, que o faz desta forma, aproximar-se da relação entre a criatura e o Criador. Contudo, pode-se dizer que o homem vive em crise, porque é produto do tempo e que só pensa na morte porque a alma se separa do corpo, este foi o grande xeque-mate de Deus. E só o Nosso Criador não passa por este processo, por essas transformações que nós estamos sujeitos, simples mortais, haja vista, que Ele é Eterno e imutável, infinito e atemporal enquanto somos seres finitos, limitados, carnis, sujeitos a culpabilidade pela herança do pecado original.

Somos reflexos daquilo que plantamos e semeamos, acredito que ante a nossa condição atual, provável que Deus tinha melhores planos, mais excelentes, para colocar o homem acima das limitações que ainda o condiciona, acredito, que planos foram mudados, o curso do rio foi alterado na seara da vida, na projeção do Universo. E, com a desobediência do homem, lá no início, Jardim do Éden, a posteriori alguém teve que pagar um alto preço pela humanidade, o de ser crucificado, de maneira tal, que o Deus que se fizera homem, se tornara Deus para

libertar o homem da sua própria condição e degradação que o subordinara. Jesus Cristo, o Messias, que veio para libertar e salvar, que veio religar o homem a Deus, o papel dele, na sua missão, é tão importante na história da humanidade, que a própria história, é definida, como antes e depois de Cristo. Todavia, nós os homens somos protagonistas de considerar como Karl Marx que a “religião é ópio do povo” ou de aceitarmos que somos movidos por nossos estímulos, desejos, conflitos, sublimações, esquizofrenias, paranoias, fetiches, recalques e delírios, ficamos na luta constante entre o Apolíneo e o Dionisíaco conforme preconizava Freud e outros. Mas somos incapazes de acreditar num homem que supera a si mesmo, através da fé, da libertação dos seus traumas, angústias, depressões, ansiedades e crises existenciais. Incapazes de aceitar de que o homem adquire um novo nascimento, uma nova vida na própria vida que vive, sem que espere uma vindoura para se redimir.

Apostar na vitória, herança que Cristo, nos legou, ao dizer: “aquele que vai ao Pai, em meu nome, de maneira nenhuma o lançarei fora”. Enquanto a todo instante nos vilipendiamos, nos lançamos fora, nos agredimos, por instinto de depredação e falta de fé em nossa própria humanidade. Certamente, o Mestre, Jesus, mais uma vez reforça: “sem fé, é impossível agradar a Deus”. Como é impossível haver mudança quando não estamos predispostos a querer mudar, a rever conceitos, de aprendendo a perdoar e ao menos compreender a simbologia do que significa no seu sentido mais amplo, “dar a outra face”. Conforme mencionei, acerca do aforismo heraclítico, via de regra traduz a crise existencial do homem que vive a criar sempre novas crenças e valores, como as apostas que foram feitas na Teoria da Evolução, de Charles Darwin, que procurou nos fazer acreditar sermos atualmente homo sapiens, fruto da evolução do primeiro macaquinho, de igual modo sermos imagem e semelhança do Criador, que por ventura deve ser um grande símio, o que é no mínimo um tremendo absurdo, falácia. Até porque não vejo nenhum macaco, atualmente, transmutar-se em ser

humano, salvaguardando qualquer tipo de semelhança que possa haver, que não passa de meras conjecturas, como se anjos tivessem feições humanas, e nos comparássemos a eles, por força de expressão ou pretensão, mas dirão os especialistas, que somos outro tipo de espécie, espécie especial?!

Somos o que somos, homens, nascidos, perfeitos como somos, e Deus não faz nada pela metade, Ele não se permitiria a gastar tempo, investindo numa, ou qualquer outra espécie que ainda deveria passar por transformação ou mutação, até chegar ao seu estado original, portanto ao que é, atual. Sendo o que é, da maneira que tem que ser, sem mais delongas... e, na Bíblia conclui-se, “Deus criou o homem reto (perfeito), mas ele criou muitas invenções”. Tal a herança que nossos ilustres personagens deixaram, motivo pelo qual fizeram a diferença por uma causa, quer seja por amor a si próprio, pela pura e simples vaidade, humanidade e bem comum, capricho e altruísmo ou doação. Sim, pelo bem comum, Gandhi, foi uma referência. E sua forma de se expressar estava alicerçada nos seus conceitos religiosos, embora ele tinha uma voz mais altissonante, mesmo diante daquilo que ele professava, fez sua própria filosofia de vida e se tornou uma religião para concidadãos, no seu ato de ser, falar e agir, mesmo que procurassem enquadrá-lo dentro de uma perspectiva da religião convencional e/ou doutrina em que seu povo estava inserido, sabiam que os homens mais sábios da Índia, via de regra nunca pretenderam que seus ensinamentos fossem populares. Assim justifica o porquê deles apenas terem seus trabalhos em fragmentos e aforismos, maneira pelo qual raramente encontramos na cultura oriental e asiática, um tratado filosófico de fato, haja vista, que por manterem ponto de contanto limítrofe entre a religião e o esoterismo onde “a principal finalidade do pensamento indiano é desvendar e integrar na consciência o que as forças da vida recusaram e ocultaram”. E é através do Eu (âtman) que o mestre alcança o transcendente para além da causalidade das vicissitudes da mutabilidade física. Justificando a relação oculta que há entre o mestre e o discípulo, tal passagem da lagarta

em casulo, e depois se transforma em borboleta, cumpre algumas exigências para que saia dos limites da ignorância e imperfeição humanas para transcender o plano da existência terrena que diferentemente dos filósofos ocidentais, não buscam uma mera compreensão intelectual, mas como cristãos, místicos e/ou zen-budistas, por meio de uma mudança dentro do coração, elevação do espírito e purificação do corpo e da mente (grande exemplo é a prática do yoga, jejum e a meditação).

A **filosofia indiana** tem laços mais estreitos com a religião porque busca a experimentação através das forças regentes e da paz beatífica do âtma que encontra o Ser eterno, atemporal e imperecível. Os pontos de contato que há entre esta filosofia aproximam a dos filósofos antigos da Grécia no tocante às forças naturais e fenomênicas que exploravam com bastante familiaridade e não de maneira pagã tais os que são os devotos de ídolos. Também encontramos correlação com a própria mística da filosofia da Idade Média, onde observa-se que a preocupação fundamental dos filósofos hindus não estava centrada em leis da lógica, métodos e teorias afins, cujas disciplinas psicológicas, éticas, físicas e metafísicas se convergem. A relação demonstrada entre mestre e discípulo, na busca pela clarividência e experimentação da alma, traça um caminho esotérico (como a senda do iniciado) de provações e resignações para que se atinja o âmago da existência em busca do equilíbrio e perfeição humana. Não obstante, sabemos ser tarefa quase impossível chegar a tal estágio (ou estado), não difere muito das concepções de Sócrates e Platão, acerca das transmigrações da alma, reminiscência e de temas da busca da verdade como a “Alegoria da Caverna” em que os seres acorrentados na caverna apenas contemplavam as sombras do mundo exterior através do reflexo que emitia o brilho da luz que irradiava, de fora para dentro.

Na verdade é o reflexo da ignorância humana, do homem que vive a vida fragmentada entre compensações e desenganos como se construísse o tempo inteiro um castelo de areia onde passasse a habitar, e a onda destrói para que ele refaça: eis a ilusão! Muitas concepções de exemplo

e sabedoria são relatados nos livros sobre Ética, Direito e Política pelos filósofos estoícos, sofistas e epicureus. Os hindus apenas buscam através de uma simples literatura demonstrar ou sintetizar em fábulas, parábolas, relatos e aforismos como maneira de passar seus ensinamentos, e o que melhor ilustra essa ideia é a graciosidade da fábula pedagógica. Não obstante, semelhante a obra de grandes mestres do oriente como Confúcio, e o *Zaratustra* de Nietzsche, filósofo ocidental, que por analogia tem muito a ver os ensinamentos da poética de Habindranath Tagore (indiano). Pois a exigência à admissão de um candidato no santuário da filosofia indiana, depende das qualificações espirituais do discípulo. Tais conceitos muito distanciam a maneira pela qual o ocidente “faz filosofia”, mesmo porque somente nos últimos anos que as palavras dos sábios do hinduísmo, tiveram mais visibilidade, devido à edição de textos e traduções mais acessíveis ao grande público do ocidente. Fazer uma comparação entre a filosofia oriental e ocidental é estar diante de um impasse e não de um distanciamento entre uma e outra. Apenas devemos compreender que as experimentações de uma não cabem na metodologia da outra, levando-se em consideração o próprio choque **cultural** e de que no ocidente historicamente, sempre existiu uma grande preocupação em registrar desde os primórdios acontecimentos e fatos que culminaram no desenvolvimento do homem e da humanidade. num contexto de progresso tecnológico, enquanto o oriente buscou a necessidade de cultivar e de preservar a sua tradição cultural e religiosa.

A **doutrina vedanta** como bem se compreende foi sistematizada, apontando o caráter insubstancial e fenomênico do mundo por nós observado, e quando se traça um paralelo com a religião nos aproximamos da Teologia e do próprio culto ao cristianismo que distingue a terra e o céu (Paraíso) e a própria oposição entre o céu e o inferno, cumpre-se dizer que o vedanta, diria que as duas relações estão aqui no nosso espaço mental, e de que não há relação com um paraíso (para fora de si), mas alcançado pela elevação espiritual do iluminado, onde entra o **tantra** como manifestação da alma que se eleva ao

conhecimento pleno das coisas no mundo superior em que a dupla realidade entendida como o irreal (para além) é o próprio real aqui, ter correlação limítrofe diante da prática da meditação e da experiência que se estimula fora do corpo; assim como se o vedanta participasse da experimentação divina numa outra dimensão, sem sair dessa dimensão que vivemos, em que a consciência traz a imagem considerando que o estado de vigília trafega entre o real e o irreal. Sendo assim, o sono e consequentemente o sonho é a realidade contínua e aparente, portanto mais real para o espírito do que o mundo das coisas contingentes.

Neste tipo de filosofia há uma tendência de que o espírito científico de investigação tenha correlação mítica e teleológica, na própria vivência no estado de uma verdade que transcende nossos valores humanos, e é através dessa harmonia que tais sábios driblam a desarmonia do mundo moderno buscando fundamento de suas experimentações no yoga, entrando na supra realidade do Nirvana, como ponto alquímico e cardeal em que as inquições do espírito se desvencilha da chamada crise existencial: dentre angústias e conflitos que assolam qualquer mortal. Não que eles sejam superiores a qualquer outra pessoa, apenas sabem que a resposta de muitas questões não está fora de cada um de nós, muitas das vezes a um palmo de nosso nariz e dentro de cada um de nós, sem que precisemos fazer longas viagem para se perceber daquilo que habita a própria mente e o coração, que deixa se levar por buscas, ansiedades, ambição e vaidade, orgulho e ignorância, prepotência, rigidez e autoritarismo e riqueza, a riqueza que importa aqui é a prática espiritual. “O fato é que não há nenhuma palavra sânscrita que abarque e inclua tudo aquilo que a tradição literária poderia chamar “filosófica”.

Mas os princípios mais importantes para a finalidade da vida humana como os vedantas bem compreendem são as quatro metas da vida: a **artha** que significa “coisa, objeto, substância” e compreende todo o conjunto de objetos materiais possíveis de serem possuídos. **Kāma** que significa o prazer e o amor. **Darma** que significa os deveres religiosos e

morais e a **Moksa** que significa a redenção ou liberação espiritual, considerando como a finalidade última, o bem humano definitivo. Ocorre assim a contraposição na vida entre o artha e o Moksa, em que ambos exacerbados prejudicam o ser humano de caminhar para encontrar o caminho da verdade, o verdadeiro equilíbrio de sua existência e a missão que deve cumprir neste mundo para se encontrar como o iluminado e não o escolhido. Está no reconhecimento da própria metafísica posta em prática onde a senda do iniciado fica a serviço das paixões e emoções do seu ego que encontra no Paramârtha-vid a realidade fundamental que atua naquele que conhece (vid) o objeto supremo (paramârtha) que, por conseguinte é a palavra sânscrita que o dicionário traduz, como filósofo. E que pela acepção da filosofia ocidental não é fruto da busca espiritual, mas da razão e do empirismo. “A filosofia indiana é fundamentalmente cética em relação às palavras”. Pois o vedanta pela sabedoria utiliza o Eu (âtma) para do intelecto chegar à iluminação como o fez Buda, acredita-se que para os filósofos indianos, o grande ato de se tornar um sábio é reconhecer a sua própria ignorância e desprendimento diante da vida, não exaltando o “ter” mas o “ser”, na indubitável contramão da leitura do ocidente, na vulgar e comum expressão do vale quanto pesa ou quanto tem.

Gandhi, que a exemplo do filósofo grego, Diógenes e do profeta João Batista, foram críticos da alienação, do jugo, da perda da identidade e da imposição cultural dos ditadores, aqueles que subjugavam seus compatriotas. Soube reagir deixando de usar qualquer tipo de veste do ocidente e passou a fazer suas próprias indumentárias, ou quase nenhuma, bem simples e original. Fora crítico pela reação à gula, que faz parte da nomenclatura dos sete pecados capitais da humanidade. Simplesmente por radicalizar com extrema concentração ao fazer jejum, que viesse a sensibilizar o povo e as autoridades, em busca da causa humanitária que defendia, com unhas e dentes, sem procurar ceder um milímetro em prol do objetivo alcançado, em forma de protesto social. Maneira pela qual conseguia na meditação, o ponto de equilíbrio, para

sublimar os desejos da carne, tornando-se acessível ao abraçar a causa do e pelo povo.

Gandhi, era um homem de elevada espiritualidade, sempre sentia-se fortalecido pela graça de uma força divina e o amor, dedicação da esposa, que era tanto companheira e seguidora, aceitando aquilo que lhe fora outorgado pelos ideais que o impulsionava, até ser Mahatma Gandhi, “grande alma” e da maneira como fora assassinado, provável que por motivos políticos, já que era arredo aos interesses dos homens que apenas intencionava levar vantagem, utilizando cargos e influências, dizendo-se benfeitores, quando na verdade eram lobos, com peles de cordeiro. Conforme mencionara apóstolo Paulo, em seu discurso, em Atos dos Apóstolos, que tais homens, são falsos sacerdotes, acerca de fariseus, políticos, homens da lei da época, comparados a sepulcros caiados. E, Gandhi, não lutou em vão, conseguiu ainda em vida, a libertação da sua nação (a Índia), do jugo soberano dos ingleses.

Daí, segue-se a lista de muitos outros, São Francisco de Assis, Martin Luther King, Mandela, Madre Tereza de Calcutá e etc., que não mediram esforços e se doaram em prol de melhorias para o bem da humanidade, em prol de ver o mundo sustentável, semearam o amor pela humanidade, cujo maior sacrifício e referência recai em Jesus Cristo, por ser incomparável. No entanto, haviam homens que na história da humanidade deixaram seus nomes registrados como ditadores, déspotas, algozes, como foi o caso de Nero, Calígula, Alexandre, o Grande, Gênsis Khan, Nabucodonosor, Herodes Antipas, os Césares, Napoleão Bonaparte, Adolf Hitler, e outros, tomados pelas suas próprias vaidades e ambições, também não mediram esforços em deixar um rastro de destruição atrás de si, pelos seus próprios orgulhos, em busca de conquistar prestígio a qualquer custo, onde o valor humano era apenas um detalhe em suas trajetórias. O importante era a mesma ideia preconizada por Maquiavel: “os fins justificam os meios”. Não obstante, Sidarta Gautama, o Buda, daqueles que procuraram semear a paz e o bem, este que foi um príncipe, cuja realidade no palácio, desde quando nasceu

fora-lhe mostrado somente a realeza e a beleza, e um dia quando pôde contemplar para além dos muros do seu mundo particular (encantando) e particular, sentiu-se constrangido, espantado com a miséria que havia lá fora, no mundo real, vislumbrou alguém maltrapilho pedindo esmolas, mendigas famintas com filhos desfalecidos no colo, viu leprosos e outras mais diversas situações deprimentes. E, diante de tal constatação, indignado, abandonou tudo que tinha e era, deixou seu reinado para uma busca de si próprio, das coisas a seu redor, que o angustiava, causava dúvidas dantescas, de respostas para as suas perguntas infundáveis, na superação de si mesmo partiu em busca das chaves que pudesse abrir os mistérios da vida e da morte, a razão da existência.

Presume-se que viu a luz que procurava ou se fizera a própria luz quando passou a ser conhecido como o “iluminado”. De maneira tal que foi inspiração efetiva para os inúmeros Dalai-Lamas, de geração em geração, como se por ventura, assim fosse possível, além da perpetuação da espécie, no mesmo pacote somasse, os mesmos sonhos, ideias, pensamentos, estilos de ser e proceder. Ledo engano, o homem achar que pode voltar outra vez, como se antes fora, menciono ainda o aforismo de Heráclito de Éfeso: “não se banha duas vezes no mesmo rio”. Via de regra, o homem almeja, não se banhar, mas atravessar o rio como se cruzasse o pensamento de Deus, embora tente, para tão curta vida, chegar sequer até a outra margem, ficamos no meio do caminho, como a pedra do poema de Drummond: “no meio do caminho havia uma pedra, tinha uma pedra no meio do caminho”. Sejam nos erros e acertos científicos ou pela exaltação ou repúdio da religião, que muito contribuíra em nome, da “Santa Inquisição”, mesmo que se tentasse justificar tal atitude em nome de Deus, de uma maneira inequívoca, a subjugar, torturar, aprisionar, ultrajar e queimar, pessoas ilustres, consideradas hereges e bruxas. E neste cenário maldito, posteriormente surgiu na história da humanidade uma figura, como Adolf Hitler, que em suas sandices, desejando criar uma raça ariana, cometera inúmeros holocaustos humanos, procurando exterminar principalmente o povo judeus.

Nietzsche, filósofo alemão, um dos precursores da crise da razão, em nome dela própria, da sua exaltação, promulgou “a morte de Deus”... Todavia, sua vida foi um reflexo da crise de si mesmo, entre a loucura e a doença, morreu, como todos morrem um dia... Não Deus! Mas ele, o filósofo, que salvo suas obras, haverá de perdurar por um certo tempo. Ledo engano dos filósofos querer colocar Deus no mesmo patamar que os homens, limitados, pela sua própria natureza humana, os homens sempre estarão presos às suas próprias convicções, intrinsecamente limitadas, tendo em vista a sua finitude. Eis o super-homem que o filósofo aqui mencionado promovera como aquele que supera a si mesmo, e diante da crise da razão, o homem que cria a sua identidade, mas não se identifica, pela afirmação e negação da própria afirmação que faz. E que afirma que Deus não existe, mas ganha existência, quando falamos que não existe! Eis o homem, filho da incerteza, e por falta de segurança em si próprio, não no exemplo do que ele fora (de humildade e obediência perante a Deus), mas na insegurança, de sua falha e falta de atitude que Moisés, demonstrara de que para ir diante de seu povo para levar as boas novas da libertação e de igual maneira apresentar-se ao faraó, titubeou, perguntando, a quem deveria anunciar, para convencê-lo. Quando Deus dissera EU SOU, te enviou.

Outrossim, somos como o filho de Dédalo, Ícaro, que dispensando os conselhos do pai, ao intentar a fuga, de uma ilha, que estavam aprisionados, por desobediência a seu pai, aproximou demais do sol, e com as asas de cera, que derretendo, fizera com que se precipitasse, para uma queda fatal. Nós fomos expulsos do Paraíso pela desobediência ao Criador cujo resgate se deu pelo Verbo que se fez carne e habitou entre nós, cujo bom preço foi pago pelos pecados da humanidade, remidos na Cruz do Calvário e que em virtude de tal atitude celebra-se o culto e o louvor, onde o corpo e o sangue de Cristo são celebrados na Ceia do Senhor, representados pelo pão e o vinho, não fermentado. Mesmo assim o homem se pergunta, e haverá de se perguntar sempre, conforme o ilustre poema Navio Negreiro cujo verso do poeta, Castro Alves,

nos diz: “Deus, onde estás que não respondes?”. Mas diria o homem, onde estou que não me encontro?”. Talvez esteja ou estejamos na relação que há entre o homem e a luz, desde os primórdios da invenção do fogo, pelo atrito dos gravetos e das pedras, ante a metáfora utilizada na Alegoria da Caverna de Platão, ou na proposta de Cristo, de que devemos ser sal e luz do mundo para que possamos fazer a diferença em meio a indiferença. É provável que a chave para toda essa engenhoca do mundo fora revelada de maneira diferente pelos filósofos pré-socráticos ao mencionarem que tudo se originou dos quatro elementos.

Dentre esses pensadores, Heráclito, mencionara em seus fragmentos que o fogo foi a causa originária do Universo, cuja alusão faz a Mitologia Grega de que Prometeu, o semideus, um dos titãs que roubara o fogo dos deuses, trazendo-o para os homens, o que lhe fora imputado um tormentoso castigo, por Zeus (rei dos deuses), de ficar preso, acorrentado a uma rocha, tendo a seu lado um abutre que todos os dias, comia seu fígado. Não obstante, Hércules o libertou. Já na atualidade, vivenciamos a tese de que tudo tenha existido ou passado a existir, através de uma grande explosão, o Big Bang. Todavia, as Escrituras Sagradas mencione “no princípio, a terra era sem forma e vazia: e havia trevas sobre a face do abismo: e o Espírito de Deus se movia sobre a face das águas. E disse Deus: haja luz. E houve luz. E viu Deus que a luz era boa a luz; e fez Deus separação entre luz e trevas (Gn. 1:1-4). Deus sendo Quem é, poderia criar tudo com ou sem explosão.

Deveras, entre cultos, missas, procissões, adorações, ritos, templos, e nos mitos e lendas, buscamos aquilo que não temos, preencher a falta de luz, uma lacuna, uma solidão e vazio quando deixamos de crer e aceitar que é maior o que está em nós do que o que está no mundo (1º João 4:2). Deste modo, criamos ídolos, fantasmas, deuses e arquétipos que trafegam no nosso imaginário social e existencial. O que bem define, em Atos dos Apóstolos, tais interpretações, que apóstolo Paulo descortina:

Varões atenienses, em tudo vos vejo um tanto supersticiosos; porque, passando eu e vendo os vossos santuários, achei também um altar em que estava escrito: AO DEUS DESCONHECIDO. Esse, pois, que vós honrais não o conhecendo é o que vos anuncio. O Deus que fez o mundo e tudo que nele há, sendo Senhor do céu e da terra, não habita em templos feitos por mãos de homens.” (Atos 17:22-24)

Fala-se em globalização e em pós-modernidade, projeto genoma e viagens espaciais, em óvnis, quando somos extraterrestres de nós mesmos, nem sempre nos conhecemos suficientemente, somos nossos próprios enigmas, estamos sempre atrás de respostas seguras, para nossa existência, procurando reflexo no outro, naquilo que não fazemos ... e querendo que façam por nós. Enfim, somos acomodados demais, buscamos nosso alter ego na própria dissimulação, no erro, ambição, angústia e egoísmo, cuja finalidade nos predestina a sermos como Narciso, que diante do lago que o consumiu, embevecido pela beleza que presumia ter, consumiu-se, como nos consumimos ante nossos espelhos imaginários, que nos deflaciona ou fragmenta pelo que não somos, ou pensamos ser – “ser ou não ser, eis a questão” – quando apostamos em representar aquilo que em essência deixamos de ser, pensando que podemos ser melhores do que imaginamos, ou presumimos ser. Vale-nos apenas o que se reflete e o que é aparente pela nossa superficialidade e frugalidade, vale-nos pela matéria de que fomos feitos, monte de músculos, tecidos, ossos, pó e mais nada, conforme relata as Escrituras Sagradas, ao revelar que o homem veio do pó e ao pó retornará e, mesmo que suspeitasse de tal premissa e demonstrasse uma postura, quer seja materialista e/ou determinista, não obstante, rejeitaria tal tese?! Em função de que não achasse que o homem do pó não viesse...? Num segundo momento, de que ao menos ele retorna, ao pó, que de igual modo estaria certo, fundamentando meu pensamento no empirismo ou na mera constatação, diria... científica.

Ser ou não ser, é ou não é o caso... fica a critério dos especialistas de plantão, embora não negue que ao me utilizar da lógica difícil é negar

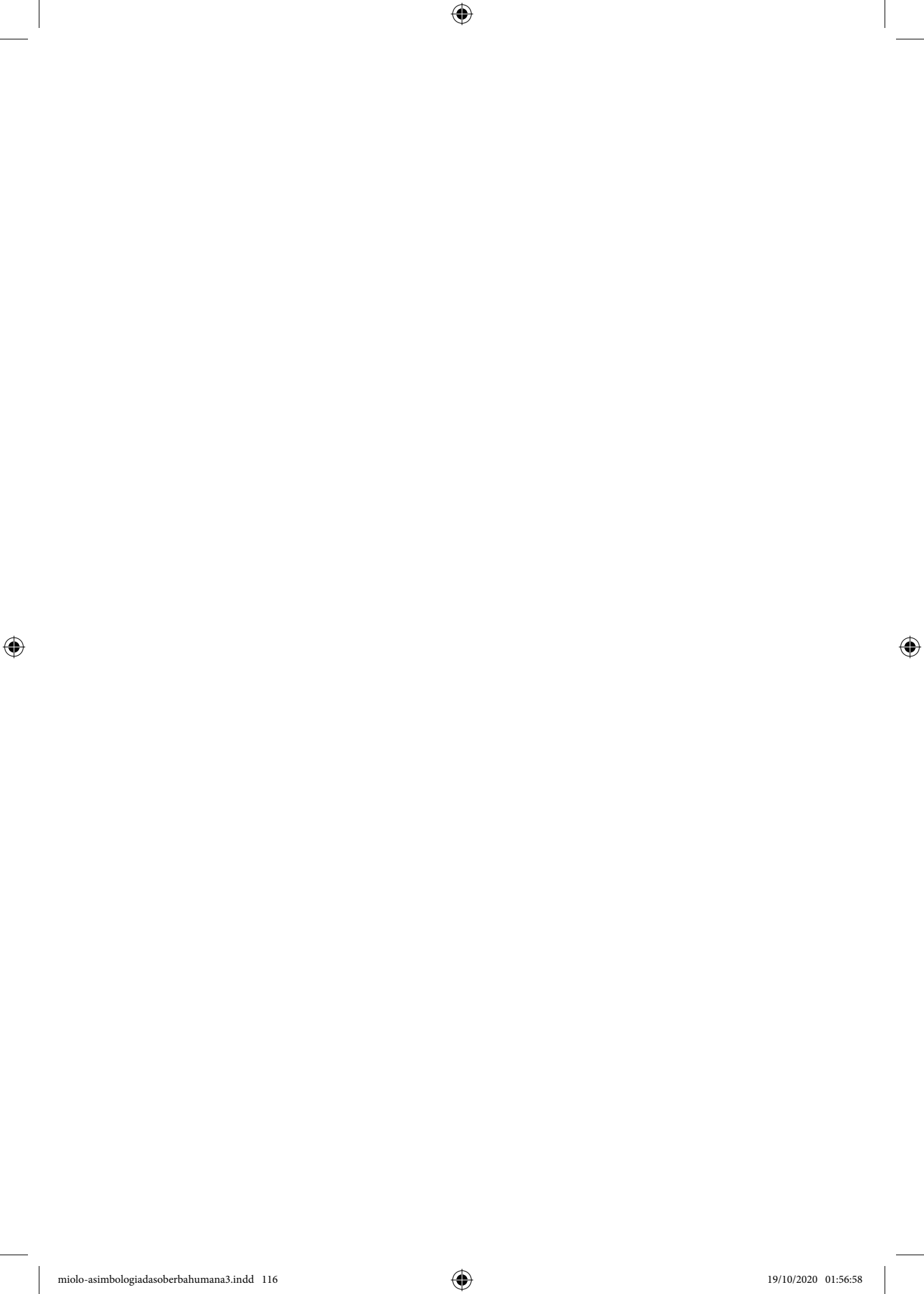
que homem seja pó, considerando que retorna às cinzas, uma vez que a natureza promova tal evento. Se por ventura, retorna, ao que em tese, àquilo que era e passará a ser outra vez, como menciona Padre Antônio Vieira, em um de seus sermões, o homem é pó, se torna cinzas. E Salomão menciona ainda em Eclesiastes: “Vaidade, tudo é vaidade!”. E, em função de muitos descaminhos da humanidade, o preço que temos pago é justamente a perda da nossa própria identidade, mesmo que se preserve a individualidade, a privacidade. Todavia, a cada dia que passa, o homem torna-se refém de si próprio, quando a todo instante busca um lugar feliz, um paraíso perdido, quando este lugar deveria estar dentro de nós mesmos porque “o reino dos céus não é comida, nem bebida, mas justiça e paz, e alegria no Espírito Santo”. E este lugar, este Éden ou reino que buscamos primeiramente tem que ser uma semente plantada dentro do nosso coração, que dará uma árvore frondosa, em que as aves farão pousada, farão ninho, árvore frutífera que dará frutos de amor, perdão, afeto, deleite, caridade e gratidão.

Verdade é saber que no mundo em meio há milhões, bilhões e trilhões de pessoas, não há ninguém que seja igual ao outro, considerando a semelhança que há entre os gêmeos, mas tal e qual não é, há sempre pequenas e grandes diferenças. E é interessante como Deus tem tudo sobre controle, de forma que saiba que até os cabelos de nossas cabeças têm na sua conta e “conta o número das estrelas, chamando-as todas pelos seus nomes (Salmos 147:4). Diante do poder e saber, diferente de nós, tal a Sísifo empurrando uma pedra ladeira acima, incansavelmente, assim é o homem e o fardo da vida! Vida, o que é a vida, o que é a existência, tenta a ciência explicar, a filosofia decifrar, a psicologia desvendar, mas continua sempre sendo um mistério e desafio os meus contemporâneos, provar que a Bíblia não é a fonte mais segura para explicá-la, tanto uma quanto a outra, existência e vida, vida e existência.

Charles Darwin tentou na teoria da evolução nos demonstrar por outras vias que tudo vem se desenvolvendo, evoluindo e daí?! Que o fosse como ele pensava, ou pensamos... Todavia, bem antes disso tudo,

como e porquê, quem pode traduzir, se tudo surgiu do nada, sim, de fato... mas de uma explosão, que o seja “Big Bang”, de fato direi... Deus criou tudo! A vida e a morte, ciclo normal da vida pela morte e da morte pela vida, somos esses seres acorrentados na Alegoria da Caverna de Platão, onde de frente para a parede os reflexos que vemos às nossas costas é a realidade que cremos e pensamos ser, e se a real realidade não é o que vemos e pensamos, o que haveria de ser o que é real e irreal. Se não vivemos o que vivemos, se ainda fazemos parte de um grande sonho de ser e querer, se almejamos algo para além de nós mesmos, e que vai além de nossa força e vontade, se por ventura nos foi imposta tal condição, ou se por ventura nos impusemos pela interpretação bíblica, o Criador, nos fizera com propósitos diferentes, para melhores planos de vida, convívio. Porém, de alguma forma mudamos nossa sorte, em função, consecutiva, da desobediência, do pecado.

Na Alegoria da Caverna, quando alguém se liberta e contempla a luz fora da caverna, percebe que há outra vida, melhor do que a que vivemos, cuja promessa é proposta pela ideia da salvação das nossas almas, que haverá de passar pela morte, em função do pecado, “pois ao homem é dado morrer, somente uma vez, depois segue-se o juízo”. E de onde vem esta luz vem de Deus, que é Espírito, que nos indica que o “Seu reino não consiste em palavras, mas em virtude”. (1º Cor 4:2). A humanidade caminha para seu próprio fim, dando conta de si mesma, pelas ações da insensatez, da falta de amor ao próximo, diria eu, parafraseando Jesus, que devemos “amar a Deus, sobre todas as coisas, e ao próximo como a si mesmo”. Diria ainda, que o resgate de si, acrescentaria ao homem que fora posto como semente no planeta Terra, encontrar não para além a verdadeira e indubitável herança de si mesmo, não buscando algo na lua, noutra planeta, noutra vida ou qualquer outra coisa que não passasse pelo crivo do seu próprio coração, mas a felicidade plena e desenvolvida dentro de si mesmo.



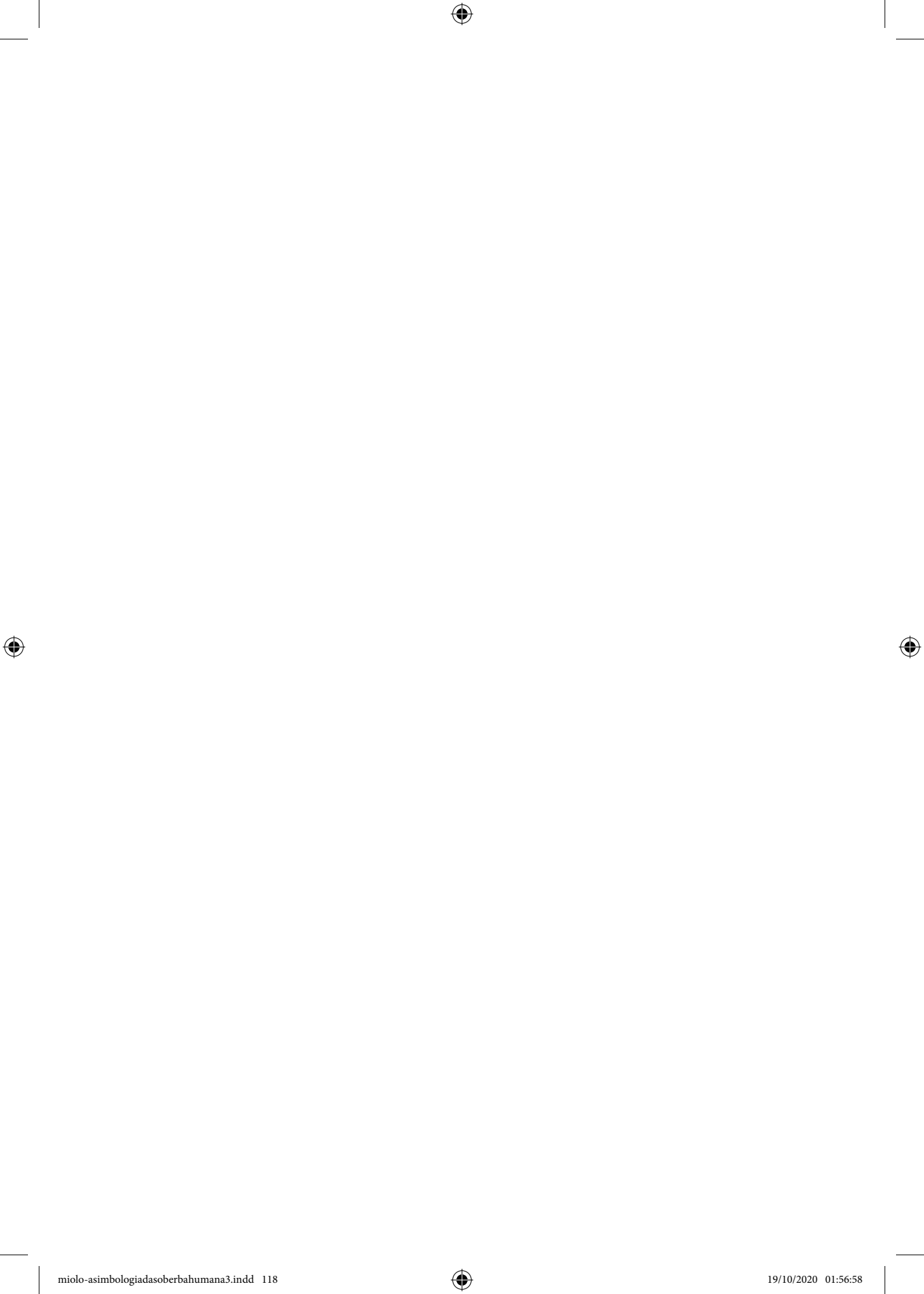
## Notas

*Maiêutica*: o saber que vem do outro (termo atribuído aos conceitos de Sócrates;

*Mimese*: s.f. (Ret.) Figura que consiste no uso do discurso direto e sobretudo na imitação, voz e palavras de outrem;

*Areópago*. s.m. Tribunal ateniense, assembleia de magistrados, sábios, literatos etc.

*Teoria da relatividade*. Fis. Teoria física na qual o espaço e o tempo são grandezas relacionadas, não podendo, pois, ser consideradas independentemente uma da outra.



## Conclusão

Chego à conclusão deste livro como se não tivesse chegado, certo de que muito que fora dito, apesar das arestas que foram aparadas, apesar de procurar utilizar pelo crivo da autocritica e autoanálise, deixei para os leitores e críticos que possam, com outro olhar e outra fala ver e dizer o que eu não percebi e lacunas que deixei inadvertidamente de observar (?), certo de que não sou dono da razão, nem da verdade – nenhum de nós, humanos, somos.

Careço da graça e misericórdia de Deus para além da capacidade intelectual, e do exercício do cabedal do conhecimento, em ambiência e áreas que careço de infinito aprendizado. Nas áreas das ciências humanas me foi possível atingir níveis que nem imaginava poder alcançar, que longe de lisonjas atribuo méritos, não só ao que sei e aprendi, mas a revelação divina que me outorga, na figura e mestre dos mestres que me instrui nas próprias letras sagradas e vernáculos – a Bíblia, livro dos livros e das ciências reveladas ao homem por intermédio Dele, como fora com os profetas e apóstolos –, de bom grado posso dizer que toda inspiração, ainda como poeta, veio dessa fonte inesgotável do saber do Cristo em nós, esperança da glória! No entanto, há alguns anos, deveras doutrinado e instrumentalizado para tal, entre o que me fora revelado e o que o saber livresco me instruí, com mais valia do que pude aprender nos bancos escolares, com os homens e/ou autoridades instituídas pelo Deus de Israel e nosso (os Gentios); mestres/professores, presumo que são, quiçá não dessem tal crédito, à sã doutrina! É no mínimo falta de

senso ou contrassenso não ver e constatar que a própria ciência dialoga com a religião, de uma maneira mais cordata, não há tratado que melhor defina isso, que a própria Bíblia, considerando que ela venha ter ou não ter um caráter científico? Há de se convir ser menos fundamentado noutras seitas e religiões que trafegam no campo da espiritualidade especulativa e alegorias que envolvem as questões do viver humano?

Outrossim, falar dos critérios da/de verdade cabe à filosofia e à ciência, embora o próprio Cristo (o Alfa e o Ômega) seja a expressão direta da Sabedoria de Deus, “no princípio era o Verbo...” (João 1). Seria no mínimo arrogância ou pretensão de minha parte, julgar que tudo foi experiência do que li, e do que aprendi, certamente foi e com ajuda de muitos mestres e amigos, que num infinito aprendizado e discipulado têm me fortalecido nas letras e nas artes. Se por ventura hoje tenho outro entendimento e se me aperfeiçoei, se com propriedade trato de temas que outrora não tinha tanto domínio, é crível dizer que tudo cooperou para este fim, se “todas as coisas cooperam para o bem, daqueles que temem a Deus, e andam segundo os seus propósitos” (Romanos 8:28).

Muito embora minha intuição leva-me a crer que tudo venha a ser início de uma grande jornada no âmbito e esfera filosófica pela maneira de dizer, que me distingue, salvo melhor juízo por critérios que o estreito contato com a literatura luso-brasileira, formatou para que sendo de direito e de fato um literato – poeta/escritor/pensador – pudesse, por vontade e formação, ou uma coisa em função da outra, traçar dois movimentos metodológicos que promovem excelência da maneira de pensar e de dizer, na discursividade filosófica e teológica.

Sobremaneira que tudo tenha peso distinto, porém não desigual, o trato foi de uma acuidade para não dizer inesperada, surpreendente, atingir tais níveis de interpretação e critérios, juízos semânticos e semiológicos. Se deveras por instrumentos tais me levaram a ser um tanto mais literário, não exclui nem diminui o movimento da seriedade da temática desenvolvida, e muito pelo contrário, acrescenta valores pelo

intercurso transdisciplinar, metafórico e utilização da discursividade metalinguística (entre o que se lê, na linha e nas entrelinhas entre o texto e o contexto). Tais propostas avocam um nível outro de dialogar com o leitor mais atento, ao que propõe um conceito bíblico de que “a letra mata, mas o espírito vivifica”. Destarte procurei buscar na alma das palavras algo que, por orgulho ou vaidade, me fizesse tão somente catedrático das letras vernáculas, pois intimidaria mais do que expor ou demonstrar uma mensagem genuína, translúcida, mais autêntica e sem que as veleidades (vontade imperfeita) das paixões atrapalhassem e as vaidades imprimissem mais a vontade da carne do que do espírito!

Traduzo aqui não um “espírito livre” como Nietzsche tanto gostava de usar em suas argumentações, embora minha visão de espírito livre, diferentemente do autor acima citado que na ação das argumentações demonstrei combatividade argumentativa, em relação a muitas coisas que ele disse e tenha influenciado o pensamento moderno, denegrindo o cristianismo e a figura de Cristo, ou tentando colocar Cristo, no seu não-lugar, onde habita sua pressuposta carência e insipiente conhecimento acerca da grandeza e inextinguível divindade!

Certamente que em alguns momentos me deixei levar pela emoção, e completa afetação pelo que proclamo e acredito, certamente que semelhante aos pais da igreja e os reformadores da fé cristã procurei tudo demonstrar na condição de apologista da fé, como o próprio apóstolo dos Gentios (Paulo) imprimiu saber (culto racional) e sabor (tempero) em suas Epístolas.

Norteei toda minha argumentação para fazer o movimento que fiz, que doutra maneira não seria possível demonstrar da maneira que deixei minha digital nesta obra, balizado por formação/formatação conceitual, *a priori* na filosofia, e posteriormente na teologia, incursionando deveras nos campos da literatura, pedagogia, sociologia, psicologia, estética etc. Foram bases para uma vocação epistemológica para a atitude de um discurso, tanto de cunho intelectual quanto espiritual. Se posso dizer que no campo do pensar sou um espírito livre, certamente

sou, e que a religião não me imprimiu e restringiu conceito ou preconceito para pensar e analisar fundamentado em dogmas, que ao meu ver têm me aproximado pela religião, por via outra, cuja conversão minha se deu pela leitura das Escrituras Sagradas, ainda quando estava cursando filosofia na UERJ, que em busca mais de uma comodidade que pela via da verdade, que me trouxesse conforto para a alma, no afã de dirimir minhas dúvidas e incompreensões, ter percebido que lá – muito além do compreendido e imaginado –, na ambiência acadêmica, almejando a benção dos filósofos, como se almeja a divina revelação dos “santos”. Como se quisesse uma relação com um sacerdote (pastor ou padre), embora por outra via até me relacionar com a filosofia, como se fizesse análise, como se ela (filosofia) prestasse a isso, ou que lhe fosse imputado tal coisa, e me ajudasse assim com minhas questões de crises existenciais, e pudesse ter como porto seguro a figura paternal/ espiritual, num psicanalista e/ou sacerdote.

Neste caso, Deus o é, pai presente. Pai encontrei sim! Tive um maravilhoso, pai natural, que já não está na terra dos viventes, partiu por haver cumprido sua missão. Mas figura do Pai que falo aqui é o Pai-Nosso que está nos céus, que santificado é “Seu nome”, tanto na terra quanto nos céus. Sim! Quando ainda, e mesmo parecendo não ter relação precípua entre uma coisa e outra, mesmo parecendo não ter sentido algum, e a Bíblia menciona em 1º Cor 1;17-31:

Porque Cristo enviou-me, não para batizar, mas para evangelizar; não em sabedoria de palavras, para que a cruz de Cristo se não faça vã. Porque a palavra da cruz é loucura para os que perecem; mas para nós, que somos salvos, é o poder de Deus. Porque está escrito: Destruirei a sabedoria dos sábios, E aniquilarei a inteligência dos inteligentes. Onde está o sábio? Onde está o escriba? Onde está o inquiridor deste século? Porventura não tornou Deus louca a sabedoria deste mundo? Visto como na sabedoria de Deus o mundo não conheceu a Deus pela sua sabedoria, aprouve a Deus salvar os crentes pela loucura da pregação. Porque os judeus pedem sinal, e os gregos buscam sabedoria; mas nós

pregamos a Cristo crucificado, que é escândalo para os judeus, e loucura para os gregos. Mas para os que são chamados, tanto judeus como gregos, lhes pregamos a Cristo, poder de Deus, e sabedoria de Deus. Porque a loucura de Deus é mais sábia do que os homens; e a fraqueza de Deus é mais forte do que os homens. Porque, vede, irmãos, a vossa vocação, que não são muitos os sábios segundo a carne, nem muitos os poderosos, nem muitos os nobres que são chamados. Mas Deus escolheu as coisas loucas deste mundo para confundir as sábias; e Deus escolheu as coisas fracas deste mundo para confundir os fortes; Deus escolheu as coisas vis deste mundo, e as desprezíveis, e as que não são, para aniquilar as que são; para que nenhuma carne se glorie perante ele. Mas vós sois dele, em Jesus Cristo, o qual para nós foi feito por Deus sabedoria, e justiça, e santificação, e redenção; para que, como está escrito: **Aquele que se gloria, glorie-se no Senhor.**

Portanto, o que pretendo demonstrar aqui nada mais é que quebrar o gelo ou rever paradigmas da visão aleatória e da descontinuidade de que o pensamento pode ou deveria ter uma pertença, que certamente não é, ou não deveria ser visto sob essa perspectiva. Ou seja, eu poderia nomear meu discurso para apresentar todo o arcabouço do livro no seu desenvolvimento como uma filosofia cristã, mas dizer isso ou aquilo, definir dessa ou doutra forma é uma necessidade para o leitor e para o crítico do que para o autor ou artista que produz sua obra. No entanto, demonstrei ainda na introdução do livro a minha proposta das questões e desdobramentos pelas vias da filosofia da religião, e todas as propostas que estudei na ambiência acadêmica entre a filosofia ocidental e oriental, de que me formei e me informei e que a partir daí, pude formatar neste livro, entre o que definimos como laico e religioso, profano e sagrado. Destarte meu posicionamento é essencialmente filosófico para os filósofos e/ou amigos do saber – simpatizantes da filosofia – e não diferentemente trago fundamentações de cunho teológico que doutra forma não estaria habilitado para tal implementação, falar de questões de religiosidade/espiritualidade, ampliando a discursividade filosófica

no âmbito das pesquisas judaico-cristãs e balizadas pelas leituras das religiões, seitas e filosofias orientais, menos sectarismo ou *apartheid* religioso, denominacional e interdenominacional, ou quaisquer relações em prol de credos e de suas crenças ancoradas ou emaranhadas pela ótica dos aspectos pagãos.

Em virtude da intrínseca relação com os aspectos do misticismo e mítico-religioso, tem-se por ventura o preconceito acadêmico não ver de igual peso e medida conceitual com o que a filosofia ocidental preconiza. Embora a meu ver salutar crítica faço a este respeito, considerando o viés que a própria filosofia propõe desde a sua fundação de trabalhar até os dias atuais, com considerações da Mitologia Grega, a exemplo de Nietzsche, mito de Apolo e Dionísio, e Freud, Complexo de Édipo e Electra, mito de Narciso e de Eros, bem como os Arquétipos de Jung e outros fatos e autores que discursam para validar suas teses. E não diferentemente por uma análise mais fria poder-se-á concordar comigo que todo movimento filosófico na história da filosofia tem relação ou correlação intrínseca com a religião, apesar de Karl Marx sinalizar de forma genérica como ópio do povo, mas na sua forma conceitual é um prato excelente onde se servem os pensadores da antiguidade e da modernidade, dos pré-socráticos aos filósofos contemporâneos. Entre os que se fundamentam no ateísmo, teísmo, deísmo e monoteísmo e etc.

Eu fico com a convicção de fé e assertivas do monoteísmo, na plena unidade na pessoa de Cristo. No assunto em questão, os filósofos da Grécia antiga também tinham seus dogmas ou os negava! Que também aceitava a ideia de um deus/pai (Zeus/Júpiter) ou mais deuses/filhos (Marte, Afrodite/Vênus, Hermes/Mercúrio, e semideuses, filhos e filhas de um dos deuses, com humanos ou divindades menores (ninfas/níades, como Eco e Pandora) e semideuses (Hércules, Perseu, Aquiles).

Platão já sinalizava um demiurgo que organizava o caos (o universo caótico) para dar ordenação a todas as coisas da Criação dos corpos

celestes (metafísico) e terrestres (físico). Percebe-se que dentro e fora da filosofia a presença mítico-religiosa é em tese a espinha dorsal e essência primeira do homem por ter uma natureza tricotômica (corpo, alma e espírito) que destarte explica e exemplifica todo este envolvimento e movimento imanente e transcendente que não poderia ser diferente, se tivermos melhor entendimento de ver a figura do homem na sua imagem ancestral, sendo não um corpo que possui um espírito (alma), mas o seu contrário numa leitura feita por Descartes: “Penso (mente / espírito), logo existo” (corpo / matéria).

Se assim admitirmos, ou no mínimo não demonstrarmos resistência, perceberemos que sendo somente criaturas, algo em nós, algo de divino, do sopro de Deus em nós nos eleva a uma categoria acima da escala animal, e não por um processo de evolução natural. Quando Nietzsche regula em seu livro *A Gaia Ciência*, mas por soberba humana e complexo de Lúcifer, do que sujeição Àquele que tudo criou e nos têm como criaturas – independentemente das cogitações deturpadas da ideia nietzschiana que preconiza um super-homem –, mas pelo conceito da salvação, como projeto de Deus, na simbologia da cruz, o homem crucificado, fora morto e ressuscitou ao terceiro dia, como primícias dos que dormem (estão mortos) imagem do primeiro Adão, mas que em Cristo (segundo Adão).

Nele e por Ele foram feitas todas as coisas e o que é e será... que haverá de ressurgir! Poderia explicar toda essa relação com mais riqueza de detalhes, tentei neste livro demonstrar e procurei esclarecer muita coisa, mas sinalizarei tal promessa para o volume II – *A Simbologia da Soberba Humana – O Despertar da Inquietação*. Destarte, foi proposital deixar lacunas acerca do subjetivismo de determinadas questões para possíveis refutações e antíteses, no vislumbre que outrem possa sinalizar, ter controvérsias e implementação de debates. Tal ação estimula o pensar nos limites das ações de cunho acadêmico e das livres interpretações. Promove assim o “élan”, um avivamento, e não uma alienação ou estagnação do fluxo do pensamento que se empareda ou encontra-se

entrincheirado. Sendo assim, deixei abertura na finalidade de que o leitor faça sua análise e espontânea crítica, retendo o que lhe for acrescentar ou ignorar àquilo que *a priori* não venha contribuir ao cabedal de conhecimento, considerando que não venha concordar com determinadas convicções e ideologias apresentadas, ou mesmo a hegemonia do trabalho realizado.

Se agi mais por fé, menos pela má-fé que por vontade de um pensamento isento ou laico, não me faltou experiência, mas salutar doutrina da herança judaico-cristã, quer seja por formação ou adoção sacerdotal, embora não me veja como sacerdote de tudo que recebi e sei reinterpretar o código de tais ações, talvez mais pelo que há de profético nessa história toda por menos compreensão que possam ter agora e compreender depois, pois seria fácil demais, ou pretensão na mesma forma e velocidade com que lemos, deduzir tudo, dar-se por esclarecido!

Se certeza alguma tenho, se algo recebi que tenha me vocacionado e me inspirado, veio da divina liberalidade para ponderar e interpretar, predestinada vocação e conversão aos Evangelhos, centrada na figura de Jesus, o Cristo (ungido), mestre dos mestres. Não obstante, não me faz ser ou me achar mestre. Mas discípulo, servo e conservo de todos vós, que meu discipulado se dá numa via de mão dupla, dentro e fora da igreja, no ilimitável aprendizado da revelação das Escrituras Sagradas, quer seja também pelos livros que aumentam nosso cabedal de conhecimento e diálogo com pessoas que me prestigiam e haverão de me prestigiar por cada livro e projeto que trago à luz do conhecimento. Minha maior consideração a Deus, minha salutar consideração às pessoas que apostam nos projetos literários que tenho feito no campo da literatura, na militância do fazer poético e outros “feitos” no campo das letras e das artes.

Este livro, diferentemente dos outros que trago à luz, é um assunto novo que trato, incursionado nos temas antigos e nos seus primeiros passos haverão de encontrar falhas e desníveis no caminho dessa estrada filosófica, diferentemente da poética, embora tenha eu procurado

trazer a leveza e apaziguamento que o discurso literário nos instiga por querer domar palavras e metáforas, que não se sujeitam aos arreios e cabrestos que lhes impomos!

De forma romanceada, imprime para trazer sabor correlacionado ao saber, sabor de curtir e ter gosto para o bom desfrute e saber para que de forma temperada entre uma coisa e outra, melhor se discirna em prol de que o público leitor se sinta à vontade, como numa sala de estar de bate-papo, um “chat” e possa ter intimidade com o que propus, e não vigoroso distanciamento como é traumático, ou no mínimo desconfortante a relação para com o leitor, sem considerar ser menos conhecedor da matéria, por avaliar ser senso comum ou por não gostar da chatice de coisas consideradas maçantes demais!

Procurei imprimir a metodologia do “pensar acadêmico”, ou dos chatos (pensadores) na ambiência das ciências humanas e exatas. Se alcancei tal objetivo, ou se ao menos o livro em questão, venha promover algo que estimule uma maior apreciação e aproximação, “quebrando o gelo” e desconstruindo paradigmas que embaçam a visão da alma. Decerto que meu objetivo e minha missão é um caminho que mesmo não almejando a ideia de sucesso, dar-me-á satisfação pelos objetivos presumidos e alcançados e por atenção e compreensão acerca daqueles que lendo esta obra possam ter menos vaidade e soberba que por ventura possa haver em mim, e noutros também, podemos naturalmente encontrar – salvo melhor juízo, e compreensão não celebrar o homem em função da obra, mas ver na essência da obra, o que de melhor pode-se instruir e aplicar para a vida. Podendo assim ter me alcançado e me revisitado em todo escrito do princípio ao fim, subjugo tudo primeiro ao Deus, que sirvo e me orienta e me exorta para disciplinar – primeiro ao que me vocaciono fazer, ou tenha feito, caso tenha alcançado o objetivo –, e não muito diferente sob análise das pessoas que haverão de ter acesso a esta obra, inspirada e inspiradora, venham sendo assim serem partidários, mais da verdade que nos liberta, conforme se relata em João 8:32: “Conhecereis a verdade

e a verdade vos libertará”. Por esta causa, prefiro não receber créditos nem elogios, mas críticas sinceras – menos severas? – que possam me acrescentar, rever conceitos, dirimir dúvidas e aprimorar, tanto o meu, quanto vosso conhecimento.

## Referências Bibliográficas

- ABBAGNANO, Nicola. *Dicionário de Filosofia*. São Paulo: Ed. Martins Fontes, 2012.
- AGOSTINHO, Santo. *A cidade de Deus*. São Paulo: Editora Vozes, 2006.
- AGOSTINHO, Santo. *Os pensadores*. São Paulo: Editora Nova Cultura Ltda., 1999.
- ANDLER, Charles. *Nietzsche, Vida e Pensamento*. Volume I. Rio de Janeiro: Editora PUC, Trad. Regina Schopke e Mauro Baladi, 2016.
- AQUINO, Santo Tomás. *Os pensadores*. São Paulo: Editora Nova Cultura Ltda., 1999.
- ARISTÓTELES. *Os pensadores*. São Paulo: Editora Nova Cultura Ltda., 1996.
- ATLAS do Universo, Editorial Sol 90, Autoria Editorial Sol 90, Barcelona/Espanha, 2005.
- BARTUCCI, Geovanna. *Fragilidade absoluta*. São Paulo: Editora Planeta. Trad.: Luiz Carlos do Nascimento Silva, 2006.
- BAUMAN, Zygmunt & MAY, Tim. *Aprendendo a pensar com a sociologia*. Rio de Janeiro: Zahar Editor Ltda.. Trad.: Alexandre Werneck. 2ª ed., 2002.
- BAUMAN, Zygmunt. *O Mal-Estar da Pós-modernidade*: Introdução. Rio de Janeiro: Zahar Editor Ltda. Trad.: Mauro Gama, Cláudia Martinelli Gama. 1998.
- BECHARA, Evanildo. *Gramática da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Editora Lucerna, 2006.
- BECKER, Ernest. *A negação da morte*. Rio de Janeiro: Editora Record Ltda., 2015.
- BERKHOF, Louis. *Teologia Sistemática*. Trad. Odayr Olivetti. 4ª ed. São Paulo: Ed. Cultural Cristã, 2012.
- BIBLÍA SAGRADA – ANTIGO E NOVO TESTAMENTO. Traduzida em português por João Ferreira de Almeida. São Paulo: Editado pela Sociedade Bíblica do Brasil, 2011.

BITTENCOURT, Pedro Calmon Moniz. *Reflexões Pedagógicas III* (Nascimento de um novo homem?). São Paulo: Edições Loyola, 1983.

BOAVENTURA, Jorge. *Ocidente traído – A sociedade em crise*. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército Editora, 1980.

BULFINCH, Thomas. *O livro de Ouro da Mitologia*. Trad. David Jardim Júnior, Rio de Janeiro: Ediouro Editora, 1965.

CARDOSO, Sérgio “et tal”. *Os sentidos da Paixão*. Coordenador: Adauto Novaes. São Paulo: Companhia das Letras. 7ª ed., 1991.

CARVALHO, Olavo. *O Mínimo que Você Precisa Saber Para Não Ser um Idiota*. 30ª edição. Rio de Janeiro: Editora Record, 2018.

COLEÇÃO Argentum Nostrum. *Nietzsche e Schopenhauer*. Ceará: Editora da Universidade Estadual do Ceará, 2013.

COLOMBO, Jacob. *Nietzsche*. São Paulo: Madras Editora Ltda., 2005.

CURY, Augusto Jorge. *Inteligência Multifocal*. São Paulo: Editora Cultrix Ltda., 2006.

DAVID-MÉNARD, Monique. *Deleuze e a psicanálise*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. 1ª ed., Trad.: Marcelo Jacques de Moraes, 2014.

DELEUZE, Gilles, *Lógica dos Sentidos*. São Paulo: Editora Perspectiva. Trad.: Luiz Roberto Salinas Fortes, 1974.

DELEUZE, Gilles. *Diferença e Repetição*. Trad. Luiz Orlandi, Roberto Machado. Rio de Janeiro: Graal Editora, 1988, 1ª edição, 2ª edição, 2006.

DELEUZE, Gilles. *O que é filosofia?* São Paulo: Editora 34 Ltda., 2000.

DERRIDA, Jacques. *A Escritura e a Diferença*. São Paulo: Editora Perspectiva. 4ª ed., Trad.: Maria Beatriz Marques Nizza da Silva, Pedro Leite Lopes e Pérola de Carvalho. 2009.

DESCARTES, René. *Os pensadores*. São Paulo: Editora Nova Cultura Ltda., 1999.

DICIONÁRIO Bíblico, Editora DCL – Difusão Cultural do Livro Ltda., Org. Equipe DCL, São Paulo, 2013.

ESCOBAR, Carlos Henrique. *Zaratustra (O Corpo e os povos da Tragédia)*. Rio de Janeiro: Editora 7 letras, 2000.

FERRAZ, Maria Cristina Franco. *Nietzsche, o bufão dos deuses*. Rio de Janeiro: Editora Dumará, 1994.

FIORANI, Silvio. *O paradoxo da Serpente*. Rio de Janeiro: Editora Record Ltda., 2013.

FORTEY, Richard. *Vida: uma biografia não-autorizada*. Trad. Jorge Calife. Rio de Janeiro: Editora Record, 2000.

- FREUD, Sigmund. *Artigos sobre Metapsicologia*. Rio de Janeiro: Imago Editora Ltda. Trad.: Themira de Oliveira Brito “et tal.”, 1999.
- FREUD, Sigmund. *As publicações Pré-Psicanalíticas e Esboços Inéditos*. Rio de Janeiro: Imago Editora. Trad. da 1ª ed.: José Luís Meurer. Volume I, 1969.
- FRIEDMAN, Richard Elliott. *O Desaparecimento de Deus*. Rio de Janeiro: Ed. Imago, 1997.
- GADELHA, Daniel Lins Sylvio. *Nietzsche e Deleuze*. Rio de Janeiro: Editora Duma-rá, 2002.
- GASPAR, Adília Maia. *A representação das Mulheres no Discurso dos Filósofos*. Rio de Janeiro: Editora Uapê, 2009.
- GOSWAMI, Amit. *Evolução Criativa das Espécies*. Trad. Marcello Borges. São Paulo: Editora Aleph, 2008.
- GUILLÉ, Étienne. *O homem entre o Céu e a Terra*. Brasília: LGE Editora Ltda., 2003.
- HUNTER, James C. *O Monge e o Executivo – uma história sobre a essência da liderança*. Rio de Janeiro: Editora Sextante, 2004.
- INTRODUÇÃO à simbologia, Título original: *Symbols: their Nature and Function*, 1ª Edição em Língua Portuguesa, jul/1982, composto e impresso na Grande Loja do Brasil – Curitiba – Paraná – Brasil.
- JR RIBEIRO, João. *Fenomenologia*. São Paulo: Pancast Editora, 1991.
- JUNG, Carl. G. *O homem e seus símbolos*. São Paulo: Editora Nova Fronteira, 1964.
- KANT, Emmanuel. *Os pensadores*. São Paulo: Editora Nova Cultura Ltda., 2000.
- KIERKEGAARD, Soren A. *As Obras do Amor*. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2005.
- LACAN, Jacques. *O Seminário*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora Ltda., 1995.
- LAPLANCE, J.; PONTALIS, J.B. *Vocabulário da Psicanálise*. São Paulo: Martins Fontes Editora, 1998.
- LINS, Ronaldo Lima. *A indiferença pós-moderna*. Rio de Janeiro: Editora UERJ. 1ª ed., 2006.
- LOCKE, John. *Os pensadores*. São Paulo: Editora Nova Cultura Ltda., 2000.
- MAGALHÃES, Francisco Mário Lima. *Design Inteligente*. São Paulo: Editora Reflexão, 2014.
- MAGEE, Bryan. *Confissões de um Filósofo*. Tradução Waldeia Barcellos. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- MARQUES & COUTINHO. *Compêndio de Religião e Espiritualidade*. São Paulo: Ícone Editora, 1ª edição, 2010.

- MARTINS, André e outros organizadores. *As ilusões do Eu – Spinoza e Nietzsche*. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 2011.
- MARTON, Scarlett. *Nietzsche*. São Paulo: Editora brasiliense, 1982.
- MELLO, A. da Silva. *Ilusões da Psicanálise*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1967.
- MORENO, J.L. *Psico Drama*. São Paulo: Editora Pensamento-Cultura Cultrix. Trad.: Alvaro Cabral. 14ª ed., 1975.
- MOSER, Paul k. *Jesus e a Filosofia*. São Paulo: Madras Editora Ltda., 2010.
- NIEMEYER, Christian (org.). *Léxico de Nietzsche*. São Paulo: Edições Loyola, 2011.
- NIETZSCHE, Friedrich. *Os pensadores*. São Paulo: Editora Nova Cultura Ltda., 2000.
- O LIVRO DE OURO DA MITOLOGIA GREGA. Trad. David Jardim Júnior. Rio de Janeiro: Editora Tecnoprint, 1965.
- OLSON, Roger. *História das Controvérsias na Teologia Cristã*. São Paulo: Editora Vida, 2003.
- PADOVANI e CASTAGNOLA. *História da Filosofia*. São Paulo: Ed. Melhoramentos, 1993.
- PASSMORE, John. *A perfectibilidade do homem*. Tradução Jesualdo Correia. Rio de Janeiro: Editora TopBooks, 2004.
- PICHON-RIVIÈRE, Enrique. *Teoria do Vínculo*. São Paulo: Ed. Martins Fontes, 2002.
- PLATÃO. *A República de Platão (Diálogos III)* – Trad. Leonel Vallandro. São Paulo: Editora Globo S.A, SP, 2009.
- PLATÃO. *Os pensadores*. São Paulo: Editora Nova Cultura Ltda., 1996.
- RAWLS, John. *Uma Teoria da Justiça*. São Paulo: Martins Editora Livraria Ltda., 2010.
- RIBEIRO, Lair. *Nova Perspectiva do Homem*. Rio de Janeiro: Editora do Autor, 1979.
- RIBOT, Théodule. *A lógica dos Sentimentos*. Rio de Janeiro: Editora UERJ, 2005.
- RIOS, Dermival Ribeiro. *Grande Dicionário Unificado da Língua Portuguesa*. São Paulo: DCL - Difusão Cultural do Livro Ltda., 2010.
- ROSSITER, Dr. Lyle H. *A Mente Esquerdista*. São Paulo: Vide Editorial, 2016.
- SAGAN, Carl. *Variedades da Experiência Científica*. Trad. Fernanda Ravagnani. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.
- SALOMÉ, Lou Andreas. *Minha vida*. Editada por Ernst Pfeiffer a partir das obras póstumas. Tradução: Nicolino Simone Neto e Valter Fernandes. São Paulo: Editora Brasiliense S.A, 1985.
- SANTOS, Milton. *Por uma outra globalização*. Rio de Janeiro: Record. 13ª ed., 2006.

- SARTRE, Jean-Paul. *O Ser e o Nada*. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 1997.
- SARTRE, Jean-Paul. *O Ser e o Nada*. Rio de Janeiro: Editora Vozes. Trad.: Paulo Perdigão. 1997.
- SCHOPEHAUER, Artur. *Os pensadores*. São Paulo: Editora Nova Cultura Ltda., 1999.
- SILVA, Deodato Vitor. *Os impasses do historicismo*. São Paulo: Editora Geordano Ltda., 1992.
- SILVA, João Carlos. *Por Amor à Sabedoria*. Lisboa-Portugal: Chiado Editora, 2015.
- SÓCRATES. *Os pensadores*. São Paulo: Editora Nova Cultura Ltda., 1996.
- SOLOMON, Robert. C. *O prazer da Filosofia*. Rio de Janeiro: Ed. Civilização Brasileira, 1999.
- SPINOZA, Baruc. *Os pensadores*. São Paulo: Editora Nova Cultura Ltda., 2000.
- STLOTTERDIJK, Peter. *O Quinto “Evangelho” de Nietzsche*. Rio de Janeiro: Ed. Tempo Brasileiro, 2004.
- TEIXEIRA, Aluísio, org. *Utópicos, Heréticos e Malditos*. Rio de Janeiro: Editora Record, 2002.
- TOURAINÉ, Alain. *Crítica da Modernidade*. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 1995.
- VICTÓRIA, Luiz A.P. *Dicionário Ilustrado da Mitologia*. Rio de Janeiro: Ediouro Editora, 2001.
- WALTER, Issacson. *Leonardo da Vinci*. Trad. André Czarnobai. Rio de Janeiro: Editora Intrínseca, 2017.
- WEBER, Max. *A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo*. São Paulo: Martin Claret, 2009.
- WIKIPÉDIA, a enciclopédia livre.

---

Este livro foi composto em Dante MT  
pela Editora Autografia e impresso  
em papel pólen soft 80 g/m<sup>2</sup>.

---

**DENILSON MARQUES**

**A SIMBOLOGIA DA  
SOBERBA HUMANA**

**VOLUME 3**

---

Neste terceiro volume, Denilson Marques propõe uma reflexão sobre Deus, o ser humano, o cosmo e a natureza, aproximando filosofia, teologia, literatura e psicanálise. O autor parte do exercício do pensamento para interrogar a existência, a fé e os limites da razão.

Em capítulos dedicados aos atos de Deus, ao pensar e existir, à fé, à santidade, à vida eterna, à morte e à celebração da vida, a obra confronta orgulho, vaidade, ambição e autoridade com humildade, espiritualidade e responsabilidade humana.

Dialogando com a tradição judaico-cristã e com pensadores do Ocidente e do Oriente, A Simbologia da Soberba Humana convida o leitor a rever certezas, reconhecer a própria fragilidade e buscar um conhecimento que una razão, experiência e fé. Mais do que oferecer respostas definitivas, o livro abre espaço para análise, debate e transformação interior.

---

**SOBRE O AUTOR**

Denilson Marques, também conhecido pelo pseudônimo Dante Negro, é escritor, poeta, ensaísta e artista plástico. Formado em Filosofia, Teologia e Psicanálise, dedica sua produção ao diálogo entre literatura, espiritualidade e ciências humanas.